

XVI Semana da Cultura Religiosa

Esperançar o mundo: Inovação, espiritualidade e ética.



06 a 10 de outubro de 2025, das 07 às 17h

Local: Auditório Del Castilho (RDC), PUC-Rio



ANAIS

Realização



DEPARTAMENTO DE
TEOLOGIA
PUC-Rio





ORGANIZAÇÃO ANAIS

Prof. Dr. ABIMAR OLIVEIRA DE MORAES

Prof. Me. CLAUDIO JACINTO DA SILVA

XVI SEMANA DA CULTURA RELIGIOSA

6 A 10 DE OUTUBRO DE 2025

ESPERANÇAR O MUNDO

INOVAÇÃO, ESPIRITUALIDADE E ÉTICA

REALIZAÇÃO



DEPARTAMENTO DE
TEOLOGIA
PUC-Rio





Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Departamento de Teologia
Setor de Cultura Religiosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

XVI SEMANA DA CULTURA RELIGIOSA DO SETOR DE CULTURA RELIGIOSA DO DEPARTAMENTO DE TEOLOGIA DA PUC-Rio. Esperançar o mundo Inovação, espiritualidade e ética. ANAIS DE CONGRESSO. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 6 a 10 de outubro de 2025. 1. Ed. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2025. p.130.

Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/>

Organizadores dos Anais: Abimar Oliveira de Moraes, Claudio Jacinto da Silva.

Diagramação e revisão final: Claudio Jacinto da Silva.

1. Teologia. 2. Ciência da Religião. 3. Cultura religiosa.
4. Estudos interdisciplinares sobre religião.

CDD: 200 (16^a ed)

A revisão textual dos manuscritos originais é de responsabilidade de seus respectivos autores.

COMITÊ DE ORGANIZAÇÃO

Comitê Executivo

- Prof. Dr. Pe. Abimar Oliveira de Moraes.
- Prof. Dr. Pe. Anderson Batista Monteiro
- Prof.^a Dr. ^a Andréia Durval Gripp Souza.
- Prof. Dr. Pe. Donizete Luiz Ribeiro.
- Prof.^a Dr. ^a Eva Aparecida Rezende de Moraes.
- Prof. Dr. Pe. José Abel de Sousa.
- Prof. Dr. Marco Antonio Gusmão Bonelli.
- Prof. Dr. Marcos Morais Bejarano.
- Prof.^a Dr. ^a Mônica Baptista Campos.
- Prof.^a Dr. ^a Patrícia Cristina Rodrigues.
- Prof. Dr. Renato da Silveira Borges Neto.
- Prof. Dr. Sergio Gonçalves Mendes.
- Prof.^a Dr. ^a Solange das Graças Martinez Saraceni
- Prof.^a Dr. ^a Vera Maria Lanzillotta Baldez Boing.
- Prof. Me. Claudio Jacinto da Silva.
- Prof. Alexandre Souza Chaves.

COMITÊ CIENTÍFICO

- Prof. Dr. Pe. Abimar Oliveira de Moraes.
- Prof. Dr. Pe. Anderson Batista Monteiro
- Prof.^a Dr. ^a Andréia Durval Gripp Souza.
- Prof. Dr. Pe. Donizete Luiz Ribeiro.
- Prof.^a Dr. ^a Eva Aparecida Rezende de Moraes.
- Prof. Dr. Pe. José Abel de Sousa.
- Prof. Dr. Marco Antonio Gusmão Bonelli.
- Prof. Dr. Marcos Morais Bejarano.
- Prof.^a Dr. ^a Mônica Baptista Campos.
- Prof.^a Dr. ^a Patrícia Cristina Rodrigues.
- Prof. Dr. Renato da Silveira Borges Neto.
- Prof. Dr. Sergio Gonçalves Mendes.
- Prof.^a Dr. ^a Solange das Graças Martinez Saraceni
- Prof.^a Dr. ^a Vera Maria Lanzillotta Baldez Boing.
- Prof. Me. Claudio Jacinto da Silva.
- Prof. Alexandre Souza Chaves.

EQUIPE TÉCNICO-ADMINISTRATIVA

- Diego Almeida da Silva.
- Emanuel Carlos Cabral de Oliveira.
- Patrícia Helena Laranjeiras da Silva.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Pág. 11

1 - MESAS TEMÁTICAS

Pág. 12

COMBATE AOS CRIMES CIBERNÉTICOS: PARA ALIMENTAR A ESPERANÇA EM UM MUNDO MELHOR.

Dr.ª Bianca Freire.

Pág. 12

ÉTICA NA COMUNICAÇÃO, FAKE NEWS E DIREITO À VERDADE.

Prof.ª Dra. Magali Cunha.

Pág. 13

AMAZÔNIA E MUDANÇAS CLIMÁTICAS: O PAPEL DO BRASIL NA PROTEÇÃO DA NOSSA CASA COMUM.

Gabriela Zangiski (Climate Policy Initiative).

Pág. 14

ESPERANÇAR NUM MUNDO QUE EXPERIMENTA INDIFERENÇA E IMPOTÊNCIA.

Pe. Josafá Carlos de Siqueira, S.J (Ex-Reitor da PUC-Rio e Vigário Episcopal do Vicariato Episcopal para o Meio Ambiente e Sustentabilidade).

Pág. 15

ESPIRITUALIDADE E SENTIDO DA VIDA ATUAL.

Dr.ª Lisa Valéria Torres (PUC-Goiás).

Me. Natasha Ribeiro (PUC-Rio).

Pág. 16

INOVAÇÃO, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO.

Ma. Cristiane Sanches da Silva

Prof.ª Ma. Glória Fátima

Pág. 17

BIOFILIA: CONHECENDO O CAMPUS DA PUC PARA ESPERANÇAR A JUVENTUDE.

Prof. Alexandre Chaves (PUC-Rio)

Pág. 18

ENTRE O SONHO UNIVERSITÁRIO E O DIPLOMA: PERMANÊNCIA, ESPERANÇA E ESPIRITUALIDADE NO COTIDIANO.

Elaine de Azevedo Maria.

Pág. 19

ESPIRITUALIDADE E SENTIDO DA VIDA ATUAL.

Dr.ª Valéria Leal (PUC-Rio).

Me. Ricardo de Carvalho (PUC-Campinas).

Pág. 20

LITERATURA E ESPERANÇA.

Prof.ª Dr.ª Eliana Yunes (PUC-Rio).

Pedro Edson Constant.

Pág. 21

JUVENTUDES CONECTADAS: NEURODESENVOLVIMENTO E

TECNOLOGIAS EM TRANSFORMAÇÃO.

Pág. 22

Palestrante: Dr.ª Patrícia Bado (PUC-Rio).

ESPERANÇANDO O BRASIL PRETO: REPARAÇÃO RACIAL COMO
ATO ESPIRITUAL, POLÍTICO E ACADÊMICO.

Prof. Pe. Dr. Márcio Vinícius dos Santos Delphim (PUG-Roma)

Pág. 23

ESPIRITUALIDADE NO ISLÂMICO.

Palestrante: Prof. Filipe Karim de Azevedo

Pág. 24

PACTO INTER-RELIGIOSO DE COMBATE À FOME.

Pastor e Deputado Federal Henrique Vieira

Deputada Estadual Renata Souza

Pág. 25

2 - JORNADAS DE EXTENSÃO

Pág. 26

CRE1200 – O HUMANO E O FENÔMENO RELIGIOSO

Parceria Institucional: CONEPLIR-RJ

Pág. 26

CRE0712 – DISCIPLINAS OPTATIVAS DE CRISTIANISMO

Parceria Institucional: REPAM-Brasil

Pág. 27

CRE1241 - ÉTICA CRISTÃ

Parceria Institucional: Consórcio Cristo Redentor

Pág. 28

CRE1275 - ÉTICA SOCIOAMBIENTAL E DIREITOS HUMANOS

Parceria Institucional: CPAM/ PREAM

Pág. 29

3 - SESSÃO DE COMUNICAÇÕES

Pág. 30

A - Moderador: Prof. Dr. MARCOS ANTÔNIO GUSMÃO BONELLI.

ESCATOLOGIA PENTECOSTAL E A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Ediudson da Silva Fontes

Pág. 31

DEUS, UMA QUESTÃO PARA A NEUROCIÊNCIA?

Alessandro Tavares Alves

Pág. 34

ENTRE O CUIDADO E A ESPERANÇA: ESPIRITUALIDADE E
SAÚDE EM CONTEXTOS EMBARCADOS

José Maria Gomes de Oliveira

Pág. 38

AS CONTRIBUIÇÕES DO PACTO EDUCATIVO GLOBAL E DO ANO
JUBILAR DA ESPERANÇA NA MISSÃO PROFÉTICA DA IGREJA

Ricardo dos Santos Pessoa

Pág. 41

ESPERANÇAR A SAÚDE MENTAL: NEUROCIÊNCIA,
ESPIRITUALIDADE E ÉTICA NA PREVENÇÃO DO ALZHEIMER
Rosangela Haydem Campinho Torres

Pág. 48

B - Moderador: Prof. Ms. CLAUDIO JACINTO DA SILVA.
DO CONTROLE DAS FACÇÕES À AÇÃO COMUNITÁRIA: O
ESPERANÇAR COMO CAMINHO DE RESISTÊNCIA
Isaque Augusto Couto Santos de Oliveira / Júlia Maria Sobrinho /
Sarah Cortez da Rocha

Pág. 51

ESPERANÇAR EM TERRITÓRIO MILITAR. A CAPELANIA COMO
ESPAÇO DE DIÁLOGO, HUMANIZAÇÃO E ESPERANÇA ATIVA
Israel Trotta

Pág. 58

PROJETO VIDANÇAR: ARTE-EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTO
DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL
Joycellene Vicente dos Santos de Sena / Andrea Oliveira da Silva

Pág. 63

SAMBA, RÉVEILLON e RESISTÊNCIA CULTURAL: RELIGIÕES
AFRO-BRASILEIRAS NO RIO DE JANEIRO
Roberto Vilela Elias

Pág. 68

A IMAGO DEI COMO CONFORMAÇÃO DO SER HUMANO À
IMAGEM DO FILHO GERADO DO PAI
Sergio Nascimento da Costa

Pág. 72

C - Moderador: Prof. ALEXANDRE SOUZA CHAVES
ECOLOGIA E EVANGELIZAÇÃO: CAMINHOS DE
SUSTENTABILIDADE DESDE A DIOCESE DE IPIALES
José Alexander Flórez Guerrero

Pág. 77

ESPERANÇAR NA PRÁTICA DO PRIMEIRO MANDAMENTO
DA CULTURA DO ENCONTRO ÀS AÇÕES COMUNITÁRIAS
Flávia Peixoto Mascarenhas

Pág. 82

CRISTIANISMO DIGITALIZADO: INTOLERÂNCIA RELIGIOSA,
VIOLÊNCIA SIMBÓLICA E DESINFORMAÇÃO NAS REDES SOCIAIS
Lourdes Maria Alves / Lívia Batista de Barros

Pág. 85

ESPERANÇAR NA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL. A EXPERIÊNCIA DA
MORADA DA ESPERANÇA COMO EXPRESSÃO DE ESPIRITUALIDADE E
ÉTICA NA PRÁTICA SOCIAL
Camila Costa Elias

Pág. 88

ESPERANÇAR NA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Raquel Cynthia do Nascimento Barbosa

Pág. 92

D - Moderador: Prof. Dr. RENATO DA S. BORGES NETO

**ESPERANÇAR NA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL NO PENSAMENTO
DOS PADRES CAPADÓCIOS**

Adriano Gomes Soares Pessanha

Pág. 98

**ESPERANÇAR OU DESESPERANÇAR O MUNDO: PAULO E
SÊNECA DOIS CAMINHOS DIALÓGICOS EM REFLEXÃO**

Eliseu Fernandes Gonçalves

Pág. 104

**INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E ÉTICA CRISTÃ: LIMITES HUMANOS E
TECNOLÓGICOS**

Thadeu Cavalcanti Carrera Tavares

Pág. 113

**DIREITO, ÉTICA E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL. ESPERANÇAR O
FUTURO TECNOLÓGICO**

Julia Batista Vilela

Pág. 118

**A ESTÉTICA DA ESPERANÇA. CAMINHOS PARA A
TRANSFORMAÇÃO SOCIAL**

Kristoforus Muit

Pág. 123

4 – SESSÃO DE ENCERRAMENTO

Pág. 130

APRESENTAÇÃO

De 6 a 10 de outubro de 2025, realizou-se a XVI Semana da Cultura Religiosa da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), promovida pelo Setor de Cultura Religiosa do Departamento de Teologia. Nesta edição, o evento teve como tema “Esperançar o Mundo: Inovação, Espiritualidade e Ética”, reafirmando o compromisso da Universidade com a formação integral e com o diálogo entre fé, cultura e sociedade em um tempo marcado por desafios éticos e tecnológicos.

A Semana da Cultura Religiosa constitui um espaço privilegiado de integração entre ensino, pesquisa e extensão, reunindo docentes, discentes e comunidade externa em torno da reflexão sobre a dimensão religiosa e seus impactos na vida social. Essa iniciativa está em consonância com o processo de curricularização das atividades de extensão na PUC-Rio, que busca fortalecer a articulação entre o conhecimento acadêmico e a transformação da realidade social.

O evento contou com uma ampla programação, que incluiu uma Sessão de Abertura, abrilhantada pelas presenças do Grão-chanceler da PUC-Rio, Cardeal Dom Orani João Tempesta, e do Reitor da PUC-Rio, Pe. Anderson Antônio Pedroso, S.J., Sessões de Comunicações, Mesas Temáticas, Jornadas de Extensão e uma Sessão de Encerramento, reunindo professores, estudantes e pesquisadores do Setor de Cultura Religiosa e de diversas áreas do conhecimento. A proposta da Semana foi aprofundar o diálogo entre fé, ciência e sociedade, destacando experiências que articulam espiritualidade, ética e inovação como caminhos para a transformação social. A partir da inspiração do verbo *esperançar*, a XVI Semana buscou promover um espaço de encontro e escuta, onde a reflexão acadêmica se une à prática extensionista e ao compromisso com a construção de um mundo mais justo, solidário e sustentável.

Como resultado dessa rica experiência de partilha e construção coletiva, apresentamos ao público os Anais da XVI Semana da Cultura Religiosa. O material apresentado expressa a vitalidade da reflexão teológica e interdisciplinar promovida na PUC-Rio e pretende inspirar novas práticas acadêmicas, pastorais e sociais comprometidas com a promoção da esperança, da ética e da vida em plenitude.

COMITÊ DE ORGANIZAÇÃO

XVI Semana da Cultura Religiosa – PUC-Rio
Rio de Janeiro, 26 de outubro de 2025

1 – Mesas Temáticas

Mesa Temática:

Combate aos crimes cibernéticos:
para alimentar a esperança
em um mundo melhor

Palestrante: Dra. Bianca Freire

07 de outubro, às 07h | RDC PUC-Rio



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO (PUC-Rio). XVI Semana da Cultura Religiosa – Sessão de Comunicações. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2025. Disponível em: <https://youtu.be/RiFQ5St6ZuA>. Acesso em: 24 out. 2025.

Mesa Temática:
Ética na comunicação,
Fake news e Direito
à Verdade

Prof. Dra. Magali Cunha
07 de outubro, às 11h | RDC PUC-Rio



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO (PUC-Rio). XVI Semana da Cultura Religiosa – Sessão de Comunicações. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2025. Disponível em: <https://youtu.be/tyTFO-Vtvs>. Acesso em: 24 out. 2025.

Mesa Temática:
Amazônia e Mudanças Climáticas:
O Papel do Brasil na Proteção da
Nossa Casa Comum



Palestrantes:
CPI (Climate Policy Initiative) - Gabriela Zangiski

07 de outubro, às 15h | RDC PUC-Rio



CLIMATE
POLICY
INITIATIVE

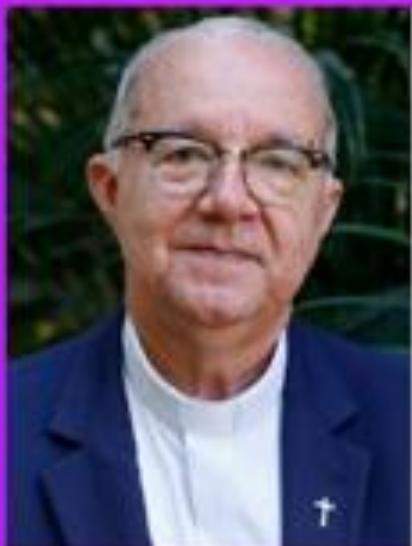


PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO (PUC-Rio). XVI Semana da Cultura Religiosa – Sessão de Comunicações. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2025. Disponível em: <https://youtu.be/32AB9PWBoz4>. Acesso em: 24 out. 2025.

Mesa Temática:
Esperançar Num Mundo Que
Experimenta Indiferença e Impotência

Palestrantes:
VEMAS (Vicariato Episcopal para o Meio Ambiente e Sustentabilidade) - Pe. Josafá Carlos de Siqueira

07 de outubro, às 15h | RDC PUC-Rio



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO (PUC-Rio). XVI Semana da Cultura Religiosa – Sessão de Comunicações. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2025. Disponível em: <https://youtu.be/jbzOxFLjyXU>. Acesso em: 24 out. 2025.

Mesa Temática: Espiritualidade e Sentido da Vida Atual



Palestrantes: Me. Natasha Ribeiro (PUC-Rio)
Dra Lisa Valéria Torres (PUC Goiás)

08 de outubro, às 07h | RDC PUC-Rio



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO (PUC-Rio). XVI Semana da Cultura Religiosa – Sessão de Comunicações. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2025. Disponível em: <https://youtu.be/vVYEWJLHsUU>. Acesso em: 24 out. 2025.

Mesa Temática: Inovação, Tecnologia e Educação



Palestrantes: Ms. Cristiane Sanches da Silva
Profa. Ms. Glória Fátima

08 de outubro, às 13h | RDC PUC-Rio



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO (PUC-Rio). XVI Semana da Cultura Religiosa – Sessão de Comunicações. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2025.
Disponível em: <https://youtu.be/WjCiC42PGjY>. Acesso em: 24 out. 2025.

BIOFILIA:
Conhecendo o Campus da PUC
Para Esperançar a Juventude



Palestrante: Prof. Alexandre Chaves
(Percorso biofilico no campus da PUC)
08 de outubro, às 15h | RDC PUC-Rio



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO (PUC-Rio). XVI Semana da Cultura Religiosa – Sessão de Comunicações. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2025. Disponível em: <https://youtu.be/v3n6vX82ug0>. Acesso em: 24 out. 2025.

Mesa Temática:
Entre o sonho universitário e o diploma: permanência, esperança e espiritualidade no cotidiano



Palestrante: Elaine de Azevedo Maria
09 de outubro, às 07h | RDC PUC-Rio



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO (PUC-Rio). XVI Semana da Cultura Religiosa – Sessão de Comunicações. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2025. Disponível em: <https://youtu.be/FBKsKhWLo4U>. Acesso em: 24 out. 2025.

Mesa Temática: Espiritualidade e Sentido da Vida Atual

Palestrantes: Dra. Valéria Leal (PUC-Rio)
Me. Ricardo de Carvalho (PUC Campinas)

09 de outubro, às 09h | RDC PUC-Rio



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO (PUC-Rio). XVI Semana da Cultura Religiosa – Sessão de Comunicações. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2025. Disponível em: <https://youtu.be/eBbUUM7CbWA>. Acesso em: 24 out. 2025.

Mesa Temática: Literatura e Esperança



Prof. Dra. Eliana Yunes e Pedro Edson Constant
09 de outubro, às 11h | RDC PUC-Rio



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO (PUC-Rio). XVI Semana da Cultura Religiosa – Sessão de Comunicações. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2025. Disponível em: <https://youtu.be/M03YA8gGzsq>. Acesso em: 24 out. 2025.

**Mesa Temática:
Juventudes Conectadas:
Neurodesenvolvimento e
Tecnologias em Transformação**

Palestrante: Dra. Patrícia Bado
09 de outubro, às 13h | RDC PUC-Rio



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO (PUC-Rio). XVI Semana da Cultura Religiosa – Sessão de Comunicações. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2025.
Disponível em: <https://youtu.be/gzDgBEex5AU>. Acesso em: 24 out. 2025.

Mesa Temática:
Esperançando o Brasil preto:
Reparação Racial como
Ato Espiritual, Político e Acadêmico

Prof. Pe. Dr. Márcio Vinícius dos Santos Delphim

09 de outubro, às 15h | RDC PUC-Rio



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO (PUC-Rio). XVI Semana da Cultura Religiosa – Sessão de Comunicações. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2025. Disponível em: <https://youtu.be/brB9062d1JE>. Acesso em: 24 out. 2025.

Mesa Temática: Espiritualidade no Islã

Palestrante: Prof. Filipe Karim de Azevedo

10 de outubro, às 07h | RDC PUC-Rio



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO (PUC-Rio). XVI Semana da Cultura Religiosa – Sessão de Comunicações. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2025. Disponível em: <https://youtu.be/WfZFcZnv3c>. Acesso em: 24 out. 2025.

Mesa Temática: Pacto Inter-Religioso de Combate à Fome

Deputado Federal e Pastor Henrique Vieira

Deputada Estadual Renata Souza

10 de outubro, às 11h | RDC PUC-Rio



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO (PUC-Rio). XVI
Semana da Cultura Religiosa – Sessão de Comunicações. Rio de Janeiro: PUC-Rio,
2025. Disponível em: <https://youtu.be/XvSICJSB0Us>. Acesso em: 24 out. 2025.

2 – Jornadas de Extensão

Jornada

**Jornada de Extensão da
Disciplina CRE 1200
O Humano e o Fenômeno Religioso**

Og Azevedo Sperle (Presidente)

Justino Carvalho (Vice-Presidente)

Alexandre Pereira da Silva (2º Secretário)

Mediação: Prof. Renato da Silveira Borges Neto

08 de outubro de 2025, às 11h

Local: Auditório do RDC PUC-Rio



CONEPLIR

**CONSELHO ESTADUAL DE DEFESA E
PROMOÇÃO DA LIBERDADE RELIGIOSA**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO (PUC-Rio). XVI Semana da Cultura Religiosa – Sessão de Comunicações. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2025. Disponível em: <https://youtu.be/xYwqUjHDaR4>. Acesso em: 24 out. 2025.

Jornada

Jornada de Extensão das Disciplinas CRE 0712 Optativas de Cristianismo



Arlete Gomes

Coordenadora de Projetos Socioambientais da REPAM-Brasil

Mediação: Prof. Claudio Jacinto da Silva

08 de outubro de 2025, quarta feira, às 9h

Local: Auditório do RDC PUC-Rio



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO (PUC-Rio). XVI Semana da Cultura Religiosa – Sessão de Comunicações. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2025. Disponível em: https://youtu.be/3AawE0kCY_4. Acesso em: 24 out. 2025.

Jornada de Extensão da disciplina CRE 1241

Bianca Cardoso, Lucas Machado da Silva
e Silvia Helena Gonzaga

Santuário Cristo Redentor

Mediação: Profa. Mônica Campos

07 de outubro de 2025, às 09h | RDC PUC-Rio



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO (PUC-Rio). XVI Semana da Cultura Religiosa – Sessão de Comunicações. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2025. Disponível em: <https://youtu.be/EcLYagkLdeI>. Acesso em: 24 out. 2025.

Jornada

**3^a Jornada de Extensão da
Disciplina CRE 1275
Ética Socioambiental e
Direitos Humanos**

Tenente Camila Almeida | PREAM

CPAM – Comando de Polícia Ambiental
da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro

Mediação: Profa. Eva Aparecida Rezende de Moraes

10 de outubro de 2025, às 9h

Local: Auditório do RDC



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO (PUC-Rio). XVI Semana da Cultura Religiosa – Sessão de Comunicações. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2025. Disponível em: <https://youtu.be/R7uB6YJVMEd>. Acesso em: 24 out. 2025.

Sessão de Comunicações



A – Segunda-feira, dia 6 de outubro de 2025, às 15h.

Moderador: Prof. Dr. MARCOS ANTÔNIO GUSMÃO BONELLI.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO (PUC-Rio). XVI Semana da Cultura Religiosa – Sessão de Comunicações. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nwRxlUsZzhc>. Acesso em: 24 out. 2025.

1 - ESCATOLOGIA PENTECOSTAL E A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Ediudson da Silva Fontes - Mestrando em Teologia Sistemática Pastoral, PUC-Rio.

Email: ediudsonfomtes@yahoo.com

Eixo: Esperançar na Transformação Social.

Resumo

A escatologia pentecostal é geralmente associada a uma expectativa futura da volta de Cristo e ao juízo final. Contudo, essa esperança não se restringe ao “porvir”; ela molda práticas no presente, oferecendo uma visão transformadora da realidade social. O pentecostalismo, desde suas origens, enfatiza a atuação do Espírito Santo como antecipação do Reino de Deus, promovendo sinais de restauração, cura e reconciliação. Nesse sentido, a escatologia não é apenas contemplativa, mas mobilizadora, pois convoca os fiéis a viverem como testemunhas de uma nova criação já inaugurada em Cristo. A esperança futura se torna força ética e espiritual para a promoção da justiça, da solidariedade e da paz em meio às desigualdades sociais. Assim, a escatologia pentecostal articula-se com a transformação social, propondo que a espera pelo Reino definitivo seja acompanhada por práticas concretas de misericórdia, cuidado com os pobres e engajamento comunitário. Este trabalho busca analisar essa relação entre fé escatológica e compromisso social, destacando sua relevância no contexto contemporâneo de crise ética, desigualdade e desafios ambientais.

Palavras-chave: escatologia. Pentecostalismo. Transformação social. Esperança, Ética.

1. Introdução

A tradição pentecostal brasileira é marcada pela expectativa escatológica, frequentemente centrada na iminente volta de Cristo. Entretanto, compreender essa dimensão apenas como futuro distante é reduzir sua potência transformadora. O presente estudo parte da hipótese de

que a escatologia pentecostal possui implicações imediatas para a vida social, inspirando práticas de justiça, solidariedade e cuidado com os vulneráveis.

2. Metodologia

A pesquisa se fundamenta em abordagem bibliográfica, com diálogo entre autores clássicos do pentecostalismo (Stanley Horton, e Myer Pearlman) e perspectivas contemporâneas de teologia pentecostal contextual (como Amos Yong e Moltmann). O método adotado é analítico-descritivo, com releitura teológica da escatologia pentecostal à luz da transformação social.

3. Resultados e Discussão

3.1. Escatologia e Espírito Santo: o pentecostalismo entende a presença do Espírito como antecipação do Reino, criando sinais visíveis de transformação no mundo presente.

3.2. Esperança como compromisso: a esperança futura fortalece práticas de misericórdia e compromisso social, especialmente em contextos de pobreza e exclusão.

3.3. Transformação social: a espiritualidade pentecostal, quando orientada pela ética do Reino, gera impactos sociais, como movimentos de assistência, promoção da cidadania e cuidado com a criação.

3.4. Desafios contemporâneos: a relação entre escatologia e transformação social deve enfrentar questões como mudanças climáticas, desigualdades estruturais e o risco do escapismo religioso.

4. Conclusão

A escatologia pentecostal, ao articular esperança futura e ação presente, revela-se um instrumento teológico de transformação social. A espera pela consumação do Reino não conduz à inércia, mas ao engajamento. Assim, o pentecostalismo oferece à sociedade contemporânea uma espiritualidade capaz de unir fé, ética e compromisso com o bem comum.

5. Referências

CARVALHO e CARVALHO, César Moises e Céfora. Teologia Sistemática – Carismática. Rio de Janeiro: Tomas Nelson Brasil, 2022.

FRANCISCO, Papa. Carta encíclica Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum. Cidade do Vaticano, 24 maio 2015. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 25 set. 2025.

HORTON, Stanley. Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

KESSLER, H. (Org.). *Manual de Dogmática*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*. São Paulo: Loyola, 2005.

PEARLMAN, Myer. *Conhecendo as Doutrinas da Bíblia*. São Paulo: Vida, 2003.

YONG, Amos. *In the Days of Caesar: Pentecostalism and Political Theology*. Grand Rapids: Eerdmans, 2010.

2 - DEUS, UMA QUESTÃO PARA A NEUROCIÊNCIA?

Alessandro Tavares Alves - Graduado em Filosofia e Teologia pela UNIACADEMIA/JF-MG.

E-mail: alessandrotav89@gmail.com

Eixo: Esperançar com as humanidades.

Resumo

A interdisciplinaridade é um caminho positivo para as novas descobertas. As ciências, quando compreendem sua vocação mais profunda que é o diálogo recíproco e não a disputa para anular argumentos, favorece sempre o conhecimento e sua busca. Sempre é possível acrescentar um novo conhecimento e elaborar bons argumentos sobre eles. Neurociência e Teologia são áreas fecundas de diálogo, podendo oferecer densas contribuições, pois ambas, a partir de seu ponto de vista, possuem o ser humano como denominador comum. Como pano de fundo de sua discussão. Não se trata de meramente buscar o ponto de Deus no cérebro ou de pensar a experiência religiosa de um ponto de vista fenomenológico simplesmente. Mas, estabelecer cuidadosamente um olhar atento sobre todas as possibilidades de entender melhor o ser humano que faz a experiência de fé, e, com a fé, a esperança capaz de modificar a vida. Escondida atrás de toda experiência há uma subjetividade indagante, sedenta de respostas para a compreensão de si mesma. Esse fato proporciona um novo olhar para si mesmo e para o outro. Neurociência e Teologia são caminhos capazes de levar o homem ao conhecimento de si enquanto sujeito existencialmente crente.

Palavras-chave: Neurociência. Teologia. Esperança. Deus. Cérebro.

1. Introdução

Essa comunicação deseja apresentar o diálogo, mas ainda mais, a necessidade dele, entre Teologia e Neurociência. O substrato de toda discussão científica é sempre o ser humano, o que o rodeia, o que o humaniza ou o desumaniza, o que lhe dá sentido e esperança. E, antes de tudo, é o ser humano que pesquisa, que deseja conhecer e também, deseja conhecer-se. A neurociência ou as neurociências vêm se despondo como um caminho fundamental para isso. O interesse em estudar o cérebro tem crescido muito, tornando-o (o cérebro) um ponto de discussão interessante. A Teologia, que tem interesse em tudo o que é humano, quer

entender o sujeito crente e o que ocorre em sua subjetividade quando ele crê, quando reza. Em toda capacidade de crer subjaz um conjunto de estruturas que se ativam e que sustentam tal capacidade.

2. Metodologia

A metodologia utilizada é a revisão de literatura teológica e neurocientífica no intuito de perceber o sujeito que crê e as mudanças causadas nele exatamente pelo próprio ato de crer e expressar sua crença. Há pesquisas nesse campo que demonstram a modificação da atividade cerebral quando o ser humano reza e se conecta com o Transcendente. Para tanto, a leitura de neuroimagens e a revisão de literatura auxiliam nessa percepção de que há alterações bioquímicas no cérebro quando há o exercício do ato de crer, de professar fé.

3. Resultados e discussão

A Teologia pensa o homem a partir das premissas da fé, tanto que não se trata de ciência da religião, mas de Teologia mesmo, não se restringe a uma análise fenomenológica da fé, mas sim uma percepção do crer, do sujeito que crê e os efeitos disso na vida do sujeito crente. A esperança é que o move e que não deixa a vida sofrer a patologia do vazio. O homem é criatura e quanto tal deve ser percebido.

A neurociência observa o ser humano a partir do sistema nervoso, enquanto o sistema que integra a pessoa. A pessoa não se reduz ao seu sistema neurobiológico, mas tal sistema é um sistema de máxima importância, que integra toda a pessoa humana. A fé não é questão do cérebro, mas da pessoa.

Com efeito, é oportuno pensar a pessoa a partir desse dado. O estudo do cérebro é sempre ponto de partida e nunca ponto de chegada. Não permite uma visão reducionista, mas o espectro argumentativo se alarga à medida que se busca conhecer e entender que o homem é sempre algo mais do que a física o apresenta.

Entretanto, o homem é muito mais que mero intelecto, mais do que computadores humanos com capacidade de decisões. Quanto mais se estuda sobre o cérebro, mais segredos se desvenda sobre a natureza dos seres humanos, do Universo, do propósito da nossa vida e da possível existência de algo além do visível. A neurociência não é apenas o estudo do cérebro: é um instrumento com o qual podemos tornar o invisível visível. “Ao investigar o cérebro humano, podemos descobrir mais sobre a natureza da fé, da crença e da esperança. Assim, existem evidências racionais e lógicas que podem nos ajudar a responder os grandes segredos da vida” (LOMBARD, 2018, p. 25-26).

O estudo do cérebro é promissor, grandes descobertas têm surgido daí favorecendo assim a humanização da medicina a passos largos. A compreensão cada vez mais madura do organismo humano torna a medicina da saúde mental cada vez mais personalizada. O estudo adequado e profundo da neurociência favorece a superação do monismo materialista que insiste na redução de tudo à circuitaria sináptica.

Alguns indagam se Deus criou o cérebro ou se o cérebro criou Deus. É uma indagação que impele o raciocínio sempre e estabelece um espaço para o avanço científico e, também a teologia, que é uma ciência com objeto e método próprio, dialoga com seus argumentos. Como fora citado anteriormente, é mensurada a atividade cerebral influenciada pela espiritualidade, pelo ato de crer.

Exames de neuroimagem já mapearam o cérebro durante atividades religiosas e evidenciaram o conjunto de circuitaria envolvido nesse processo. Nesse sentido, apraz sempre avançar na pesquisa para compreender melhor esses efeitos e seus benefícios para a saúde da pessoa. Não é o cérebro que reza, mas sim a pessoa inteira, tendo o sistema nervoso como sistema integrador do corpo humano.

A crença se manifesta no conjunto físico, na matéria, ou seja, no corpo. Há uma corporeidade que é ineliminável da dimensão humana e é percebida e integrada pelo Sistema Nervoso Central. Nesse sentido, perceber o estado mental durante a atividade espiritual é uma grande indagação para a neurociência.

Certamente a fé não pode ser reduzida às reações bioquímicas do cérebro, suas manifestações e efeitos são, evidentemente percebidos e sentidos pelas sinapses, mas elas não criam a fé. Esse debate se prolonga por vários anos e se estenderá por um bom tempo ainda. Nesse sentido é que a perspectiva interdisciplinar sobre o cérebro é oportuna. As ciências apresentam seus argumentos e dialogam no intuito de um conhecimento amadurecido sobre o ser humano, sobre a pessoa humana em seu sentido integral. Para que não se estude o cérebro como órgão isolado.

Deve-se cada vez mais estudar o sistema nervoso não como o definidor do homem, mas sim como aquela que integra todos os demais sistemas e aí sim, faz sentido sua compreensão na perspectiva da pessoa humana.

5. Referências

JAY, Lombard. A mente de Deus: o que as novas pesquisas da Neurociência revelam sobre a espiritualidade e a busca pela alma humana. São Paulo: Cultrix, 2018.

3 - ENTRE O CUIDADO E A ESPERANÇA: ESPIRITUALIDADE E SAÚDE EM CONTEXTOS EMBARCADOS

José Maria Gomes de Oliveira - Mestrando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória.

E-mail: oliveirajosebrasileiro@gmail.com

Eixo: Esperançar com a Ecologia e a Saúde.

Resumo

A vida embarcada em navios da Marinha do Brasil impõe desafios significativos à saúde física, emocional e espiritual dos militares, demandando práticas de cuidado que conciliem laicidade, pluralidade religiosa e bem-estar integral. Este trabalho, em diálogo com as Ciências das Religiões e as ciências humanas, analisa a contribuição da Capelania Naval embarcada como promotora de espiritualidade e saúde em contextos de confinamento. Inspirado em referenciais clássicos como Durkheim (coesão social), Berger (dossel sagrado), Eliade (sagrado/profano) e Otto (numinoso), bem como em contribuições contemporâneas de Bauman (modernidade líquida), Taylor (condição secular), Panikkar (pluralismo) e Küng (ética mundial), a pesquisa busca compreender como o cuidado espiritual se torna fator de resiliência e esperança ativa em ambientes operacionais. A metodologia é qualitativa e comparativa, com revisão bibliográfica, análise documental e estudo de modelos internacionais de capelania. Os resultados apontam para a necessidade de um Protocolo de Cuidado Espiritual que defina competências, estratégias de escuta e presença pastoral, favorecendo a saúde integral e a convivência plural. Conclui-se que a Capelania Naval, ao integrar espiritualidade e saúde em contextos embarcados, não apenas mitiga os impactos do confinamento, mas também se configura como espaço de esperançar o humano em sua dimensão integral.

Palavras-chave: Espiritualidade. Saúde Integral. Esperança.

1. Introdução

A proposta parte da constatação de que a vida embarcada é marcada por isolamento, alta exigência operacional e restrito acesso a recursos religiosos. Nesse cenário, a Capelania

Naval emerge como presença de cuidado, mediadora de significados e promotora de saúde integral, em consonância com a Organização Mundial da Saúde, que reconhece a espiritualidade como dimensão constitutiva da saúde. O desafio é compreender como esse cuidado pode se tornar fonte de esperança ativa, respeitando a laicidade e a diversidade cultural do ambiente militar.

2. Metodologia

A abordagem é qualitativa, interdisciplinar e aplicada. Inclui revisão bibliográfica de autores clássicos (Durkheim, Eliade, Otto, Berger, Weber) e contemporâneos (Bauman, Taylor, Dussel, Panikkar, Küng), análise documental de regulamentos e experiências da Capelania Naval, além de estudo comparativo de modelos internacionais de capelania. O método hermenêutico-compreensivo possibilita interpretar significados do cuidado espiritual, associado à metodologia da Religião Comparada.

3. Resultados e discussão

A análise evidencia que o confinamento e a pressão operacional impactam negativamente a saúde integral dos militares. Nesse contexto, a Capelania Naval, ao propor práticas de escuta ativa, presença pastoral e mediação cultural, atua como promotora de resiliência, coesão comunitária e esperança. O diálogo interdisciplinar indica a pertinência da construção de um Protocolo de Cuidado Espiritual para ambientes embarcados, capaz de orientar competências e estratégias aplicáveis em consonância com o respeito à laicidade e à pluralidade religiosa.

4. Conclusão

O estudo conclui que a Capelania Naval embarcada, ao integrar espiritualidade e saúde integral, pode contribuir significativamente para o fortalecimento da saúde em ambientes de confinamento. Mais que mitigar sofrimentos, o cuidado espiritual torna-se espaço de esperançar, no sentido de inspirar práticas éticas, inclusivas e inovadoras que reafirmam a dignidade humana. Dessa forma, a pesquisa se insere no debate da Semana da Cultura Religiosa, ao articular espiritualidade, ética e saúde em chave de esperança ativa.

5. Referências

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. BERGER, Peter L. O dossel sagrado. São Paulo: Paulus, 1985.

DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Martins Fontes, 1996. ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FRANKL, Viktor. Psicoterapia e sentido da vida. São Paulo: Quadrante, 1986. KOENIG, Harold. Medicina, religião e saúde. Porto Alegre: L&PM, 2012.

KÜNG, Hans. Projeto de uma ética mundial. Petrópolis: Vozes, 1992. OTTO, Rudolf. O sagrado. Petrópolis: Vozes, 2017.

PANIKKAR, Raimon. O diálogo intrarreligioso. São Paulo: Paulinas, 1998. TAYLOR, Charles. Uma era secular. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

TROTA, Israel Thiago. Raízes históricas e a atual missão do capelão naval. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Diretrizes sobre espiritualidade e cuidados paliativos. Genebra: OMS, 2018.

4 - AS CONTRIBUIÇÕES DO PACTO EDUCATIVO GLOBAL E DO ANO JUBILAR DA ESPERANÇA NA MISSÃO PROFÉTICA DA IGREJA

Ricardo dos Santos Pessoa - Pós-graduado em Gestão Pública pela Universidade do Estado do Amazonas.

E-mail: rdsp.adm@gmail.com.

Eixo: Esperançar na Transformação Social.

Resumo

O presente resumo tem por finalidade refletir o papel da Igreja como agente que inspira práticas de esperança ativa diante dos desafios globais e o faz, consciente que é Corpo Místico de Cristo e sinal profético de mudança. Permeia toda esta reflexão as contribuições do Concílio Vaticano II e as recentes iniciativas do Ano Jubilar da Esperança e do Pacto Educativo Global. A metodologia adotada é pesquisa bibliográfica e documental com fins hermenêuticos. As discussões mostram como a Igreja, ao assumir sua identidade enquanto sacramento de unidade, se solidariza com as angústias da humanidade, especialmente dos pobres e sofredores, tornando-se lugar de esperança. Para este intento, aponta-se para a educação, de modo particular para o Pacto Educativo Global, proposto pelo Papa Francisco, como via para esperançar a humanidade.

Palavras-chave: Papa Francisco. Jubileu da Esperança. Pacto Educativo Global. Eclesiologia. Educação.

1. Introdução

O Concílio Vaticano II apresentou de modo renovado a identidade da Igreja “como sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano”¹. Essa identidade implica que, em Cristo, a Igreja é convocada a ser sinal de reconciliação e esperança para a humanidade. Essa condição faz com que a Igreja se solidarize com “as angústias dos homens e mulheres de hoje sobretudo dos pobres e de todos

¹ Concílio Vaticano II, *Lumen Gentium*, n. 1.

aqueles que sofrem"², partilhando de seus sofrimentos e colocando-se a serviço da humanidade.

Sob esse aspecto, a Igreja se torna lugar profético de mudança e entende que a melhor maneira de sê-lo é “abrindo diálogo com todos os seres humanos a respeito de nossos problemas comuns, recorrendo à luz do Evangelho e se colocando a serviço do gênero humano, com as forças salutares que a Igreja, conduzida pelo Espírito Santo, recebeu de seu fundador”³.

Nos últimos anos, na pessoa do Papa Francisco, evidenciou-se ainda mais esse papel, reconhecendo que “todos temos uma responsabilidade pelo ferido que é o nosso povo e todos os povos da terra”⁴. É precisamente aí que a Igreja manifesta o primeiro sinal de seu profetismo, “estando próximo daqueles que se alegram e que choram”⁵ e o ajudando a dar significado ao seu sofrimento.

A Igreja também não está alheia a estes flagelos, pois também ela “nasce do mistério da Redenção na Cruz de Cristo”⁶. Este sinal profético de mudança se manifesta, pelo menos, de dois modos especiais. O primeiro é no apoio da cruz de Cristo e na união com o sofrimento, pois “a Igreja, que nasce do mistério da Redenção na Cruz de Cristo, tem o dever de procurar o encontro com o homem, de modo particular no caminho do seu sofrimento”⁷. O segundo é utilizando-se dos instrumentais da Igreja e é por meio destes que se responde “à solicitude pastoral da Igreja em sentido estrito e é também essencial para a edificação do reino”⁸.

Tendo exposto motivos para crer que a Igreja, “corpo místico de Cristo”⁹ manifesta sinais proféticos de mudança, cabe-nos sugerir alguns caminhos para este fim. A discussão sobre estes caminhos seguirá a seção ulterior onde será exposta a metodologia desta exposição. São eles: o Ano jubilar da Esperança e o Pacto Educativo Global (PEG).

2. Metodologia

Quanto à sua natureza bibliográfica e documental, o estudo apoia-se em fontes primárias, como documentos do Magistério Pontifício (especialmente os textos do Papa Francisco e do

² *Id., Gaudium et Spes*, n. 1.

³ *Ibid.*, n. 3.

⁴ Francisco, PP., *Fratelli Tutti*, n. 79.

⁵ Cf. Rm 12,15.

⁶ *Ibid.*, n., 3.

⁷ *Ibid.*, n. 3.

⁸ Szentmártoni, M., *Introdução à teologia Pastoral*, p. 53.

⁹ Concílio Vaticano II, *Lumen Gentium*, n. 9.

Concílio Vaticano II), e em fontes secundárias que abordam teologia pastoral e filosofia da educação.

Entende-se por pesquisa bibliográfica aquela que se desenvolve “com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”¹⁰. Nesse sentido a exposição apoiou-se em fontes primárias, tais como documentos pós-conciliares, encíclicas, as Sagradas Escrituras, etc. Quanto a sua natureza documental, embora semelhante à bibliográfica, diferencia-se por serem fontes secundárias ou por serem primárias que recebem “tratamento analítico diferenciado”¹¹. Enquadram-se nesse conceito as pesquisas feitas no *Instrumento Laboris*, nos discursos do Santo Padre, etc, “exigindo uma análise aprofundada de seu conteúdo original, longe de serem apenas material de leitura corrente”¹².

A natureza intrinsecamente qualitativa da pesquisa reside no seu “objetivo de explorar e interpretar conceitos complexos”¹³ e o papel da Igreja enquanto “sacramento de unidade e sinal profético de mudança”. O método qualitativo é frequentemente adotado em estudos que buscam aprofundamento e sentido, em contraste com a precisão estatística ou a quantificação de variáveis.

Finalmente, a abordagem hermenêutico-teológica, que “é a etapa mais complexa do processo de leitura das fontes, pois seu objetivo é justamente ir além da mera coleta e summarização”¹⁴ decorre da necessidade de compreender os documentos eclesiásicos como expressão viva da fé da Igreja e de sua missão profética.

1. O ANO JUBILAR DA ESPERANÇA

O Ano Jubilar da Esperança foi uma iniciativa do Papa Francisco que pretende, mediante reflexões e diálogo com a comunidade internacional, gerar ações concretas que o animem o mundo à esperança, afinal, “todos esperam e, no coração de cada pessoa, encerra-se a esperança como desejo e expectativa do bem”¹⁵, apesar das incertezas do mundo. Esta dicotomia não deve ser tratada como um malefício, pelo contrário, é uma oportunidade de perceber que é Deus quem toma a iniciativa de vir ao encontro do homem, e, assim

¹⁰ Gil, A., *Como elaborar projetos de pesquisa*, p. 113.

¹¹ *Ibid.*, p. 119.

¹² *Ibid.*, p. 114.

¹³ *Ibid.*, p. 374.

¹⁴ *Ibid.*, p. 223.

¹⁵ Francisco, PP., *Spes non confundit*, n. 1.

procedendo, somos capazes de ser “sinais palpáveis de esperança para muitos irmãos e irmãs que vivem em condições de dificuldade”¹⁶.

O Jubileu oferece algumas discussões temáticas que devem ser traduzidas em sinais de esperança. O primeiro deles é a paz no mundo, pois a necessidade da paz interpela a todos e impõe a prossecução de projetos. Acerca disso apela o Papa: “Que não falte o empenho da diplomacia para se construírem, de forma corajosa e criativa, espaços de negociação em vista duma paz duradoura”¹⁷. O segundo sinal é abertura a vida, fortemente desencorajada pelos modelos sociais que enfatizam a procura excessiva pelo lucro, pois, “é urgente que não lhes falte (às famílias) o apoio convicto das comunidades crentes e da inteira comunidade civil”¹⁸.

Os outros sinais apontam para aqueles que vivem privados de liberdade e os migrantes, que “além da dureza da reclusão, experimentam dia a dia o vazio afetivo”¹⁹; para os doentes, idosos e pobres, de modo que “os seus sofrimentos encontrem alívio na proximidade de pessoas que os visitem”²⁰; e para os jovens, que “muitas vezes veem desmoronar-se os seus sonhos. Não os podemos decepcionar, o futuro funda-se no seu entusiasmo. [...] Com renovada paixão, cuidemos dos adolescentes, dos estudantes, dos namorados, das gerações jovens!”²¹.

Na seara deste último sinal, providencialmente, o Papa propôs, 4 anos antes da abertura do Jubileu, um pacto global em prol da educação. A educação, no escopo pós-conciliar, já era vista como instrumento de mudança global, dada a “gravíssima importância da educação na vida do homem e a sua influência cada vez maior no progresso social do nosso tempo”²². Esperançar a partir da educação não é um caminho entre tantos, mas é ponto de partida para a mudança, especialmente porque a educação “não consiste em colocar o conhecimento na alma que nele não está, como se fosse colocar a visão em olhos cegos”²³, é, antes de tudo, remeter a algo originário do homem, pois ele “não pode tornar-se um verdadeiro homem senão pela educação”²⁴, ou seja, a educação revela ao homem quem ele é, a “educação não transforma o mundo; educação muda as pessoas; pessoas transformam o mundo”²⁵.

¹⁶ *Ibid.*, n.10.

¹⁷ *Ibid.*, n. 8.

¹⁸ *Ibid.*, n. 9.

¹⁹ *Ibid.*, n. 10.

²⁰ Francisco, PP., *Spes non confundit*, n. 11.

²¹ *Ibid.*, n. 12.

²² Paulo VI, PP., *Gravissimum educationis*, n. 1.

²³ Platão, A República, VII, 518c-d.

²⁴ Kant, I., *Sobre a pedagogia*, p. 15.

²⁵ Freire, P., *Educação e mudança*, p. 84.

É sob esta perspectiva que surge o PEG, como ferramenta de mudança social essencialmente vinculada à centralidade da pessoa. Para justificar esse pensamento, o Papa utiliza provérbio africano que diz que “para educar uma criança, é necessária uma aldeia inteira”²⁶, chamando esse modelo de “aldeia educativa”. Nela, “cada morador, com suas habilidades e possibilidades tem sua responsabilidade nos processos daquela comunidade”²⁷. Fazem parte dessa aldeia: a família, “onde se lançam os alicerces para o desenvolvimento cognitivo e social do ser humano”²⁸; a escola, que “amplia o repertório cultural para o espaço de convivência e diálogo com o mundo”²⁹ e a sociedade civil, que “pode tomar ações coletivas, gerar aprendizagens e saberes que promovam o desenvolvimento integral da pessoa”³⁰.

Além desta, o PEG possui outras marcas distintivas. São elas: a) uma educação que gere compromisso comunitário, “como Jesus se inclinou para lavar os pés dos Apóstolos”³¹; b) o desenvolvimento do pensamento crítico, capaz “dialogar sobre o modo como estamos a construir o futuro do planeta”³². Sob esta égide, deve-se considerar além do fator social, o antropológico e a Casa comum, uma vez que “a falta de cuidado da interioridade reflete-se numa falta de cuidado da exterioridade, e vice-versa”³³ e “o descuido no compromisso de cultivar um correto relacionamento com o próximo, destrói o relacionamento interior consigo mesmo, com os outros, com Deus e com a terra”³⁴.

Por fim, para que o PEG seja ferramenta efetiva, considere-se a busca do transcendente, o *sensus religiosus*, que está enraizado na natureza humana. Este ponto permite contemplar a educação como modo de esperançar o mundo. De um lado, tem-se o desejo do não crente de “animar uma inquietude estimulante sobre o sentido das coisas e da própria existência e do crente, o desejo de entrar na própria interioridade para conhecer e amar Deus”³⁵.

3. Conclusão

Ao término deste resumo, reconhece-se que a Igreja, Corpo Místico de Cristo, prolonga na história a missão salvífica de seu Fundador. Ela é sacramento de unidade e sinal profético de mudança. Essa missão não se limita ao espiritual, mas se traduz em iniciativas que respondem

²⁶ Francisco, PP., Mensagem para o lançamento do Pacto Educativo, 12 de setembro de 2019, online.

²⁷ CNBB; ANEC; CRB, Igreja no Brasil com o Papa Francisco, no Pacto Educativo Global: orientações gerais, p. 11.

²⁸ *Ibid.*, p. 12.

²⁹ *Ibid.*, p. 13.

³⁰ *Ibid.*, p. 16.

³¹ Francisco, PP., Mensagem para o lançamento do Pacto Educativo, 12 de setembro de 2019, online.

³² Francisco, PP., Discurso proferido no Encontro Religiões e Educação: Pacto Educativo Global, 5 out. 2021, online.

³³ Francisco, PP., *Laudato si*, n. 10.

³⁴ *Ibid.*, 10.

³⁵ Francisco, PP., Pacto educativo global: *Instrumentum Laboris*, p. 8-9.

às angústias do presente. O Ano Jubilar da Esperança, com seu apelo à reconciliação, solidariedade e justiça, e o Pacto Educativo Global, que propõe uma educação transformadora, são expressões desse profetismo e mostram como a Igreja contribui para esperançar o mundo

Assim, a Igreja manifesta de forma clara sua identidade e missão. Longe de ser abstrata, ela se encarna em caminhos que unem espiritualidade e compromisso social, oferecendo razões concretas para crer e viver a esperança que nasce em Cristo.

4. Referências

CNBB; ANEC; CRB. A Igreja no Brasil, com o Papa Francisco, no Pacto Educativo Global. Brasília: CNBB, 2020.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II.: Mensagens, Discursos, Documentos. São Paulo: Paulinas, 2007.

Francisco, PP. Carta Encíclica *Fratelli Tutti*. São Paulo: Paulus, 2020. (A voz do Papa, 210).

Francisco, PP. Carta Encíclica *Laudato Si'*. São Paulo: Paulus, 2015. (A voz do Papa, 201).

Francisco, PP. Discurso proferido no Encontro Religiões e Educação: Pacto Educativo Global, 5 out. 2021. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/october/documents/20211005-pattoeducativo-globale.html>. Acesso em: 9 set. 2025.

Francisco, PP. Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus, 2013. (A voz do Papa, 198).

Francisco, PP. Mensagem do Santo Padre para o lançamento do Pacto Educativo. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190912_messaggio-patto-educativo.html. Acesso em: 08 set. 2025.

Francisco, PP. Pacto educativo global: *Instrumentum Laboris*. 2019. Disponível em: <https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/instrumentum-laboris-pt.pdf>. Acesso em: 14 set. 2025.

Freire, P. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

Gil, Antônio Carlos., Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.

João Paulo II, PP. Carta apostólica *Salvifici doloris*: O sentido Cristão do sofrimento humano. São Paulo: Paulinas, 1998.

Kant, I. Sobre a Pedagogia. 5. ed. Trad. Francisco Cock Fontanella. Piracicaba, SP: Editora Unimep, 2006.

Paulo VI, PP. Declaração Gravissimum Educationis sobre a educação cristã, 1965. Disponível em: <https://bit.ly/3J4tsAG>. Acesso em: 18 set. 2025.

Szentmártoni, Mihály. Introdução à teologia pastoral. São Paulo: Loyola, 1999.

5 - ESPERANÇAR A SAÚDE MENTAL: NEUROCIÊNCIA, ESPIRITUALIDADE E ÉTICA NA PREVENÇÃO DO ALZHEIMER

Rosangela Haydem Campinho Torres – Graduanda em Neurociencias pela PUC-Rio.

E-mail: rosangelahaydem@gmail.com

Eixo: Esperançar com as Tecnologias.

Resumo

O avanço das doenças neurodegenerativas, como o Alzheimer, representa um dos maiores desafios da saúde global e da ética contemporânea, diante do envelhecimento populacional e do aumento das desigualdades sociais. Este trabalho propõe uma reflexão interdisciplinar sobre como a espiritualidade, aliada à inovação científica e às práticas de prevenção em saúde, pode constituir um caminho de esperança ativa para sociedades mais justas e inclusivas. A pesquisa parte de estudos em neurociência sobre fatores de risco modificáveis para o Alzheimer e integra perspectivas éticas e espirituais no cuidado do ser humano, com ênfase na responsabilidade coletiva de promover o bem-estar. A atividade prática desenvolvida em laboratório, criando linguagens simbólicas para responder “o que é aprender”, serviu como metáfora metodológica para compreender como novos sentidos podem emergir da integração entre ciência e espiritualidade. Conclui-se que “esperançar” o mundo pela saúde mental significa investir em políticas, práticas e narrativas que unam inovação tecnológica, valores éticos universais e espiritualidade, de modo a fortalecer a mente humana, prevenir sofrimentos futuros e sustentar a dignidade da vida.

Palavras-chave: Esperança. Neurociência. Espiritualidade. Ética. Prevenção do Alzheimer.

1. Introdução

O Alzheimer é uma das doenças neurodegenerativas de maior impacto global, com estimativa da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2017) de que os casos triplicarão até 2050. O avanço da demência representa não apenas um desafio médico, mas também ético e social. Diante desse cenário, o presente estudo articula os campos da neurociência, espiritualidade e ética como fundamentos para a promoção da saúde mental e a prevenção do Alzheimer,

em diálogo com a proposta da XVI Semana da Cultura Religiosa da PUC-Rio, que busca integrar inovação e esperança ativa na construção de sociedades inclusivas e sustentáveis.

2. Metodologia

Este trabalho adota uma abordagem qualitativa de caráter interdisciplinar. Foram consultados artigos científicos indexados em bases como PubMed e Scielo, além de obras clássicas de referência em aprendizagem e desenvolvimento humano. A análise considerou fatores de risco modificáveis para a demência e práticas espirituais associadas à saúde mental. Como recurso didático, integrou-se a experiência laboratorial 'Criando uma Nova Linguagem – O que é Aprender', utilizada como metáfora para a construção de novos sentidos na aprendizagem e no cuidado em saúde.

3. Resultados e discussão

Os resultados apontam que práticas de prevenção do Alzheimer estão diretamente relacionadas a escolhas de estilo de vida, como alimentação equilibrada, atividade física regular, sono adequado e manutenção de vínculos sociais. A neurociência mostra que tais fatores podem reduzir em até 40% o risco de demência. Nesse contexto, a espiritualidade desempenha papel protetor ao favorecer resiliência emocional, reduzir estresse crônico e fortalecer redes de apoio comunitário. A ética do cuidado emerge como elemento central, destacando a corresponsabilidade coletiva na promoção do bem-estar. A atividade laboratorial demonstrou que criar novas linguagens simbólicas estimula a criatividade, a cooperação e a metacognição, reforçando o entendimento de que aprender é um processo de construção ativa de significados.

4. Conclusão

Conclui-se que 'esperançar' a saúde mental significa unir ciência, espiritualidade e ética em práticas de cuidado preventivo que transcendam o indivíduo e alcancem a sociedade. A prevenção do Alzheimer não se limita a intervenções médicas, mas exige transformação cultural, investimento em inovação tecnológica e valorização de valores universais, como dignidade, solidariedade e responsabilidade pelo bem comum. Assim, esperançar o mundo é investir em narrativas que integrem saúde, espiritualidade e ética, abrindo caminhos para uma sociedade mais justa, inclusiva e sustentável.

5. Referências

- Ausubel, D. P. (2003). Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva. Lisboa: Plátano.
- Bruner, J. (1997). Atos de significado. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Organização Mundial da Saúde (OMS). (2017). Dementia: A public health priority. Geneva: WHO.
- Pozo, J. I. (2002). Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed.
- Vygotsky, L. S. (2007). A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes.

B – Terça-feira, dia 7 de outubro de 2025, às 13h.

Moderador: Prof. Ms. CLAUDIO JACINTO DA SILVA.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO (PUC-Rio). XVI Semana da Cultura Religiosa – Sessão de Comunicações. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2025. Disponível em: <https://youtu.be/CcOEaJSw72Y>. Acesso em: 24 out. 2025.

1 - DO CONTROLE DAS FACÇÕES À AÇÃO COMUNITÁRIA: O ESPERANÇAR COMO CAMINHO DE RESISTÊNCIA

Isaque Augusto Couto Santos de Oliveira - Graduando em Relações Internacionais pela PUC-RIO.

E-mail: isaqoligusto@gmail.com.

Júlia Maria Sobrinho Cícero - Graduanda em Relações Internacionais pela PUC-RIO.

E-mail: juliamariasobrinhocicero@gmail.com.

Sarah Cortez da Rocha - Graduanda em Relações Internacionais pela PUC-RIO.

E-mail: sarahrocha.c12@gmail.com.

Eixo: Esperançar na Transformação Social.

Resumo

O presente estudo analisa a complexa dinâmica de desesperança e resiliência nas a consolidação do crime organizado. A pesquisa qualitativa aborda a marginalização comunidades periféricas do Rio de Janeiro, confrontadas pela histórica ausência estatal e socioespacial, desde a reforma de Pereira Passos, que criou uma 'cultura da ausência', até o surgimento de facções como o Comando Vermelho (CV), o Terceiro Comando Puro (TCP) e as milícias, que estabelecem sistemas de governança paralela por meio da violência, manipulação e exploração econômica. O TCP, em particular, utiliza o conceito de 'narcopentecostalismo' para impor seu domínio, violando a liberdade religiosa. Em contrapartida, o trabalho destaca a inovação social e a ação transformadora de grupos comunitários que praticam o 'esperançar' ativo, na perspectiva de Paulo Freire. Iniciativas de arte e cultura, como projetos de teatro, surgem como instrumentos de protagonismo, pertencimento e emancipação, rompendo o ciclo de violência e oferecendo caminhos reais para a construção coletiva de um futuro alternativo. O estudo conclui que o fortalecimento

dessas práticas comunitárias é fundamental para reafirmar a dignidade e a esperança ativa nas periferias.

Palavras-chave: Ausência Estatal. Crime Organizado. Esperançar. Inovação Social.

1. Introdução

O presente trabalho busca analisar a complexa relação entre o crime organizado e as comunidades periféricas do Rio de Janeiro, a partir da perspectiva do “esperançar” proposto por Paulo Freire. A pesquisa, de caráter qualitativo e analítico, baseou-se em referências bibliográficas que abordam a ausência do Estado, a ascensão das facções criminosas e as práticas de resistência comunitária. A compreensão desse fenômeno passa, primeiramente, pela análise histórica da marginalização socioespacial que relegou populações pobres às favelas, evidenciando uma “cultura da ausência” marcada pela negligência estatal. Nesse cenário, a consolidação do crime organizado — em especial o Comando Vermelho, o Terceiro Comando Puro e as milícias — construiu formas de governança paralela, ora oferecendo serviços sociais, ora impondo violência como mecanismo de controle.

Por outro lado, observa-se que, diante da violência estrutural e do abandono, moradores das favelas têm encontrado formas de resistência e de construção coletiva por meio da arte, da educação e da solidariedade. Essas práticas materializam o conceito de “esperançar”, entendido não como uma espera passiva por soluções externas, mas como a ação transformadora que ressignifica o presente e projeta novos horizontes de futuro. Dessa forma, este estudo busca discutir a dualidade entre a desesperança alimentada pela força do crime organizado e a potência de iniciativas comunitárias que, por meio da inovação social, criam alternativas de pertencimento e emancipação nas periferias.

2. Metodologia

Este estudo baseou-se em uma estética qualitativa de pesquisa, de caráter analítico, pautado pelo estudo de referências bibliográficas sobre grupos de notícias, artigos e textos que abordavam eixos dentro do tema aqui proposto. Temos por finalidade compreender a desesperança tida por habitantes de comunidades, dominadas pelo crime organizado, frente a ausência do poder público e os efeitos disso, apontando a resiliência por parte de alguns grupos sociais que se mobilizam para esperançar o futuro.

3. Resultados e discussão

3.1. A ausência do Estado: inicialmente, cabe analisar as fontes do problema, sendo uma delas a ausência estatal dentro dessas comunidades, o que, para tanto, se faz necessário o estudo da historiografia da formação e consolidação das comunidades presentes nos morros e entornos do Rio de Janeiro. De primeira mão, esse processo não se deu de forma equânime, mas sim por meio de ciclos que constantemente se repetiam através da agência do Estado segregando as populações mais carentes dos centros urbanos, ou seja, restringindo o direito ao acesso à cidade e seus benefícios. É trivial que se levante a pergunta “Por que o Estado era e é ausente nas favelas?” e é a partir dela que serão conjugadas as respostas.

Partindo dessa ótica, é de conhecimento comum o evento que transformou a geografia do Rio de Janeiro, a reforma de Pereira Passos, vista por muitos contemporâneos como a revitalização da capital federal. Esse projeto tinha bons objetivos, como o controle da disseminação de doenças, a implantação de infraestrutura sanitária e a modernização local aos moldes de Paris. Entretanto, mascarou a marginalização socioespacial que aconteceu durante o feito, pois grande número de ex-escravos, operários, imigrantes e vendedores ambulantes foram expulsos de suas casas, leia-se, dos cortiços em que moravam e foram obrigados a buscarem uma alternativa que se encontrou diretamente com as ocupações irregulares nos morros ao redor dos centros urbanos.

Nesse sentido, observa-se, desde o início, o descaso do governo para com sua população, a qual até mesmo utilizou-se dos escombros das obras, como da Avenida Brasil, e dos próprios cortiços demolidos para construir uma saída frente ao descaso do Estado. Dessa forma, pode-se identificar a configuração da “cultura da ausência”, em que essas populações eram enquadradas e desprezadas pela pátria. Continuando o processo, estão as intervenções na distribuição geoespacial que os militares fizeram durante a Ditadura civil-militar bem como os planos de não-intervenção adotados pelo governo de Leonel Brizola, fatores que favoreceram a configuração de organizações criminosas como referência e símbolo de poder e presença para as comunidades.

3.2. Ascensão do Crime Organizado:

Nos anos 1979 durante a Ditadura Militar presos comuns e presos políticos foram encarcerados numa mesma galeria no Instituto Penal Cândido Mendes, conhecido como “Caldeirão do Diabo”, situada na Ilha Grande essa penitenciária foi palco de diversos conflitos. Lá surgiu a primeira facção criminosa do país: o Comando Vermelho, que era inicialmente um confronto dos presos comuns face ao brutal sistema carcerário e as sangrentas disputas entre detentos, isolados do continente, numa ilha “onde o filho chora e a mãe não vê”. Eles cunharam o lema “Paz, Justiça e Liberdade”. (400 contra 1: Uma História do Crime Organizado”, 2010).

Essa transcrição fornece uma introdução da fundação da maior organização criminosa atuante hoje no Rio de Janeiro, o Comando Vermelho (CV). Apesar de existir no município outras facções como Amigo dos Amigos (ADA), Terceiro Comando Puro (TCP) e as milícias, o CV tem destaque pelo tamanho de sua influência, organização e território dominado o qual engloba a maior parte da Zona Sul, Norte e Centro do Rio. Como apresentado anteriormente, o Estado é extremamente ausente nas favelas, não oferece proteção, saneamento básico, educação de qualidade nem lazer e, com isso, um ambiente fértil para a ascensão do crime organizado cresce. Nessas áreas sem amparo estatal, o CV estabeleceu sistemas de governança que oferece proteção e alguns serviços básicos, em troca de lealdade e obediência o que, muitas vezes, pode criar uma ilusão de que o crime é algo bom e justo bem como suscitar um vínculo social e econômico entre a facção e as populações locais que, geralmente, interpretam o Comando vermelho como um prestador de serviços sociais que o Estado algumas vezes negligencia. No entanto, essas organizações utilizam de um discurso manipulador para controlar os periféricos e quando não obtêm sucesso, usam a violência como ferramenta para impor suas vontades.

Além disso, o Terceiro Comando Puro tem certo protagonismo no dia a dia carioca tendo vista que, nas comunidades controladas por ele, há a ascensão do termo “narcopentecostalismo”. Esse conceito da prática significa que essa facção se autointitula “soldados de Deus” e “mártires” armados pronto para matar ou morrer na defesa dos pontos de venda de droga nas comunidades de Paradas de Lucas, Cidade Alta, Vigário geral, Pica-Pau e Cinco Bocas. O traficante que chefia o território, vulgo Peixão, nomeou a área como Complexo de Israel e destruiu templos de outras religiões como terreiros e barracões, bem como expulsou moradores que proferiam alguma fé diferente do cristianismo. Todo esse cenário mostra como essa organização utiliza um discurso distorcido e radical da religião cristã como uma ferramenta de manipulação dos cidadãos para que eles aceitem e contribuam para o domínio criminoso e a violação do direito, que seria básico mas o Estado não está lá para garantir, de liberdade religiosa e de culto.

Um aliado do TCP contra o Comando Vermelho, é as milícias cariocas que também possuem uma vasta área de controle. Essa facção foi inicialmente formada por agentes de segurança, como policiais militares, civis, penais ou bombeiros, com a bandeira do combate aos traficantes, por isso eram visto inicialmente como uma espécie de justiça paralela capaz de suprir o abandono social do Estado mas com o tempo houve uma transformação nesse

contexto na qual começou a exploração de “negócios rentáveis” dentro das favelas como: taxas de segurança de moradores e comerciantes, exploração do transporte alternativo, controle sobre venda de botijões de gás e comercialização de sinal pirata de TVs por assinatura. Não tardou para que os milicianos adquirissem a economia das drogas, as “narcomilícias”. Essa organização específica por ter sido fundada por ex-agentes estatais sempre teve mais comodidade em relação a operações policiais e investigações, e atualmente têm conseguido apoio político para eleger seus representantes de forma a se infiltrarem interna e intrinsecamente no sistema governamental. Essa corrupção estatal se expandiu para as outras facções criminosas ocasionando uma desesperança e sensação de “sem rumo” para a sociedade como um todo, já que a diferenciação entre criminosos e representantes políticos e da lei encontra-se sem clareza.

3.3. Ações comunitárias na favela como inovação social: nas comunidades periféricas, a esperança pode se manifestar de duas formas distintas: como espera passiva ou como ação transformadora. Muitas vezes, diante da violência e da falta de oportunidades, os moradores depositam sua confiança em mudanças externas, aguardando que o Estado ou outras instituições intervenham. No entanto, é na prática do “esperançar”, conforme nos ensina Paulo Freire, que se encontra o verdadeiro potencial de transformação social. Ele afirma:

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperançar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo. (FREIRE, 1992, p. 68).

Nesse sentido, diversas iniciativas comunitárias surgem como alternativas concretas ao aliciamento pelo crime organizado, oferecendo caminhos de protagonismo, pertencimento e construção coletiva. Projetos culturais como o “Rocinha em Cena” e o “Grupo de Teatro Nós no Morro” são exemplos emblemáticos de como a arte pode se tornar um instrumento de ressignificação da realidade. Por meio do teatro, jovens da favela encontram espaço para expressar suas vivências, refletir sobre sua condição social e projetar novos horizontes. Essas iniciativas não apenas oferecem lazer e formação cultural, mas também promovem a criação de redes de solidariedade e de fortalecimento comunitário.

Assim, o “esperançar” nas favelas se materializa em ações que rompem o ciclo de marginalização e violência, oferecendo alternativas reais de futuro. Os projetos sociais possibilitam que os jovens desenvolvam talentos, adquiram autoestima e percebam que sua

trajetória não precisa estar vinculada ao crime. Mais do que resistir, essas práticas demonstram que a esperança ativa é capaz de reinventar possibilidades e construir novos caminhos coletivos.

4. Conclusão

A análise desenvolvida neste trabalho evidencia que a ausência histórica do Estado nas favelas do Rio de Janeiro foi um dos principais fatores que possibilitaram a ascensão do crime organizado, consolidando sua presença como força de governança paralela. Facções como o Comando Vermelho, o Terceiro Comando Puro e as milícias não apenas ocuparam espaços deixados pelo poder público, como também se fortaleceram a partir de discursos de manipulação, seja por meio da violência, da religião distorcida ou da exploração econômica das populações locais. Esse processo produziu um quadro de desesperança coletiva e de enfraquecimento da confiança nas instituições estatais.

No entanto, o estudo também demonstrou que, mesmo diante desse contexto adverso, as comunidades periféricas constroem alternativas reais de transformação social. Projetos culturais, educacionais e de solidariedade, como os grupos de teatro nas favelas, revelam a força do “esperançar” freireano, que rompe com a lógica da espera passiva e se manifesta como ação coletiva e emancipatória. Essas iniciativas, pautadas na inovação social, mostram que a esperança ativa é um instrumento de resistência e de ressignificação da realidade, apontando caminhos possíveis para além da violência e da marginalização. Assim, conclui-se que a luta contra o crime organizado e a ausência do Estado não se dá apenas pela repressão, mas também pelo fortalecimento das práticas comunitárias que reafirmam a dignidade e o protagonismo das populações periféricas.

5. Referências

400 CONTRA 1: uma história do crime organizado. Direção: Caco Souza. Produção: Globo Filmes; Primo Filmes. Intérpretes: Daniel de Oliveira, Daniela Escobar, entre outros. Brasil: Globo Filmes, 2010. 1 filme (98 min), son., color. Disponível em: <https://www.primevideo.com>. Acesso em: 26 set. 2025.

BRASIL PARALELO. A maior facção do Rio de Janeiro: o Comando Vermelho. Brasil Paralelo Notícias, 2025. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/a-maior-facciao-do-rio-de-janeiro-o-comando-vermelho>. Acesso em: 21 set. 2025.

CARTA CAPITAL. O que são as milícias e como elas evoluíram no Rio de Janeiro. Carta Capital, São Paulo, 2025. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-que-sao-as-milicias-e-como-elas-evoluiram-no-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 21 set. 2025.

EL PAÍS BRASIL. A ascensão do 'narcopentecostalismo' no Rio de Janeiro. El País Brasil, São Paulo, 27 mar. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-03-27/ascensao-do-narcopentecostalismo-no-rio-de-janeiro.html>. Acesso em: 21 set. 2025.

FOGO CRUZADO. Mapa histórico dos grupos armados do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: <https://fogocruzado.org.br/mapadosgruposarmados>. Acesso em: 21 set. 2025.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

IPEA. Desafios da nação: artigo de apoio (item 1111). Desafios do Desenvolvimento, Brasília, 2006. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=1111:catid=28&Itemid=23. Acesso em: 21 set. 2025.

MINISTÉRIO DA CULTURA (Brasil). Rocinha em cena. Mapa da Cultura, 2025. Disponível em: <https://mapa.cultura.gov.br/agente/304854/rocinhaemcena#info>. Acesso em: 21 set. 2025.

NÓS NO MORRO. Sobre o grupo. Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: <https://gruponosdomorro.com.br/sobre.html>. Acesso em: 21 set. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF). Pesquisa revela a segregação econômica nas favelas brasileiras. UFF Notícias, Niterói, 9 nov. 2023. Disponível em: <https://www.uff.br/09-11-2023/pesquisa-revela-a-segregacao-economica-nas-favelas-brasileiras/>. Acesso em: 21 set. 2025.

**2 - ESPERANÇAR EM TERRITÓRIO MILITAR. A CAPELANIA COMO ESPAÇO DE
DIÁLOGO, HUMANIZAÇÃO E ESPERANÇA ATIVA**

Israel Trotta - Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

E-mail: israeltrota@gmail.com

Eixo: Esperançar com as Humanidades.

Resumo

A capelania militar, ao longo da história, constituiu-se como espaço de diálogo entre fé, cultura e serviço às Forças Armadas. Longe de ser mera presença ritual ou assistencial, na atualidade, ela representa uma vocação humanizadora no seio das instituições castrenses, contribuindo para que a ética, a espiritualidade e a dignidade humana sejam preservadas em contextos de hierarquia e disciplina. A comunicação busca destacar como a presença do capelão possibilita não apenas a assistência religiosa intraconfessional, mas também a construção de pontes de escuta e de convivência em contextos plurais. Nesse sentido, a capelania militar é apresentada como locus de inovação pastoral e social, pois integra dimensões teológicas e culturais no enfrentamento de desafios contemporâneos, como a diversidade de crenças, as tensões sociais e a necessidade de fortalecer valores universais de paz. A capelania militar não é apenas uma prática de cuidado religioso, mas uma expressão concreta de esperança ativa no coração das instituições armadas, promovendo inclusão, diálogo e humanização em um cenário que exige cada vez mais responsabilidade ética e espiritual. Nesse sentido, “esperançar” no ambiente militar é apostar no poder da espiritualidade para gerar reconciliação, sentido de vida e ética solidária. A comunicação insere-se no eixo “Esperançar com as Humanidades”, contribuindo para a compreensão de que a capelania não apenas acompanha o militar em sua carreira, mas o fortalece como sujeito integral, capaz de servir à pátria sem perder sua dimensão espiritual e sua humanidade.

Palavras-chave: Capelania Militar; Esperançar; Humanização.

1. Introdução

A temática da esperança, compreendida como verbo ativo – “esperançar” –, convida a repensar práticas sociais e institucionais sob perspectivas transformadoras. No âmbito militar, onde predominam disciplina, obediência e hierarquia, a capelania surge como espaço privilegiado de promoção da dignidade humana. Reconhecida pelo Estado brasileiro na tradição da assistência religiosa, manifesta-se como presença espiritual que ressignifica experiências de dor, solidão e conflito, oferecendo suporte ético e pastoral. Tradicionalmente voltada para a assistência religiosa intraconfessional, a capelania tem se expandido como verdadeiro laboratório de convivência plural, promovendo diálogo inter-religioso e intercultural em resposta às transformações sociais e aos desafios da diversidade contemporânea. A questão que orienta esta comunicação é: de que modo a capelania militar pode constituir-se em espaço de diálogo, humanização e promoção da esperança ativa dentro das Forças Armadas?

2. Metodologia

Para o desenvolvimento deste trabalho, utilizou-se o método de revisão bibliográfica em conjunto com a análise teológico-pastoral, a partir de obras pertinentes à temática da capelania militar.

3. Resultados e discussão

A questão que orienta esta reflexão é: de que modo a capelania militar pode constituir-se em espaço de diálogo, humanização e promoção da esperança ativa dentro das Forças Armadas? É possível identificar três dimensões complementares – diálogo, humanização e esperança – que, quando integradas, revelam o alcance e a pertinência da capelania como experiência pastoral e cultural no contexto militar.

3.1. A capelania como espaço de diálogo: a capelania militar representa, antes de tudo, um lugar de encontro entre a instituição e as necessidades espirituais dos militares. Ao atuar como mediadora, possibilita o diálogo entre os próprios militares. “Ao longo da história da capelania, a diversidade tem sido uma realidade inescapável”. (CHAPDELAINE, 2014, p.35, tradução nossa). O diálogo é a ferramenta que o capelão tem para lidar com essa diversidade. Esse diálogo, longe de relativizar identidades, reforça a importância do reconhecimento da diversidade e da construção de uma convivência pautada no respeito mútuo.

O capelão militar pode assumir uma postura isolacionista e imobilizada pela incomunicabilidade dogmática ou pode assumir uma postura religiosa dialogal, exercendo sua influência em favor de um encontro renovador e enriquecedor, atuando para promover a solidariedade mútua, à paz e o bem. (TROTA, 2025, p.83).

Num ambiente marcado por disciplina, normas rígidas e hierarquia, a capelania oferece um contraponto ao possibilitar espaços de escuta onde cada voz é considerada. A escuta é uma forma de atender a todos sem distinção. (SANTOS, 2023, p.9). O capelão, nesse sentido, atua como facilitador de pontes: ele transforma potenciais tensões religiosas ou culturais em oportunidades de aprendizado coletivo, promovendo a cooperação entre militares de diferentes crenças. Isso fortalece a coesão e o espírito de corpo, não pela uniformidade, mas pela valorização da pluralidade.

3.2. A capelania como prática de humanização: em instituições nas quais a lógica operacional tende à impessoalidade, a capelania relembra que o militar não é apenas um número ou função, mas um ser humano integral. A assistência religiosa atua em situações de dor, luto, deslocamento familiar, tensões emocionais e crises existenciais, oferecendo suporte espiritual e ético que fortalece a identidade pessoal e a resiliência coletiva. A capelania é compreendida como um serviço de acompanhamento e cuidado espiritual que se fundamenta na visão integral do ser humano, abarcando corpo, emoções, intelecto e espírito (SCHALLENBERGER, 2012, p. 27), portanto, a capelania “torna-se um aliado para a promoção da humanização (...). (AITKEN, 2024, p.167).

A humanização promovida pela capelania vai além do consolo individual. Ela reforça a importância da dignidade da pessoa em ambientes que, pela exigência da disciplina, podem reduzir a sensibilidade ao sofrimento humano. Ao realizar cerimônias, aconselhamentos e ritos, o capelão resgata a dimensão simbólica da vida, recordando que o militar é sujeito de fé, emoção e esperança. Essa prática de humanização possui impacto também na formação ética das Forças Armadas. Militares mais conscientes de sua condição humana tornam-se igualmente mais preparados para cumprir sua missão social com responsabilidade, evitando abusos de poder e agindo de forma solidária.

A capelania, portanto, não é apenas um espaço de cuidado, mas também de formação moral e cidadã, contribuindo para a construção de instituições mais justas e respeitosas. Por isso, a Lei que normatiza o serviço de Capelania nas Forças Armadas estabelece que uma das suas atividades fundamentais está no apoio aos encargos relacionados com atividades de educação moral. (BRASIL, Lei nº 6.923, de 29 de junho de 1981, art. 2º). No passado, o capelão se destacava como pilar de orientação moral para os militares (TROTA, 2020, p.40) e ainda hoje, capelães continuam alcançando os objetivos de fortalecer a educação moral na caserna. (OLIVEIRA, 2022, p.36-37).

3.3 A capelania como promotora de esperança ativa: o verbo “esperançar”, em sua dimensão freireana, não se reduz a esperar, mas implica em agir para transformar a realidade. Nesse sentido, a capelania militar constitui-se como lugar de esperança ativa ao mobilizar atitudes concretas que alimentam horizontes de sentido e resistência diante das adversidades. Em tempos de crise, como desastres naturais, pandemias ou conflitos armados, os capelães são chamados a oferecer consolo espiritual e senso comunitário. A capelania favorece reconciliação em contextos de conflito interpessoal, ajuda a superar sentimentos de indiferença e inspira compromissos éticos que renovam a vida coletiva. Quando as necessidades espirituais do indivíduo são atendidas por meio da fé, ele experimenta sentimentos como esperança, conforto e paz interior. (FRANZINI, et al., 2022, p. 796). A esperança ativa promovida pela capelania não é meramente subjetiva; ela se traduz em valores universais – paz, justiça, solidariedade, fraternidade – que encontram eco na missão constitucional das Forças Armadas de defesa da pátria e garantia da lei e da ordem. A esperança advinda também por meio da fé é o que sustenta o militar em momentos de profunda angústia, capacitando-o a vencer as adversidades. (NETO, 2011, p.48). Dessa forma, a espiritualidade cultivada no espaço militar não se restringe à intimidade da fé pessoal, mas projeta-se como força pública humanizadora, capaz de impactar a cultura institucional e irradiar para a sociedade civil.

4. Conclusão

Ao responder à pergunta central, conclui-se que a capelania militar constitui-se em espaço de diálogo ao promover convivência plural e respeitosa, em espaço de humanização ao afirmar a dignidade e o cuidado integral da pessoa, e em espaço de esperança ativa ao inspirar transformações éticas e comunitárias no interior das Forças Armadas. Trata-se, portanto, de uma experiência que vai além da dimensão religiosa, oferecendo contribuições relevantes para a vida institucional, social e cultural dos militares brasileiros. Dessa forma, a capelania militar torna-se um locus privilegiado para vivenciar o verbo “esperançar”, unindo fé, cultura e ética na construção de relações mais humanas dentro das Forças Armadas.

5. Referências

AITKEN, E. V. de P. (Org.). *O profissional da saúde no cuidado integral*. São Paulo: Cultura Cristã, 2024.

BERNHARDT, R. Zur Hermeneutik des interreligiösen Dialogs, in: Bibel und Liturgie 3/1992, 131-143. Disponível em: https://publikationen.uni-tuebingen.de/xmlui/bitstream/handle/10900/140311/Bernhardt_106.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 20 de setembro de 2025.

BRASIL. Lei nº 6.923, de 29 de junho de 1981. Dispõe sobre o Serviço de Assistência Religiosa nas Forças Armadas.

CHAPDELAINE, G. Working Towards Greater Diversity: A Blessing or a Curse? The Experience of the Canadian Military Chaplaincy. Canadian Military Journal • Vol. 15, No. 1, Winter 2014, pp.34-43.

FRANZINI, M. G. B., CUHA, V. F. da, SCORSOLINI-COLMIN, F. Acolher o transcendente no hospital: concepções de voluntários que promovem apoio religioso-espiritual. Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor., Curitiba, v. 14, n. 3, p. 795-820, out./dez. 2022.

NETO, A. H. A religião no exército brasileiro: memória e plausibilidade na identidade dos soldados da FEB a partir da experiência de guerra. Juiz de Fora, 2011. 136 f. Universidade Federal de Juiz de Fora.

OLIVEIRA, L. G. O serviço de assistência religiosa aos cadetes da AMAN. 49p. 2022. Trabalho de graduação em Ciências Militares. Academia Militar das Agulhas Negras, Resende.

SANTOS, A. L. do N. A capelania como estrutura de apoio ao policial militar no estado do Paraná. RECIMA21 – Ciências Exatas e da Terra, Sociais, da Saúde, Humanas e Engenharia/Tecnologia, v.4, n.9, 2023, pp.1-17. Disponível em: <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/4139/2885>. Acesso em 21, set de 2025.

SCHALLENBERGER, D. Capelania Hospitalar: Desafio e oportunidade de amar pessoas. Goiânia: Ideia, 2012.

TROTA, I. T. Raízes históricas e atual missão do capelão naval: um estudo teológico-pastoral em perspectiva protestante, 2020. 160f. Dissertação de Mestrado em Teologia Sistemático-Pastoral. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

TROTA, I. T. O capelão militar e a assistência religiosa: confessionalidade, diálogo e humanização, 2025. 374f. Tese de Doutorado em Teologia Sistemático-Pastoral. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

3 - PROJETO VIDANÇAR: ARTE-EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Joycellene Vicente dos Santos de Sena - Graduanda em Serviço Social pela PUC-Rio.

E-mail: joycellenesena@gmail.com.

Andrea Oliveira da Silva - Doutoranda em Serviço Social pela PUC-Rio.

Eixo: Esperançar na Transformação Social.

Resumo

O Projeto ViDançar, fundado em 2010 por Ellen Serra no Complexo do Alemão (RJ), surgiu para ampliar o acesso de crianças, jovens e mulheres, à arte e à educação em contextos de vulnerabilidade social. A pesquisa, de caráter qualitativo e documental, baseou-se na análise de materiais institucionais, registros públicos e narrativas de participantes, buscando compreender a trajetória, as práticas pedagógicas e os impactos do projeto. Os resultados apontam que, por meio da dança e de atividades formativas como reforço escolar, rodas de conversa e projetos de comunicação, o ViDançar promove autoestima, cidadania e oportunidades concretas de ascensão social, com inserção de alunos em escolas renomadas de dança. Conclui-se que a iniciativa, além de oferecer aulas, consolida-se como espaço de pertencimento e esperança, reafirmando a arte-educação como instrumento potente de transformação social.

Palavras-chave: Esperançar. Vulnerabilidade. Inclusão. Juventude.

1. Introdução

O Projeto ViDançar, é uma iniciativa social que utiliza a dança e a educação como ferramentas de transformação social. Inicialmente concebido para oferecer aulas de ballet a várias crianças, o projeto expandiu sua atuação para Duque de Caxias e o Sertão da Bahia, alcançando centenas de beneficiários. A proposta central consiste em promover o acesso à arte e à cultura, articulando atividades artísticas, pedagógicas e formativas que contribuem para o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens e mulheres em situação de vulnerabilidade social. O ViDançar oferece aulas de ballet clássico, breaking, jazz, hip hop, audiovisual, robótica e outras linguagens, aulas de reforço escolar, rodas de conversa e

projetos de comunicação, como o Podcast ViDançar e aulas de culinária e costuras. Desde 2013, o projeto prepara estudantes para audições em escolas renomadas de dança, como a Escola do Teatro Bolshoi no Brasil, a Escola Estadual de Dança Maria Olenewa e a Petite Danse entre outras, obtendo resultados significativos. Essa trajetória evidencia o impacto do projeto na inclusão social, na ampliação de oportunidades educacionais e na construção de novos horizontes de vida. O presente trabalho analisa a trajetória e os impactos do ViDançar, situando-o no eixo temático 'Esperançar na Transformação Social' da XVI Semana da Cultura Religiosa da PUC-Rio.

O Projeto ViDançar surge em um contexto de desigualdade social e carência de acesso à arte e à cultura nas comunidades periféricas do Rio de Janeiro. O projeto nasceu com a proposta de oferecer aulas de ballet a crianças do Complexo do Alemão e **e** redondezas, expandindo posteriormente suas atividades e consolidando-se como uma ação de arte-educação de impacto. A pesquisa parte do pressuposto de que a arte, em especial a dança, constitui-se como uma ferramenta capaz de fomentar a cidadania, a autoestima e a transformação social.

2. Metodologia

Esta pesquisa foi feita com base em uma abordagem qualitativa, buscando entender a história, as práticas e os impactos sociais do projeto. Com interpretativa de informações documentais e registros públicos. O objetivo principal foi compreender a trajetória, as práticas pedagógicas e os impactos sociais gerados pela iniciativa em seus diferentes polos de atuação.

Para tanto, foram usados diferentes tipos de materiais: documentos, notícias, sites institucionais, materiais de divulgação, redes sociais do projeto e conteúdos produzidos por eles, como Podcast ViDançar.

A seleção das fontes teve como critério a relevância e a atualidade das informações, visando compor um panorama consistente sobre a história do projeto, seus objetivos, metodologia e resultados alcançados.

Também foram levados em conta relatos de participantes, educadores e gestores, o que aparecem em entrevistas, vídeos e postagens, pois eles ajudam a mostrar sentimentos e experiências que não aparecem só nos registros oficiais.

Possível observar, os elementos que compõem a proposta metodológica do ViDançar, como o foco foi retirado, a valorização da cultura local, o cuidado com as vulnerabilidades e a integração entre arte, educação e cidadania. A análise também buscou observar como o

projeto se adaptou às demandas específicas de cada território, respeitando contextos culturais, sociais e econômicos distintos.

Por se tratar de um estudo de caso, a pesquisa não se limitou a números, exemplos (inserção em escolas, vínculos comunitários, autoestima), para compreender as dinâmicas internas do projeto e seus desdobramentos externos, como a inserção de alunos em escolas de dança de prestígio, o fortalecimento de vínculos comunitários e o impacto na autoestima dos participantes. A pesquisa, portanto, não se limitou a dados quantitativos, mas priorizou a escuta e a interpretação de experiências vividas, respeitando a singularidade dos sujeitos envolvidos.

Além disso, o uso de diferentes fontes -textos, imagens, vídeos e áudios- ajudou a construir uma visão mais completa do ViDançar mostrando tentos seus resultados concretos quanto os significados que os participantes atribuem a ele. Utilização de fontes multimodais, como vídeos, imagens, textos e áudios, contribuiu para uma análise mais rica e sensível, permitindo compreender a complexidade e a potência do ViDançar como prática de transformação social. Assim, a metodologia adotada revela-se adequada para captar não apenas os resultados concretos do projeto.

3. Resultados e discussão

O Projeto ViDançar, fundado em 2010, é uma iniciativa social que vem transformando realidades por meio da dança, da arte e da educação em comunidades marcadas pela vulnerabilidade social. Atendendo anualmente cerca de 600 participantes, o projeto promove inclusão e desenvolvimento humano ao oferecer uma programação diversificada que articula cultura, cidadania e aprendizado.

As atividades vão muito além da dança, envolvendo também reforço escolar, robótica, culinária, rodas de conversa e comunicação comunitária. A proposta visa o fortalecimento da autoestima, o resgate de sonhos e a construção de novos caminhos para crianças, adolescentes, jovens e mulheres de territórios periféricos.

Um dos grandes destaques do projeto é a preparação de seus alunos para audições em escolas de dança renomadas, como a Escola do Teatro Bolshoi no Brasil, Theatro Municipal do Rio de Janeiro entre outras. o que tem proporcionado oportunidades concretas de ascensão social e reconhecimento artístico, com inserção dos alunos nessas instituições conceituadas de dança; a ampliação de perspectivas educacionais e profissionais; a criação

de espaços de diálogo e formação cidadãos; e a consolidação de parcerias institucionais, como o patrocínio da Petrobras.

Além disso, o ViDançar tem sido bem-sucedido na criação de espaços seguros de expressão e convivência, incentivando o protagonismo juvenil e o empoderamento feminino. A consolidação de parcerias institucionais, como o patrocínio da Petrobras, fortalece ainda mais sua sustentabilidade e impacto.

A análise de seus resultados evidencia o quanto o ViDançar atua como um agente de mudança, reduzindo desigualdades e ampliando horizontes de vida. É um exemplo claro de como a arte-educação pode ser um instrumento potente de transformação social e esperança para comunidades historicamente marginalizadas.

4. Conclusão

Constata-se que o Projeto ViDançar constitui uma experiência relevante e inspiradora de arte-educação em territórios periféricos, atuando diretamente na promoção da inclusão social, do desenvolvimento humano e da cidadania. A partir de uma proposta pedagógica que alia dança, educação e expressão cultural, o projeto tem contribuído significativamente para a transformação de vidas em contextos marcados pela vulnerabilidade social e pela exclusão.

A metodologia adotada pelo ViDançar, centrada no acolhimento, na escuta ativa e no fortalecimento dos vínculos comunitários, mostra-se eficaz na construção de ambientes de aprendizagem afetivos, seguros e motivadores. Ao valorizar talentos locais e incentivar o protagonismo de crianças, jovens e mulheres, o projeto amplia horizontes, resgata a autoestima e oferece caminhos reais de crescimento pessoal, educacional e profissional.

A atuação contínua em territórios como o Complexo do Alemão, Duque de Caxias e o Sertão da Bahia revela o compromisso ético e político da iniciativa com a justiça social e com o direito à cultura. Além disso, os resultados alcançados, como a inserção de alunos em escolas renomadas de dança e a formação de redes de apoio comunitário, reforçam a potência do projeto como política pública não institucionalizada.

O estudo evidencia ainda a importância de parcerias sustentáveis, como o patrocínio da Petrobras, que viabilizam a continuidade e a expansão das ações. Por isso, torna-se urgente o fortalecimento de políticas públicas e privadas que valorizem e invistam em projetos socioculturais com impacto comprovado.

A replicação do modelo do ViDançar em outros contextos comunitários pode representar uma estratégia eficaz para enfrentar desigualdades, promover direitos e semear esperança. Afinal,

iniciativas como essa mostram que a arte, quando acessível, tem o poder de transformar realidades, construir pertencimento e mobilizar sonhos possíveis.

5. Referências

PROJETO VIDANÇAR. Quem somos. Disponível em: <<https://projetovidancar.com.br>>. Acesso em: ago. 2025.

PROJETO VIDANÇAR. Redes sociais oficiais. Instagram: @projetovidancar. Disponível em: <<https://instagram.com/projetovidancar>>. Acesso em: ago. 2025.

PROJETO VIDANÇAR. Podcast ViDançar. YouTube e Spotify. Disponível em: <<https://linktr.ee/projetovidancar>>. Acesso em: ago. 2025.

PETROBRAS. Programa Socioambiental. Patrocínio ao Projeto ViDançar. Disponível em: <<https://petrobras.com.br>>. Acesso em: ago. 2025.

SILVA, Andrea Oliveira da; SANTOS, Jocineia Pereira dos. Movimento e transformação: a dança como agente de mudança social na extensão universitária. Revista ELO – Diálogos em Extensão, [S. l.], v. 14, 2025. DOI: 10.21284/elo.v14i.19923. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/elo/article/view/19923>. Acesso em: 23 set. 2025.

4 - SAMBA, RÉVEILLON e RESISTÊNCIA CULTURAL: RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS NO RIO DE JANEIRO

Roberto Vilela Elias - Professor Substituto da Faculdade de Comunicação Social (FCS-Uerj); Pesquisador Associado ao Laboratório de Comunicação, Cidade e Consumo (LACON-Uerj); Doutor em Comunicação Social (PPGCOM-Uerj).

Eixo: Esperançar na Transformação Social.

Resumo

Através de uma análise de festividades populares do Rio de Janeiro, buscamos mostrar como o carnaval e o réveillon foram pilares de uma estratégia, que sambistas e devotos de religiões afro-brasileiras usaram para enfrentar o preconceito e inspirar movimentos sociais. Partindo da máxima: “O que espanta miséria é festa!”, entendemos que não se faz festa porque a vida é boa, pelo contrário. Em situações de dificuldade e precariedade o ato de festejar acaba sendo uma potente forma de resistência e sobrevivência. A partir dos anos 1950, babalaôs, ialorixás, sambistas e toda uma malta de indivíduos que por décadas estiveram à margem daquilo que se apontava como o “padrão cultural nacional”, buscam os holofotes para fugir à intolerância e manter viva sua cultura.

Palavras-chave: Carnaval. Réveillon. Religiões afro-brasileiras. Movimentos sociais.

1. Introdução

As festividades populares do Rio de Janeiro guardam estreita relação com as religiões de matriz africana. O ritmo dos tambores, oriundo de práticas religiosas afro-brasileiras, atravessa o réveillon, os blocos de rua e os desfiles das escolas de samba. Essas manifestações, no entanto, foram historicamente criminalizadas e rotuladas de forma pejorativa como 'batuques de preto'. O termo 'macumba', associado tanto a uma árvore africana quanto a um instrumento de percussão, foi ressignificado no Brasil como sinônimo depreciativo de religiões afro-brasileiras. No início do século XX, seus praticantes foram marginalizados e obrigados a realizar ritos em favelas ou áreas periféricas. Durante o Estado Novo, a perseguição se intensificou, e apenas recentemente o acervo de elementos sagrados apreendido pela polícia foi restituído à comunidade afro-religiosa.

Apesar da repressão, samba, umbanda e candomblé se consolidaram como espaços de identidade e resistência, associados ao carnaval e ao réveillon. A devoção a Iemanjá, incorporada às celebrações de Ano Novo, exemplifica como práticas antes reprimidas passaram a ocupar o centro das festividades. Ainda que a intolerância religiosa persista, esses ritos revelam estratégias de enfrentamento ao preconceito e de afirmação cultural.

2. Metodologia

A pesquisa fundamenta-se em análise documental, com consulta a legislações, registros jornalísticos e produções acadêmicas, a fim de compreender a relação entre festejos populares, religiões afro-brasileiras e resistência sociocultural.

Discussão e resultados

O Decreto-Lei 1202/1939 representou avanço jurídico, se comparado com Código Penal de 1890, ao proibir oficialmente a repressão aos cultos afro-brasileiros, mas não definiu parâmetros claros para diferenciá-los de práticas criminalizadas, como a 'vadiagem'. Assim, o preconceito continuou a orientar ações policiais. O registro compulsório de terreiros reforçou estigmas, contudo o período pós-II Guerra trouxe maior visibilidade midiática à afrorreligiosidade com o programa de rádio 'Melodias de Terreiro' (1947) e o 'Jornal de Umbanda' (1949).

O samba percorreu trajetória semelhante: embora popular entre camadas populares, foi rejeitado pelas elites até os anos 1960. A imprensa reforçava representações negativas, descrevendo oferendas a Iemanjá no réveillon como 'rituais estranhos' ou 'caso de polícia'. Contudo, líderes como Tata Tancredo impulsionaram a ocupação simbólica de espaços elitizados, como a praia de Copacabana, nos réveillons a partir de 1950. Essa iniciativa marcou a disputa por legitimidade cultural e ampliou a presença afro-religiosa no espaço urbano.

A repressão durante a ditadura militar também atingiu escolas de samba, submetidas à censura prévia e vigilância do DOPS. Enredos que abordavam liberdade ou culturas diáspóricas foram alvo de proibições. Ainda assim, a década de 1970 testemunhou desfiles marcantes, como 'Lenda das Sereias' (Império Serrano, 1976), que exaltaram Iemanjá e afirmaram a ligação entre carnaval, religiosidade afro-brasileira e resistência.

Desde o concurso de sambas de 1928 até a institucionalização do réveillon de Copacabana como 'Noite de Iemanjá', samba e religiosidade afro-brasileira consolidaram-se como expressões indissociáveis. A presença crescente de rituais nas praias e no espaço urbano,

inicialmente alvo de hostilidade, transformou-se em símbolo de identidade coletiva. A adoção popular do uso de roupas brancas na virada do ano, e o desfrute deste momento à beira mar, exemplificam a incorporação de práticas umbandistas ao repertório cultural nacional.

Nos anos 1970 e 1980, o fortalecimento do movimento negro e a fundação do Movimento Negro Unificado (MNU) intensificaram o vínculo entre religiosidade afro-brasileira, samba e ativismo político. Os terreiros passaram a ser reconhecidos como centros de resistência cultural e de luta contra o racismo, enquanto as escolas de samba, mesmo sob censura, ampliaram sua função social ao transformar o carnaval em palco de disputas simbólicas.

4. Conclusão

A iniciativa de Tata Tancredo no réveillon de 1950 demonstra a potência da comunicação popular como instrumento de resistência. Terreiros e escolas de samba podem ser compreendidos como organizações comunitárias que, ao articular identidades e memórias coletivas, disputam representações sociais e rompem barreiras simbólicas.

Essas manifestações, criminalizadas por décadas, conquistaram espaço na cultura nacional e tornaram-se pilares de afirmação da ancestralidade africana. Celebrar, nesse contexto, é também resistir: os batuques e desfiles não apenas preservam tradições, mas constroem alternativas diante da intolerância e do racismo estrutural. O encontro entre samba e macumba, longe de ser mera coincidência festiva, revela-se uma estratégia histórica de sobrevivência e invenção de identidades no Brasil.

5. Referências

BAHIA, Joana. O Rio de Iemanjá: uma cidade e seus rituais. In: Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH. Ano X, n. 30. Rio de Janeiro, 2018.

BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2019.

DaMATTa, Roberto. Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1981.

ELIAS, Roberto Vilela. Das Bônus de Iemanjá aos Desígnios do Mercado: 'violência' e 'paz' no réveillon do Rio global. 2020. 244f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2020.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. Os Estabelecidos e os Outsiders. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1994.

DURKHEIM, Émile. "As Formas Elementares da Vida Religiosa". In: GIANNOTTI, José Arthur. Os Pensadores: Émile Durkheim. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1978.

GOHN, Maria da Glória. Desafios do movimentos sociais hoje no Brasil. SER Social, v. 15, p. 261-384. Brasília, 2013.

MORAIS, Mariana Ramos de. A luta do movimento afro-religioso por seus direitos (1988-2018). 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2020.

MOSCOVICI, Serge. Sobre a subjetividade social. In: SÁ, Celso. Imaginário e Representações Sociais. Rio de Janeiro: Ed. Museu da República, 2005.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Entre a Cruz e a Encruzilhada: formação no campo umbandista em São Paulo. São Paulo. EdUSP, 1996.

O'DONNELL, Julia. A Invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2013.

PAMPLONA, Fernando. O Encantado e o Branco. Rio de Janeiro: Ed. Nova Terra, 2013.

PERUZZO, Cicília M.K. Fundamentos teóricos das Relações Públicas e da Comunicação Organizacional no terceiro setor: perspectiva alternativa. Revista FAMECOS, v. 20, n. 1, p. 89-107. Porto Alegre, 2013.

PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2001.

_____. O Brasil com Axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. São Paulo: Estudos Avançados, v. 18, p. 223-238. 2004.

RIO, João do. As Religiões do Rio. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, [1904] 2006.

SIMAS, Luiz Antonio. Pedrinhas Miudinhas: ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros. Rio de Janeiro. Ed. Mórula, 2019.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. Fogo no Mato: a ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Ed. Mórula, 2018.

_____. Flecha no Tempo. Rio de Janeiro: Ed. Mórula, 2019.

VARELLA, João Sebastião das Chagas. Orixá e Obrigações. Rio de Janeiro: Ed. Espiritualista, 1971.

5 - A IMAGO DEI COMO CONFORMAÇÃO DO SER HUMANO À IMAGEM DO FILHO GERADO DO PAI

Sergio Nascimento da Costa - Doutorando em Teologia sistemático-pastoral pela PUC-Rio.
E-mail: costasergio.capelao@gmail.com

Eixo: Esperançar com as Humanidades.

Resumo

O conceito teológico de *Imago Dei* (Imagem e Semelhança de Deus), como citado em Gênesis 1,26, estabelece uma proposta de dignidade única do ser humano como filho de Deus, ante toda a criação. Diferentemente de outras cosmogonias antigas que retratavam os humanos como servos, a narrativa bíblica da criação apresenta o ser humano como representantes divinos. Os termos hebraicos "*tselem*" (imagem) e "*demut*" (semelhança) sugerem uma representação que implica em uma correspondência, mas não em igualdade absoluta. A compreensão teológica dessa imagem é aprofundada com autores como Irineu de Lyon e Agostinho. Irineu via em Cristo a revelação plena e perfeita da imagem divina, tornada visível para restaurar a semelhança perdida pela humanidade. Agostinho, por sua vez, enfatizou o aspecto relacional e trinitário da *Imago Dei*, argumentando que o homem reflete Deus na sua capacidade de se relacionar, espelhando as relações de amor entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Conclui-se que Cristo é o propósito original e o modelo perfeito de humanidade. Ser criado à imagem de Deus significa, portanto, ser chamado a uma vocação filial: relacionar-se com Deus como filhos, à semelhança de Cristo, e viver essa identidade em solidariedade com o próximo, especialmente com os que sofrem, promovendo dignidade e justiça. A *Imago Dei*, assim, não é um status estático, mas uma vocação dinâmica de relacionamento e missão no mundo.

Palavras-chave: *Imago Dei*. Filiação. Dignidade.

1. Introdução

A criação do ser humano como imagem e semelhança de Deus (do latim, "*Imago Dei*") é uma citação direta do texto bíblico em Gênesis 1,26: "Deus disse: 'Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança, e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do

céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra'. Desta forma, ao pensar o ser humano como a *Imago Dei*, enaltecemos como a coroa da criação, ao nos relacionarmos com Deus e com o próximo, reconhecendo no outro dignidade, e aos que sofrem, pronto socorro em suas demandas existências, sociais e religiosas.

2. Metodologia

Para o desenvolvimento deste trabalho, utilizou-se o método de revisão bibliográfica em conjunto com a análise sistemático-pastoral, a partir de obras pertinentes à temática de Patrística e Teologia Sistemática.

3. Resultados e discussão

3.1. A questão da *Imago Dei*: Os vocábulos imagem (do hebraico, "tselem") e semelhança (do hebraico, "demut") (DAVIDSON, 2018, p.322, 938) eram utilizados para expressar a representação material de uma divindade, caracterizando uma condição mais objetiva e estética do ser, enquanto que, semelhança e similitude, reduz o conceito a uma aproximação, não uma igualdade, suavizando desta forma o grau de correspondência (EICHRODT, p. 583-584).

Diferentemente da cosmogonia mesopotâmica, que apresentava os humanos como escravos, o relato bíblico apresenta o ser humano como o ápice e coroa da manifestação divina, não como algo estático, mas como um ser que age, governa todas as coisas criadas, sendo revestido da própria autoridade divina (BROWN; FITZMYER; MURPHY, 2007, p.64-65).

Gruden afirma que quando os leitores originais leram o texto de Gênesis 1,26, eles entenderam da seguinte forma: "Façamos o homem para que se pareça conosco, para nos representar". Desta forma, está incluso nas características divinas e humanas as capacidades intelectuais, pureza moral, caráter espiritual, domínio sobre a terra, criatividade, capacidade para fazer escolhas éticas (2019, p. 279).

Segundo Irineu de Lion, o ser humano foi formado à imagem de Deus pelo Filho e pelo Espírito Santo, destacando assim sua dignidade e propósito como obra direta do Criador (IRINEU DE LION, 2014, p.176). Essa afirmação de Irineu expressa que o homem é, de fato, um reflexo do próprio Deus em sua conjuntura, Tri-Uno, de modo que, o ser humano, deve viver conforme uma analogia da deidade. A tradição teológica cristã, representada inicialmente por meio de Irineu distinguia os dois conceitos como reflexos distintos do ser (FERGUSON; WRIGHT; PACKER, 2009. p. 537).

Essa afirmação é extremamente importante para a compreensão do ser humano como um ser que se relaciona com Deus, conforme Moltmann, ao citar Aristóteles na Ética de Nicômaco afirma: “os que são iguais, ou apenas parecidos, se entendem e se aprovam mutuamente”. Sendo assim, o conhecimento de Deus ocorre em analogia, pois quando ele é baseado em semelhanças com aquele que é diferente, tal conhecimento se torna um círculo aberto e interminável de aprendizado, relacionamento e partilha (MOLTMANN, 2014.p. 46,47).

3.2. Filhos como seu Filho: a reflexão da Imago Dei é ampliada tanto por Irineu como por Agostinho. Irineu afirma que o mistério da Imago Dei é revelado na manifestação do Cristo, como o Filho Gerado de Deus:

A verdade de tudo isso apareceu quando o Verbo de Deus se fez homem, tornando a si mesmo semelhante ao homem e o homem semelhante a si, para que o homem, por esta semelhança com o Filho, se tornasse precioso aos olhos do Pai. Em tempos passados já se dizia que o homem era feito à imagem de Deus, porém não aparecia, porque o Verbo, à imagem do qual o homem fora criado, era invisível. Por isso perdeu facilmente esta semelhança. Mas quando o Verbo de Deus se fez carne confirmou as duas coisas: fez aparecer a imagem em toda verdade, tornando-se a si mesmo exatamente o que era a sua imagem e restabeleceu a semelhança tornando-a estável e o homem perfeitamente semelhante ao Pai invisível. (IRINEU, 2014, p. 266).

Para Agostinho, “Imagem e Semelhança” se refere à conjuntura relacional trinitária, ou seja, a relação inter trinitária entre Pai, Filho e Espírito Santo, com isso, o ser humano criado por Deus é criado como um ser relacional, tanto com Deus, quanto com seu próximo. Essa imagem reflete a unidade essencial (um só Deus) e nas relações entre as Pessoas divinas. A imagem de Deus no homem não é idêntica, diferentemente do Filho, mas sim, por aproximação e semelhança. O homem não é filho por Geração, que nem o Filho é. A semelhança com Deus expressa o seu relacionamento e aproximação com a deidade, enquanto a dessemelhança o afasta. A semelhança não é temporal ou espacial, mas espiritual. O Filho é imagem por essência, enquanto o homem é imagem por semelhança (AGOSTINHO. 2014, p. 127).

Conclui-se, portanto, que Cristo é a imagem e semelhança pretendida por Deus na criação da humanidade.

O mistério do ser humano só se ilumina de fato à luz do mistério do Verbo encarnado. O primeiro homem, Adão, era imagem do homem futuro, o Cristo Senhor. Cristo, o último Adão, enquanto revela o mistério do Pai e de seu amor, manifesta plenamente o homem e descobre-lhe a sua altíssima vocação. Não admira, pois, que as verdades a que anteriormente aludíamos tenham nele sua fonte e nele alcance seu ponto mais alto. Ele, que é “imagem do Deus invisível” (Cl 1,15), é o homem perfeito, que restituiu aos filhos de Adão a semelhança divina deformada desde o primeiro pecado. Já que, nele, a natureza humana foi assumida sem ser afetada, por isso mesmo, também em nós, foi ela elevada a sublime dignidade. Com efeito, pela encarnação, ele , o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a todo homem. Trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência

humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, menos em pecado." (DENZINGER.2015, p. 1012-1013)

Se Cristo é o propósito original de Deus para o ser humano, deste modo, ele se torna o ideal humano de vida, relacionamento com Deus e com o próximo, seja na exaltação da dignidade humana e sua vocação em prol daqueles que sofrem.

3.3. Relacionamento, alteridade e dignidade da pessoa humana como filho de Deus: a criação do ser humano como *Imago Dei* possui um propósito definido, nos fazer filhos como Seu Filho. Logo, toda conjuntura filial de Cristo é, de modo semelhante, conformada pelo ser humano, seja em suas habilidades, dons e talentos. Isto significa que assim como o relacionamento do Pai com o Filho definem ambos na realidade intra Trinitária, pois, o relacionamento de paternidade e filiação é o que determina os relacionamentos do Pai e do Filho na eternidade. Desta forma, podemos afirmar que o Pai só é pai pois tem um filho, e da mesma forma o Filho, só é filho por ter um pai. A Pessoa do Pai é determinada pelo Filho e vice e versa. O nome Pai e Filho não são representações do ser de Deus em Sua essência mais sublime, mas são nomes que revelam uma relação (paternidade e filiação) (COSTA, 2021, p.92). Este relacionamento é sublime em unidade, amor, propósito compartilhado e eternidade.

A partir dessa afirmação, conclui-se que, em toda realidade, não existe relacionamento maior que do Pai e o Filho no seio intra divino, conforme afirma Pannenberg: "A relação do Filho com o Pai não pode ser superada por nenhuma outra forma da relação com Deus" (2009, p.258).

Ser filhos como o Filho é, é participar da realidade humana em toda a sua integralidade, mas não é se acomodar com a sociedade e seus ídolos, tabus, temores e fetiches, mas se solidarizar com as vítimas atuais da religião, sociedade, do Estado, do consumismo, da objetivação do ser, da polarização política, seja por meio do trabalho escravo, ou por meio da escravização das telas (MOLTMANN, 2014, p.62).

4. Conclusão

Ao refletirmos que o ser humano foi criado com o propósito de sermos semelhantes ao Filho de Deus, concluímos que o nosso caminho também deve ser o caminho do Cristo, seja na implantação do Reino de Deus, na dignidade da pessoa humana, no cuidado com o próximo, na libertação das estruturas de poder que oprimem, subjugam e violentam os desfavorecidos, ou até mesmo, passar pela cruz, todavia, com a esperança da ressurreição e da vida eterna.

5. Referências

- AGOSTINHO. Patrística: A Trindade. São Paulo, Paulus, 2014.
- BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2008.
- BROWN, R. E. FITZMYER, J. A. MURPHY, R. E. Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento. São Paulo: Ed Academia Cristã Ltda; Paulus, 2007.
- COSTA, Sergio Nascimento da. A Eterna Geração do Filho na Trindade Imanente na Perspectiva dos Padres Capadócios. Rio de Janeiro. 2021. 110p. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- DAVIDSON, Benjamin. Léxico analítico hebraico e caldaico: Todas as palavras e flexões do Antigo Testamento organizadas alfabeticamente e com análises gramaticais. São Paulo: Vida Nova, 2018.
- DENZINGER, H. Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral. 3. ed. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2015.
- EICHRODT, W. Teologia do Antigo Testamento. São Paulo: Hagnos, 2004.
- FERGUSON, S. B. WRIGHT, D. F. Novo Dicionário de Teologia. São Paulo: Hagnos, 2009.
- GRUDEM, W. Teologia Sistemática: ao alcance de todos. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.
- IRENEU DE LIÃO. Patrística: Contra as Heresias. São Paulo: Paulus, 2014. v. 20.
- MOLTMANN, J. O Deus Crucificado – A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Santo André: Editora Academia Cristã, 2014.
- PANNENBERG, W. Teologia Sistemática - vol. 2. Santo André: Editora Academia Cristã Ltda; São Paulo: Paulus, 2009.

C – Terça-feira, dia 7 de outubro de 2025, às 13h.

Moderador: Prof. ALEXANDRE SOUZA CHAVES

1 - ECOLOGIA E EVANGELIZAÇÃO: CAMINHOS DE SUSTENTABILIDADE DESDE A DIOCESE DE IPIALES

José Alexander Flórez Guerrero - Mestrando em Teologia Sistemática Pastoral pela PUC-Rio.

E-mail: parroquialonares2@hotmail.com

Eixo: Esperançar com a Ecologia e a Saúde.

Resumo

A Diocese de Ipiales (Colômbia) apresenta uma experiência de integração entre ecologia e evangelização, evidenciando que o cuidado da criação é uma dimensão essencial da pastoral contemporânea. Por meio da Pastoral Social e do programa de Agricultura Sustentável, as comunidades alcançam autonomia alimentar, preservam sementes nativas, fortalecem mercados agroecológicos e fomentam redes de economia solidária, articulando valores espirituais, culturais e sociais. “Essa prática de ecologia integral torna-se evangelização encarnada, promovendo esperança, participação comunitária e justiça social, ao mesmo tempo em que contribui para a saúde ambiental e humana” (FRANCISCO, 2015, n. 139), em consonância com a encíclica *Laudato Si'* e a Doutrina Social da Igreja³⁶. A experiência mostra como iniciativas pastorais podem enfrentar desafios ambientais locais, promovendo estilos de vida sustentáveis, conscientização ecológica e transformação social a partir da fé, oferecendo aprendizados replicáveis para outras dioceses e comunidades eclesiais em contextos similares. O resumo busca demonstrar como a prática pastoral ecológica da Diocese de Ipiales inspira novos caminhos de evangelização sustentável.

Palavras-chave: Evangelização. Sustentabilidade. Agricultura Sustentável. Saúde

Ambiental

1. Introdução

³⁶ COMPÊNDIO DA DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA (CDSI). Libreria Editrice Vaticana, 2004; FRANCISCO. *Laudato Si'*. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015, n. 139.

A crise socioambiental atual exige repensar a missão da Igreja em relação à criação, apresentando a ecologia como um novo paradigma pastoral. Desde 2020, a Diocese de Ipiales vem fortalecendo iniciativas de integração entre fé e cuidado ambiental, promovendo ações comunitárias que unem evangelização e sustentabilidade. Integrar a preocupação ambiental na ação evangelizadora permite reconhecer que cuidar da Casa Comum não é um acréscimo, mas uma dimensão essencial da pastoral contemporânea (Francisco, *Laudato Si'*, 2015, n. 139).

Neste contexto, a Semana das Comunidades 2025, organizada pelo Departamento de Teologia da PUC-Rio, oferece um espaço de reflexão sobre “Questões Socioambientais no Rio de Janeiro: Caminhos de Sustentabilidade”, promovendo o diálogo entre academia, comunidade e pastoral. Este evento constitui uma oportunidade para explorar como a sustentabilidade pode se articular com a missão evangelizadora, valorizando experiências concretas de dioceses comprometidas com o cuidado da criação.

A encíclica *Laudato Si'* propõe uma abordagem integral que une justiça social, cuidado ambiental e espiritualidade. Nesta perspectiva, a preocupação pelo planeta e pelos mais vulneráveis é inseparável da missão evangelizadora da Igreja, mostrando que a ecologia integral deve fazer parte do eixo central da pastoral contemporânea³⁷.

O presente artigo tem como objetivo, a partir da experiência da Diocese de Ipiales (Colômbia), analisar como a integração entre fé, ecologia e ação comunitária se converte em caminho de evangelização sustentável, evidenciando que a ecologia pode se constituir em eixo da pastoral e oferecendo aprendizagens e estratégias replicáveis para outras comunidades eclesiais em contextos semelhantes.

2. Metodologia

A relação entre o cuidado da criação e a evangelização encontra suas raízes nas Sagradas Escrituras, especialmente no livro do Gênesis: "O Senhor Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden para cultivá-lo e guardá-lo" (Gn 2,15).

Este mandato estabelece uma responsabilidade ética e espiritual do ser humano diante da criação, integrando a dimensão ambiental na vida de fé e na missão pastoral.

³⁷ COMPÊNDIO DA DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA (CDSI). Libreria Editrice Vaticana, 2004, p. 63.

A partir dessa inspiração, este estudo adota uma abordagem qualitativa de tipo estudo de caso pastoral, fundamentada na análise documental e na observação participativa das ações da Pastoral Social da Diocese de Ipiales.

A Doutrina Social da Igreja fundamenta essa responsabilidade, sublinhando que a ação humana deve orientar-se para o bem comum, a justiça e a solidariedade:

A Igreja, com sua doutrina social, não apenas não se afasta de sua própria missão, mas é estritamente fiel a ela. A redenção realizada por Cristo e confiada à missão salvífica da Igreja é certamente de ordem sobrenatural. Por isso, essa doutrina é um caminho para o exercício do ministério da Palavra e da função profética da Igreja (CDSI, 2004, p. 63).

O Papa Francisco, em *Laudato Si'*, desenvolve amplamente essa visão, sinalizando: "Tudo está relacionado, e a saúde das instituições de uma sociedade tem consequências no ambiente e na qualidade de vida humana" (Francisco, 2015, p. 137).

Nesse marco, a Pastoral Social da Diocese de Ipiales, através do Secretariado Diocesano, promove nas comunidades:

- Desenvolvimento integral das pessoas e da comunidade, considerando dimensões espirituais, sociais e ambientais.
- Organização, autogestão e participação comunitária.
- Proteção do meio ambiente por meio de formação, capacitação e gestão de projetos de reflorestamento e conservação, articulando os recursos disponíveis à luz do Evangelho e da Doutrina Social da Igreja³⁸.

3. Resultados e discussão

3.1. Contexto da Diocese de Ipiales: a Diocese de Ipiales situa-se ao sul do departamento de Nariño, Colômbia, com extensão de 11.089 km² e 64 municípios, organizados em 47 paróquias, 7 zonas pastorais e 5 vicariatos. Possui aproximadamente 100.682 habitantes, dos quais 45% residem em sedes municipais e 51,5% em áreas rurais; a composição étnica é diversa: 15% indígenas e 17% afro-colombianos. O território é formado por 194 corregimentos e 282 povoados.

³⁸ FRANCISCO, *Laudato Si'*, Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015, n. 216.

A população é majoritariamente mestiça e camponesa, com forte hospitalidade e apego à terra. Os povos indígenas conservam tradições comunitárias e profundo respeito pela natureza, valorizando a terra como patrimônio cultural e espiritual³⁹.

3.2. Elementos ecológicos e problemáticas: a Diocese abrange altiplanos e sopés amazônicos, com reservas florestais e biodiversidade significativa, mas enfrenta degradação do solo, desmatamento, monocultivos e uso intensivo de agroquímicos, sobre pastoreio, manejo inadequado de terras e exploração de recursos naturais sem planejamento, evidenciando a necessidade urgente de conversão ecológica integral⁴⁰.

3.3. Agricultura Sustentável e Evangelização: o Secretariado Diocesano de Pastoral Social, por meio do programa de Agricultura Sustentável e Desenvolvimento Ambiental, tem promovido:

- Recuperação de solos erodidos e reflorestamento de microbacias.
- Alternativas aos cultivos ilícitos, integrando formação, fortalecimento organizativo e leitura camponesa da Palavra.
- Escolas de Campo Agroecológicas, envolvendo homens, mulheres, jovens e crianças na aprendizagem prática.

Conquistas incluem: centenas de famílias com autonomia alimentar; preservação de sementes nativas; fortalecimento de mercados agroecológicos; e incidência em políticas locais e departamentais em defesa da agroecologia e dos páramos.

3.4. Sinais dos tempos e novo paradigma pastoral: o novo paradigma pastoral integra evangelização e ecologia, promovendo estilos de vida sustentáveis, formação em valores ambientais e criação de Comissões Ecológicas com participação de líderes religiosos, sociais e políticos⁴¹.

A espiritualidade ecológica⁴² torna-se o coração desse novo paradigma pastoral, inspirando práticas de oração, celebração e compromisso comunitário em harmonia com a criação.

4. Conclusão

A experiência da Diocese de Ipiales demonstra que a integração de fé, educação e ação comunitária não apenas protege a biodiversidade, mas fortalece a missão evangelizadora,

³⁹ PLANO INTEGRAL DE EVANGELIZAÇÃO PASTORAL (PIEP). Diocese de Ipiales, 2023, Documento interno; DANE. Censo Nacional de População e Habitação. Bogotá, 2017.

⁴⁰ FRANCISCO. *Laudato Si'*. *Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana*, 2015, §§ 217–221.

⁴¹ FRANCISCO. *Laudato Si'*. *Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana*, 2015, n. 211.

⁴² FRANCISCO. *Laudato Si'*. *Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana*, 2015, nn. 216–221.

oferecendo um modelo pastoral replicável que reconhece a criação como espaço de encontro com Deus e responsabilidade compartilhada por toda a humanidade.

Aprendizagens e recomendações incluem:

- Integração de fé e ecologia vinculada à espiritualidade cristã⁴³
- Experiências comunitárias de agricultura sustentável, reflorestamento e mercados agroecológicos.
- Capacitação e sensibilização ambiental como motor de mudança de comportamento.
- Cooperação interinstitucional e alianças fortalecendo a sustentabilidade.
- Adotar marco pastoral integral e Comissões Ecológicas em outras dioceses; promover estilos de vida sustentáveis e participação ativa da comunidade.

Essa experiência continua em expansão e inspira outras dioceses da Amazônia e dos Andes a assumirem a ecologia como eixo transversal da evangelização.

5. Referências

BOFF, Leonardo. Ecologia integral: o grito da Terra e o grito dos pobres. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

COMPÊNDIO DA DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA (CDSI). Libreria Editrice Vaticana, 2004.

DANE. Censo Nacional de População e Habitação. Bogotá, 2017.

FRANCISCO. *Laudato Si'*. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015.

PLANO INTEGRAL DE EVANGELIZAÇÃO PASTORAL (PIEP). Diocese de Ipiales, 2023, Documento interno.

SANCHIS, Pierre. Religião e meio ambiente: perspectivas latino-americanas. São Paulo: Paulinas, 2019.

⁴³ FRANCISCO. *Laudato Si'*. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015, nn. 116–118.

2 - ESPERANÇAR NA PRÁTICA DO PRIMEIRO MANDAMENTO: DA CULTURA DO ENCONTRO ÀS AÇÕES COMUNITÁRIAS

Flávia Peixoto Mascarenhas - Mestranda pela PUC-Rio

E-mail: flavia.mascarenhas@gmail.com

Eixo Temático: Esperança na Transformação Social.

Resumo

Esperançar na transformação social é uma opção de caminho visando a prática do possível: não se trata de ingenuidade, mas de coragem e compromisso que reconhece que a realidade não apenas pode, mas deve ser humanizada. Inspiradas e inspirados pelo “esperançar” de Paulo Freire, pela encíclica *Fratelli Tutti* e pelo objetivo de estimular uma “Igreja em saída”, somos chamados a superar os discursos que apenas ecoam nas redes sociais e transformar a esperança em prática cotidiana — compartilhar saberes, mobilizar comunidades, construir políticas que acolham os vulneráveis e criar espaços de diálogo que construam as tão desejadas pontes. Esperançar significa identificar a dor e a injustiça sem tolerar suas consequências; é escutar o outro com respeito para converter reconhecimento em direito. É traduzir compaixão em programas concretos: educação e cidadania que garante participação real. A fraternidade proposta por esses documentos não é abstração moral, mas projeto social: cuidar, repartir, incluir. Atitudes que extraímos e trazemos à vida das virtudes teológicas e de misericórdia. Cada gesto feito em comunidade, seja na reflexão sobre educação de agentes críticos ou políticas públicas que protegem migrantes, uma roda de conversa que constrói e reconstrói laços, é um investimento no futuro. Esperançar é, portanto, uma prática pública: exige organização, coragem, ética e persistência. Que nossas ações, por pequenas que pareçam, constituam a trama de um mundo mais justo, onde a dignidade não seja privilégio, mas direito concreto e de todos. Assim se constrói, passo a passo, a transformação social que almejamos.

Palavras-chave: Esperançar. Prática. Diálogo. Virtudes Teológicas. Misericórdia.

1. Introdução

Esperançar na transformação social é uma opção de caminho visando a prática do possível: não se trata de ingenuidade, mas de coragem e compromisso que reconhece que a realidade não apenas pode, mas deve ser humanizada.

2. Metodologia

A metodologia adotada para o desenvolvimento desta comunicação será a pesquisa bibliográfica.

3. Resultados e discussão

"Inspiradas e inspirados pelo “esperançar” de Paulo Freire, pela encíclica *Fratelli Tutti* e pelo objetivo de estimular uma “Igreja em saída”, somos chamados a superar os discursos que apenas ecoam nas redes sociais e transformar a esperança em prática cotidiana — compartilhar saberes, mobilizar comunidades, construir políticas que acolham os vulneráveis e criar espaços de diálogo que construam as tão desejadas pontes. Esperançar significa identificar a dor e a injustiça sem tolerar suas consequências; é escutar o outro com respeito para converter reconhecimento em direito. É traduzir compaixão em programas concretos: educação e cidadania que garante participação real. A fraternidade proposta por esses documentos não é abstração moral, mas projeto social: cuidar, repartir, incluir. Atitudes que extraímos e trazemos à vida das virtudes teológicas e de misericórdia. Cada gesto feito em comunidade, seja na reflexão sobre educação de agentes críticos ou políticas públicas que protegem migrantes, uma roda de conversa que constrói e reconstrói laços, é um investimento no futuro. Esperançar é, portanto, uma prática pública: exige organização, coragem, ética e persistência".

4. Conclusão

Que nossas ações, por pequenas que pareçam, constituam a trama de um mundo mais justo, onde a dignidade não seja privilégio, mas direito concreto e de todos. Assim se constrói, passo a passo, a transformação social que almejamos.

5. Referências

AUGÉ, Matias. Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade. 3^a ed. São Paulo: Ave Maria, 2007.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 19^a impr. São Paulo: Paulus, 2002.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de Aparecida - Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 1^a ed. São Paulo: CNBB, Paulinas e Paulus, 2008.

FRANCISCO, PP. Encíclica Fratelli Tutti, 2020. Disponível em:
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: Maio 2025.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: um encontro com a pedagogia do oprimido. 1^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

LIMA, Luís Corrêa. Teologia e os LGBT+: Perspectiva Histórica e Desafios Contemporâneos. 1^a Ed. ed. Petrópolis: Vozes, 2021.

3 - CRISTIANISMO DIGITALIZADO: INTOLERÂNCIA RELIGIOSA, VIOLÊNCIA SIMBÓLICA E DESINFORMAÇÃO NAS REDES SOCIAIS

Lourdes Maria Alves - Graduanda em Produção Textual pela PUC-Rio.

E-mail: luma.constant@gmail.com

Lívia Batista de Barros - Graduanda em Ciências da Computação pela PUC-Rio. E-mail: liviabatistabarros2003@gmail.com

Eixo: Esperançar com as Tecnologias.

Resumo

O presente trabalho busca analisar a presença do Cristianismo nas redes sociais digitais, compreendendo de que forma discursos religiosos têm sido instrumentalizados na difusão de intolerância, violência simbólica e desinformação no Brasil contemporâneo. Partindo do recorte temporal de 2018 a 2025, em plataformas como Facebook, Twitter (X), Instagram, YouTube e TikTok, investigaremos como lideranças e fiéis cristãos mobilizam narrativas religiosas na disputa pelo espaço público virtual. A pesquisa utiliza como base os referenciais teóricos de Pierre Bourdieu, no conceito de violência simbólica, e de Judith Butler, na performatividade do discurso, articulados com autores brasileiros como Patrícia Birman e Maria das Dores Campos Machado. A análise pretende revelar de que modo trechos bíblicos e interpretações teológicas são apropriados para justificar práticas discriminatórias contra outras religiões e minorias sociais, além de observar a omissão ou resposta institucional da Igreja diante desses fenômenos. O estudo é qualitativo, pautado em análise de conteúdo e discurso, apoiando-se em estudos de caso, levantamento bibliográfico e relatórios de instituições como a CNBB, Santa Sé, SaferNet e observatórios de liberdade religiosa. Como contribuição, o trabalho problematiza a relação entre fé, política e violência digital, apontando riscos ao pluralismo democrático e à liberdade de crença.

Palavras-chave: Cristianismo. Redes sociais. Intolerância religiosa. Violência simbólica.

Desinformação.

1. Introdução

O avanço das tecnologias digitais transformou profundamente a forma como a religião se manifesta no espaço público. No Brasil, o crescimento do fundamentalismo cristão nas redes sociais vem sendo associado a práticas de intolerância, desinformação e discursos de ódio. Essa realidade levanta questões relevantes para os estudos da religião, da comunicação e da política, já que a fé cristã, historicamente ligada a projetos de poder, encontra no ambiente digital novas arenas de disputa. O objetivo desta pesquisa é compreender como o Cristianismo digitalizado se articula nesse cenário, afetando a convivência plural e a liberdade religiosa no período entre 2018 e 2025.

2. Metodologia

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada na análise de conteúdo e discurso.

Foram realizados:

- estudos de caso de líderes religiosos e perfis cristãos em plataformas digitais;
- coleta e interpretação de postagens, vídeos e transmissões;
- revisão bibliográfica em obras acadêmicas e documentos institucionais da Igreja Católica e de denominações protestantes;
- análise de dados produzidos por entidades como SaferNet e Observatório da Liberdade Religiosa.

Os referenciais teóricos principais são Pierre Bourdieu (violência simbólica), Judith Butler (performatividade do discurso) e estudos brasileiros sobre religião e política (Birman; Machado).

3. Resultados e discussão

Espera-se demonstrar que a mobilização de linguagem bíblica nas redes sociais tem legitimado discursos intolerantes e práticas violentas contra religiões de matriz africana, populações LGBTQIA+ e grupos sociais minoritários. Observa-se, ainda, a criação de narrativas conspiratórias que se amparam em leituras seletivas da Bíblia para justificar posições políticas, intensificando processos de polarização social.

A pesquisa também evidencia uma contradição: enquanto instituições religiosas oficiais, como a CNBB e o Vaticano, frequentemente defendem o diálogo inter-religioso, há omissão diante da violência digital praticada por fiéis. Essa ambiguidade reforça a necessidade de analisar a relação entre discurso oficial e práticas cotidianas de intolerância digital, mostrando como a performatividade do discurso religioso (Butler, 2015) pode se converter em instrumento de violência simbólica (Bourdieu, 2011).

4. Conclusão

O Cristianismo digitalizado exerce forte influência na construção de discursos públicos no Brasil, configurando-se como instrumento de disputa política e social. Ao analisar a violência simbólica e a disseminação de desinformação, esta pesquisa evidencia riscos à democracia e à liberdade religiosa, além de destacar a necessidade de responsabilização institucional diante de práticas intolerantes em ambientes digitais. Conclui-se que compreender a atuação cristã nas redes é fundamental para pensar caminhos de enfrentamento à intolerância e ao ódio religioso, preservando o pluralismo democrático e a convivência pacífica.

5. Referências

- ALMEIDA, Ronaldo de. Pentecostalismo e política no Brasil. *Cadernos Pagu*, n. 50, 2017.
- BIRMAN, Patrícia. Religião e espaço público: ensaios sobre o pentecostalismo brasileiro. São Paulo: Garamond, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- BUTLER, Judith. Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. Religião e política: o campo religioso e seu impacto sobre a esfera pública no Brasil contemporâneo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 19, n. 55, 2004.
- RIBEIRO, Maria Carolina Trevisan. Intolerância religiosa e discurso de ódio na internet. *Revista Direito e Práxis*, v. 12, n. 1, 2021.
- SILVA, Vítor. Intolerância religiosa nas redes sociais: limites da liberdade de expressão. Curitiba: CRV, 2020.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023. Brasília: CNBB, 2019.
- SANTA SÉ. Mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial das Comunicações Sociais 2018. Vaticano, 2018. Disponível em: <https://www.vatican.va/>.
- SAFERNET BRASIL. Relatório Anual de Crimes de Ódio e Intolerância na Internet. Disponível em: <https://www.safernet.org.br>.

4 - ESPERANÇAR NA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: A EXPERIÊNCIA DA MORADA DA ESPERANÇA COMO EXPRESSÃO DE ESPIRITUALIDADE E ÉTICA NA PRÁTICA SOCIAL

Camila Costa Elias - Graduanda em Jornalismo pela PUC-Rio.

E-mail: camilacostaelias@gmail.com

Eixo: Esperançar na Transformação Social.

Resumo

XVI Semana da Cultura Religiosa da PUC-Rio: “Esperançar o mundo: inovação, espiritualidade e ética”. Organização Não Governamental (ONG) “Morada da Esperança”. Comunidades carentes da cidade do Rio de Janeiro. Acolhimento, educação, formação cidadã, distribuição de alimentos e projetos sociais. Mobilização de moradores, fiéis, pequenos comerciantes e voluntários. Materialização da espiritualidade e da ética em práticas inovadoras de transformação social.

Palavras-chave: Morada da Esperança. Transformação social. Esperançar. Ética.

1. Introdução

A XVI Semana da Cultura Religiosa da PUC-Rio, com o tema “*Esperançar o mundo: inovação, espiritualidade e ética*”, se propôs a refletir sobre práticas transformadoras que se fundamentam na inovação, na ética e na espiritualidade. Neste contexto, o presente trabalho analisa a trajetória da Morada da Esperança – ONG filantrópica localizada no bairro do Grajaú, na cidade do Rio de Janeiro –, que há 45 anos se dedica a transformar vidas, acolhendo meninas em situação de vulnerabilidade social. A experiência da Morada da Esperança exemplifica como espiritualidade e ética podem se materializar em práticas inovadoras de transformação social, vinculando-se ao eixo “*Esperançar na Transformação Social*” da XVI Semana da Cultura Religiosa.

Este trabalho busca evidenciar como a atuação da ONG “Morada da Esperança” se conecta ao conceito “esperançar” do educador e filósofo brasileiro *Paulo Freire*, entendido como prática ativa e transformadora diante da realidade; igualmente, busca evidenciar como a experiência dessa ONG ilustra a interface entre ética, espiritualidade e inovação social.

2. Metodologia

Nossa pesquisa adotou abordagem *qualitativa*, combinando levantamento documental, análise bibliográfica e fontes primárias. Igualmente, foram utilizados: documentos institucionais da ONG “Morada da Esperança”, observação indireta de suas atividades e obras de referência sobre “espiritualidade, prática e ética do cuidado” (BOFF, 1999; FREIRE, 1992; MORIN, 2005). Além disso, foi feita uma entrevista em 16 de maio de 2025 com *Monica Galvão*, Coordenadora dessa instituição, cujos relatos permitem compreender o cotidiano da ONG e os desafios enfrentados.

3. Resultados e discussão

A ONG “Morada da Esperança”.

Fundada em 1980, a instituição “Morada da Esperança” iniciou suas atividades como abrigo e, em consonância com a legislação, adaptou-se para atuar no contraturno escolar. Hoje, oferece educação, alimentação, atividades culturais e apoio psicossocial a meninas de 4 a 15 anos, vindas de comunidades como Morro dos Macacos, Morro do Encontro, Complexo do Lins e Morro de São João. Atualmente, atende diretamente 42 meninas e beneficia, indiretamente, até 120 pessoas, por meio da distribuição de alimentos e de projetos voltados às famílias – como cursos preparatórios para o *Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos* (*Encceja* – uma prova gratuita do governo federal que avalia jovens e adultos que não concluíram o ensino fundamental ou o ensino médio na idade regular). O funcionamento da instituição depende integralmente de doações e bazares comunitários, mobilizando moradores, fiéis, pequenos comerciantes e voluntários.

3.1. As múltiplas dimensões da atuação da ONG “Morada da Esperança”

Ética e cidadania: ao oferecer acolhimento, refeições diárias, reforço escolar e atividades culturais, essa instituição assegura dignidade e oportunidades a meninas em situação de risco. Atualmente, atende 42 meninas diretamente e impacta até 120 pessoas indiretamente.

Espiritualidade prática: a atuação não se limita ao cuidado físico, mas valoriza autoestima e pertencimento. Como relatou *Monica Galvão*: “Já aconteceu de levarmos algumas ao shopping e elas andarem tímidas, perguntando: mas eu posso estar aqui? [...] Eu sempre digo: Pode, claro que pode. Você pertence a esse lugar” (Entrevista pessoal, 2025). Essa fala ilustra como a instituição promove uma espiritualidade enraizada na dignidade e no reconhecimento de cada indivíduo como sujeito de direitos.

Inovação social: a ONG oferece atividades como judô, balé, teatro, inglês, psicomotricidade, acompanhamento psicopedagógico e apoio emocional, integrando educação formal, lazer e cuidado integral. Além disso, desenvolve projetos futuros como a instalação de placas solares e a ampliação do horário de atendimento até as 18h, sinalizando sua capacidade de adaptação e reinvenção.

Sustentabilidade comunitária: o funcionamento da instituição depende exclusivamente de doações e bazares. Essa realidade mostra como a ética da solidariedade se materializa no cotidiano, sem apoio governamental direto. Nas palavras de Mônica Galvão, Coordenadora da ONG, na entrevista feita:

“A gente sobrevive com a ajuda de moradores e fiéis da Paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, com eventos como bingos, e com parcerias, como a do Comitê Card, além de pequenos comerciantes da região, que doam alimentos. Hoje, o nosso bazar é a principal fonte de renda”⁴⁴.

Impactos sociais concretos: ex-alunas já conquistaram caminhos profissionais significativos – como ingresso em Cursos de Direito ou formação como aeromoça. Esses exemplos confirmam que a instituição gera transformações que vão além do presente, projetando novos horizontes de vida.

4. Conclusão

O estudo da ONG “Morada da Esperança” demonstra que iniciativas comunitárias podem ser práticas concretas de “esperançar”. Ao longo de 45 anos, essa instituição mostrou que ética, espiritualidade e inovação não são conceitos abstratos, mas realidades aplicadas ao cotidiano de meninas em vulnerabilidade.

A sobrevivência por meio da solidariedade comunitária, os frutos visíveis na vida de ex-alunas e os projetos futuros reforçam a potência transformadora da experiência da ONG “Morada da Esperança”. Ela representa não apenas uma resposta local aos desafios sociais, mas um exemplo acadêmico relevante de como a espiritualidade pode se traduzir em ações éticas e inovadoras, que constroem sociedades mais justas. A “Morada da Esperança” é um caso exemplar de “esperançar” no sentido *freireano*, materializando espiritualidade, ética e inovação no enfrentamento das desigualdades sociais.

⁴⁴ Entrevista pessoal feita pela autora com Mônica Galvão, Coordenadora da referida ONG, realizada em 16 de maio de 2025.

5. Referências:

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

Documentos institucionais da Morada da Esperança (Grajaú, RJ).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia dooprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

MORIN, Edgar. *Ética*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

**5 - ESPERANÇAR NA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: UM OLHAR INTERDISCIPLINAR
ENTRE O SERVIÇO SOCIAL E A PSICOLOGIA**

Raquel Cynthia do Nascimento Barbosa - Graduada em Serviço Social e Graduanda em Psicologia pela PUC-Rio.

E-mail: rbarbosa@puc-rio.br.

Eixo: Esperançar na Transformação Social.

Resumo

Este trabalho apresenta uma reflexão interdisciplinar sobre o papel do “esperançar” como força impulsionadora da transformação social, destacando a necessidade de articular conhecimentos e práticas do Serviço Social e da Psicologia. A esperança ativa, segundo Paulo Freire, não se reduz a uma expectativa ingênua ou a um otimismo vazio, mas se traduz em ação concreta, no movimento de pessoas e grupos pela construção de uma sociedade mais justa e de um futuro melhor. Nesse sentido, a pesquisa evidencia que práticas como a escuta qualificada, a promoção de vínculos solidários e o fortalecimento da autonomia do sujeito, seja de forma coletiva ou individual, constituem estratégias fundamentais para a emancipação em contextos de vulnerabilidade e exclusão. Soma-se a isso a relevância da espiritualidade e da inovação social, compreendidas como recursos simbólicos e práticos que fortalecem a resiliência e o engajamento comunitário. Do ponto de vista metodológico, adota-se uma abordagem qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica interdisciplinar e na análise crítica de experiências acadêmicas e profissionais. Os resultados apontam que a integração entre cuidado psicológico e intervenção social contribui para projetos educativos emancipatórios, com impactos duradouros e sustentáveis. Conclui-se que esperançar é assumir uma postura ativa, ética e política na construção de uma sociedade inclusiva e humana.

Palavras-chave: Esperança. Transformação Social. Serviço Social. Psicologia.

Interdisciplinaridade.

1. Introdução

Vivemos em um cenário global marcado por desigualdades estruturais profundas, crises ecológicas, o avanço de tecnologias desprovidas de regulação ética e o recrudescimento de violências simbólicas e materiais. É neste contexto desafiador que o conceito de “esperançar” emerge não como um mero sentimento passivo, uma expectativa ingênua ou um otimismo vazio, mas como uma categoria política e uma prática concreta de resistência. Inspirado no legado do educador Paulo Freire, o verbo “esperançar” — em contraposição ao substantivo estático “esperança” — convoca à ação, ao movimento e à construção coletiva de futuros mais justos. Como nos lembra Freire (1992, p. 8), “a esperança é uma necessidade ontológica; a desesperança, esperança que, perdendo o endereço, se torna distorcida”. Nesse sentido, esperançar é, antes de tudo, encontrar o endereço da ação.

Partindo dessa premissa, este trabalho se propõe a refletir sobre como o “esperançar” pode ser operacionalizado como uma força transformadora da realidade social. Para isso, investiga a articulação interdisciplinar entre o Serviço Social e a Psicologia, campos de saber e prática profundamente comprometidos com a justiça social. Entendemos que a interdisciplinaridade aqui não é um recurso meramente retórico, mas uma necessidade prática. Problemas complexos exigem respostas igualmente complexas, que integrem o cuidado com o sofrimento psíquico a ações estruturais e de mobilização comunitária. Esta integração crítica configura uma estratégia promissora para ampliar o alcance e o sentido das práticas profissionais.

A escolha do eixo “Esperançar na Transformação Social” justifica-se pela urgência de repensar os fundamentos éticos e metodológicos das profissões que atuam na interface com a questão social. A transformação requer mais do que diagnósticos precisos; exige práticas que fortaleçam a subjetividade crítica dos sujeitos, sua capacidade de agir e de se organizar coletivamente. O estudo reconhece que processos de mudança substantiva demandam não apenas intervenções técnicas, mas uma sensível reconfiguração dos vínculos sociais e a melhoria das condições materiais que sustentam a reprodução das desigualdades.

Para embasar esta reflexão, recorremos a um diálogo com tradições de pensamento crítico e vertentes da psicologia social. Além da fundamental contribuição de Paulo Freire, que nos alerta que “a esperança não é um ‘quase nada’, mas um ‘quase tudo’” (FREIRE, 1992, p. 9), este trabalho busca convergir olhares de autores como: Ignacio Martín-Baró, com sua

psicologia da libertação gestada como resposta às violências estruturais na América Latina; Marilda Iamamoto, que analisa com rigor a relação entre o capital financeiro e a produção da questão social; Bader Sawaia, que desvela as “artimanhas da exclusão” e propõe uma ética da alteridade; e Leonardo Boff, que comprehende a esperança como a “força da fé que transforma” (BOFF, 2020). Através deste mosaico teórico, buscamos compreender o “esperançar” como uma atitude prática que combina sensibilidade, visão crítica e ações orientadas para a mudança, posicionando-o como um eixo vital para a práxis profissional no mundo contemporâneo.

2. Metodologia

A esperança, longe de ser uma mera abstração ou um sentimento passivo, constitui uma força motriz para a transformação social. É esta potência ética e política da esperança, e suas ressonâncias no campo das ciências humanas, que este trabalho se propõe a investigar. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, com uma abordagem interdisciplinar e crítica que articula o Serviço Social e a Psicologia.

O percurso metodológico adotado baseia-se na análise comparativa e dialética de obras fundamentais que dialogam diretamente com a temática. O corpus da pesquisa é composto por: Pedagogia da Esperança, de Paulo Freire (1992); Esperança: a força da fé que transforma, de Leonardo Boff (2020); Serviço Social em tempo de capital fetiche, de Marilda Iamamoto (2008); Psicologia da libertação, de Ignacio Martín-Baró (1998); e as artimanhas da exclusão, de Bader Sawaia (2001). A partir deste referencial, a análise foi estruturada em três eixos norteadores: (1) a concepção de esperança como categoria política e ética; (2) os desafios postos pela questão social contemporânea; e (3) as possibilidades de estratégias interdisciplinares de intervenção profissional, buscando identificar convergências e complementaridades entre os autores.

3. Resultados e discussão

Em tempos de crescentes desafios sociais e de uma desesperança muitas vezes institucionalizada, a esperança se revela não como um sentimento passivo, mas como uma categoria fundamental de ação e engajamento. Esta introdução busca explorar como essa concepção ativa da esperança – o “esperançar”, nos termos de Paulo Freire – constitui um eixo interdisciplinar vital, articulando de maneira promissora o Serviço Social e a Psicologia.

A reflexão de Freire (1992, p. 15) oferece o alicerce para este diálogo, ao afirmar que "a esperança não é um 'estar esperando', mas um 'esperançar', um movimento histórico, um engajamento com o futuro", o autor redefine radicalmente o termo, transformando-o em um ato político de resistência e criação. Partindo dessa premissa, compreende-se que o "esperançar" exige tanto a consciência crítica quanto a ação transformadora, elementos que encontram ressonância direta nas práticas dessas duas áreas do conhecimento.

No campo da Psicologia, essa perspectiva é robustecida pela Psicologia da Libertação de Ignacio Martín-Baró (1998, p. 27), que surge como resposta às violências estruturais geradoras de sofrimento psíquico. Para ele, o papel da psicologia é "desalienar, desideologizar e empoderar os sujeitos para que possam transformar sua realidade". Essa abordagem converge com a conscientização freireana, destacando a escuta qualificada e a promoção de uma subjetividade crítica como caminhos para a emancipação. Paralelamente, no Serviço Social, Marilda Iamamoto (2008, p. 89) demonstra como a lógica do capital intensifica a "questão social", demandando do assistente social um posicionamento que ultrapassa a mera gestão de políticas. O profissional é convocado a ser um agente político, articulador de demandas e fortalecedor da autonomia dos sujeitos, em um compromisso ético com a transformação das relações opressivas.

Para aprofundar a interface entre o subjetivo e o estrutural, Bader Sawaia (2001, p. 56) desvela as "artimanhas da exclusão" – mecanismos sutis que naturalizam a desigualdade. Sua defesa de uma ética da alteridade, baseada no reconhecimento do outro, fundamenta práticas verdadeiramente emancipatórias. É nesse ponto que a interdisciplinaridade se mostra essencial: se a Psicologia trabalha os processos de internalização da opressão, o Serviço Social atua sobre as estruturas objetivas que a produzem. A união desses saberes possibilita uma intervenção integral.

Neste contexto, a dimensão espiritual, tal como articulada por Leonardo Boff (2020, p. 32), surge como um recurso simbólico crucial. Entendida não como religiosidade institucional, mas como busca de sentido, a espiritualidade pode ser a "força da fé que transforma", sustentando a resiliência comunitária e o engajamento cívico em meio à adversidade.

Por fim, é na prática concreta que esse arcabouço teórico ganha vida. Projetos comunitários que associam oficinas de escuta psicológica a ações de mobilização social exemplificam como o "esperançar" se materializa. Nessas iniciativas, a construção coletiva de alternativas, o

fortalecimento da autoestima e a conquista de espaços de participação política confirmam a sabia afirmação de Freire (1992, p. 83): "Ninguém muda ninguém. Ninguém se muda sozinho. Os homens se mudam em comunhão, mediatizados pelo mundo". É nessa comunhão de saberes e práticas que a esperança, enquanto ação, encontra sua expressão mais plena.

4. Conclusão

Analizar o "esperançar" à luz do diálogo entre o Serviço Social e a Psicologia permite concluir que a transformação social efetiva exige uma superação de dicotomias historicamente construídas. Não se trata mais de escolher entre a intervenção nas macroestruturas ou o acolhimento da subjetividade, mas de compreendê-las como faces de uma mesma realidade opressiva. A esperança ativa, portanto, consolida-se como um princípio ético e metodológico que integra o cuidado com a dor individual à luta coletiva por direitos.

A interdisciplinaridade demonstrada ao longo deste estudo mostrou-se mais que uma estratégia: é uma postura. A Psicologia, ancorada na perspectiva da libertação, oferece os instrumentos para a desnaturalização do sofrimento e a reconstrução de identidades autonomizadas. Já o Serviço Social, a partir de seu legado crítico, fornece a análise concreta das determinações materiais da questão social e as ferramentas para a organização política. A espiritualidade ética, por sua vez, emerge como um elemento catalisador, sustentando a resiliência necessária para a longa marcha da transformação.

Dessa forma, "esperançar na transformação social" se revela um projeto contínuo de coragem e criação. O legado de Freire, Martín-Baró, Iamamoto, Sawaia e Boff não nos deixa uma fórmula pronta, mas um chamado à ação reflexiva. O convite que fica é para que profissionais e comunidades ousem tecer, no cotidiano de suas práticas, redes de solidariedade e projetos pedagógicos onde a esperança seja, de fato, verbo. O futuro não é um lugar ao qual se chega, mas uma construção que se inicia agora, na capacidade de agir e de sonhar, juntos.

5. Referências

BOFF, Leonardo. Esperança: a força da fé que transforma. Petrópolis: Vozes, 2020.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

IAMAMOTO, Marilda. Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social. São Paulo: Cortez, 2008.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. *Psicologia da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

SAWAIA, Bader Burihan. *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, 2001.

D – Segunda-feira, dia 7 de outubro de 2025, às 13h.

Moderador: Prof. Dr. RENATO DA S. BORGES NETO

1 - ESPERANÇAR NA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL NO PENSAMENTO DOS PADRES CAPADÓCIOS

Adriano Gomes Soares Pessanha - Mestre em Teologia Sistemático-Pastoral pela PUC-Rio.

Email: adrianogsp1@gmail.com.

Eixo: Esperançar na Transformação Social.

Resumo

Este artigo analisa o conceito de “esperançar”, compreendido como esperança ativa e transformadora, à luz do pensamento dos Padres Capadócios – Basílio de Cesareia, Gregório de Nazianzo e Gregório de Nissa. Além de seu papel fundamental na formulação da doutrina trinitária, esses pensadores cristãos se destacaram pela reflexão ética e social, marcada pela denúncia da desigualdade, pelo cuidado com os pobres e pela defesa da dignidade do ser humano. A metodologia baseou-se em pesquisa bibliográfica patrística; contextualização histórico-social; comparação entre os três Padres, buscando convergência temática entre ambos; e discussão crítica. A partir disso, são projetados alguns resultados: primeiro, a esperança escatológica como fundamento ético da transformação social; segundo, a prática da justiça social e da caridade como expressões dessa esperança; e, por último, a importância do testemunho das famílias cristãs e das comunidades religiosas na concretização da transformação social. O estudo mostra, portanto, como o legado capadócio pode iluminar práticas contemporâneas de transformação social, articulando fé, esperança e amor ao próximo.

Palavras-chave: Esperançar. Transformação social. Padres Capadócios. Patrística.

1. Introdução

Os Padres Capadócios (Basílio de Cesareia, Gregório Nazianzeno e Gregório de Nissa) são figuras centrais da teologia cristã do século IV, particularmente no Oriente. Eles ajudaram a formular doutrinas fundamentais, tal como a pneumatologia, e viveram num contexto de

profundas transformações sociais: conflitos internos, pobreza, desigualdade social e expectativas escatológicas. A esperança cristã, nesse contexto, não era apenas uma expectativa vindoura, mas tinha implicações éticas, sociais e transformadoras para o presente. O objetivo deste trabalho é investigar como o conceito de esperança aparece associado à transformação social no pensamento desses três Padres Capadócios: qual tipo de esperança eles promovem; como ela se articula na vida cristã; quais são seus alvos sociais (justiça, igualdade, entre outros); e como essa esperança pode inspirar práticas religiosas e sociais contemporâneas.

Diante deste cenário, algumas questões orientadoras se mostram importantes: de que modo Basílio e os dois Gregórios articulam a esperança cristã como motor de ação social? Quais práticas e discursos sociais eles promovem como expressão concreta dessa esperança? Como eles compreendem a relação entre escatologia e transformação da realidade? Em que medida sua teologia da esperança desafia estruturas sociais injustas?

2. Metodologia

Para responder essas questões, a metodologia adotada compreendeu, primeiramente, o levantamento das obras principais dos Padres Capadócios que tratam de pobreza, justiça, caridade, esperança, escatologia; além de estudos acadêmicos recentes que analisam suas visões sociais.

Em segundo lugar, fez-se análise textual temática da linguagem desses Padres relacionada à justiça social, ao amor ao próximo, à crítica da riqueza e à denúncia das desigualdades, contextualizando historicamente a Capadócia do século IV, para ver como as obras dos Capadócios interagiam com os fatos concretos da época.

Concomitantemente, foi feita uma comparação entre os três Padres, destacando como cada um enfatiza aspectos distintos da esperança transformadora. Por fim, avaliou-se o alcance do pensamento dos Capadócios no presente, como também suas implicações para a teologia contemporânea.

3. Resultados e discussão

Os achados organizam-se em torno de quatro grandes núcleos: a esperança escatológica, a prática da justiça social, a crítica da riqueza e o testemunho comunitário, evidenciando a contribuição desses núcleos para a atualidade.

3.1. Esperança escatológica como fundamento ético

Gregório de Nissa desenvolve fortemente a escatologia como horizonte de esperança. Em seus escritos místicos, ele medita sobre a bem-aventurança da pureza de coração, “porque verão a Deus” (Mt 5,8), mostrando que a pureza do coração é condição para participar da plenitude da vida prometida (GREGÓRIO DE NISSA, 2000, p. 366-368).

Já em Nazianzeno há uma dialética entre pessimismo, causado pelo pecado, e esperança: – ele não nega o sofrimento, ao contrário, o enfrenta, mas distingue-se do desespero. Sua teologia da esperança emerge da experiência pessoal, da poesia, da antropologia cristã, transformando o pessimismo em uma expectativa dinâmica de participação na vida divina (HAVLYRYK, 2025, p. 771).

Para Basílio, a esperança escatológica sustenta seu compromisso com a vida presente: a expectativa de justiça vindoura (juízo final, ressurreição) legitima e pressiona o engajamento com o presente (BASÍLIO DE CESAREIA, 1998, p. 19). Ele convive com a constante tensão escatológica do Reino de Deus.

3.2. Prática da justiça social e caridade como expressão da esperança

O bispo de Cesareia aparece como um precursor da doutrina social na Igreja. Ele cria instituições de assistência, hospitais, desenvolve no monasticismo comunitário o serviço aos pobres. Em sermões como *Homilia 6* e *Homilia 7*, Basílio denuncia a avareza, o egoísmo e o uso indevido dos dons dados por Deus. Ele insiste que tudo que está acima do necessário deve servir ao próximo (RHEE, 2018, p. 1-3).

O bispo de Nazianzo também escreve sobre “amor ao pobre”, exortando os cristãos a verem os pobres não como um fardo, mas como portadores da imagem de Deus, destinatários da generosidade divina e de nossa ação. Por exemplo, ele diz que Deus deu generosamente bens comuns para todos e exige que ninguém feche o coração ou a mão aos necessitados (TOBON, 2021, p. 252).

Gregório Nisseno, também valoriza a caridade como expressão da esperança. Em seu ministério, ele enfatiza que a santidade cristã se manifesta não só no interior, mas no serviço ativo ao outro. Sua teologia da esperança é inseparável da compaixão transformadora, a qual inclui mudança social, pessoal e comunitária (GREGÓRIO DE NISSA, 2015).

3.3. Crítica da riqueza, avareza e desigualdades

Basílio, criticando a avareza e a ostentação da riqueza, convida o rico à generosidade, dizendo: “Como o trigo lançado à terra transforma-se em lucro para aquele que o semeou,

assim o pão dado ao faminto te renderá, a seu tempo, lucro abundante.” (BASÍLIO DE CESAREIA, 1998, p. 15) Ele também reclama do uso indevido de poder econômico e das injustiças fiscais.

Ele condena que pessoas ricas fechem seus bens, acumulem sem partilhar, ou que tratem os bens como propriedade privada absoluta, ignorando que tudo é dom de Deus e que o pobre tem direito aos bens necessários à vida. Para ele, são ladrões aqueles que retêm para si o que poderiam partilhar: “O pão que tu reténs pertence ao faminto, o manto que guardas no armário é de quem está nu; os sapatos que apodrecem em tua casa pertencem ao descalço; o dinheiro que tens enterrado é do necessitado.” (BASÍLIO DE CESAREIA, 1998, p. 19)

Gregório Nazianzeno também critica práticas sociais e morais que mantêm a pobreza ou marginalizam os pobres; ele insiste que generosidade não é opcional para o cristão, mas exigência de justiça. A linguagem dele é forte: não apenas para consolar os pobres, mas para mover os ricos ao arrependimento e ação. Gregório de Nissa, por sua vez, articula uma visão de que a justiça social está enraizada na imagem de Deus no ser humano, de modo que a desigualdade que impede o florescimento humano é incompatível com a vocação cristã (TOBON, 2021, p. 265-266).

3.4 Comunidade, monasticismo e testemunho

O vértice da esperança transformadora dos Capadócios é a vida comunitária: os mosteiros cenobíticos de Basílio, por exemplo, não são isolados, mas inseridos no mundo com atenção aos pobres, à educação e aos enfermos. O modelo de comunhão de bens e serviço mútuo testemunha que é possível viver de modo diferente da competição pela riqueza (BENTO XVI, 2007).

A família cristã e a “igreja doméstica” atuam como produtores da caridade, da partilha e da oração. A vida pessoal dos Capadócios reflete coerência entre esperança, ética e prática. Macrina, irmã de Basílio e Gregório de Nissa, é um exemplo disso (GRÉGOIRE DE NYSSE, 1971, p. 8-9).

O testemunho profético e pastoral está presente nos sermões de Nazianzeno e de Basílio, os quais muitas vezes confrontavam autoridades, criticavam a injustiça fiscal, exigiam decisões justas dos governantes e denunciavam exploradores dos vulneráveis. Esse discurso de esperança aponta para a condição humana renovada em Cristo e pressiona por mudança estrutural. Basílio, escrevendo a um magistrado, o exorta a não menosprezar os pobres, pelo

contrário, tomar decisões sempre justas, de modo a equilibrar a balança da justiça (MEULENBERG, 1998, p. 28).

4. Conclusão

A investigação mostra que há uma esperança transformadora ativa (não passiva) nos três Padres da Capadócia; uma esperança que não se limita a esperar a vinda do Reino de Deus. Pelo contrário, trata-se de uma esperança que transforma a vida, as relações sociais e as instituições. Portanto, o esperançar nos Capadócios pode ser compreendido como uma teologia da esperança que une escatologia, ação caritativa, denúncia da injustiça e testemunho de fé.

Essa conclusão sugere algumas implicações para a atualidade. A esperança cristã exige compromisso concreto com a justiça social enquanto expressão da fé que espera o Reino. A crítica da riqueza dos Capadócios pode inspirar debates atuais sobre desigualdade, consumismo e justiça distributiva. A vida comunitária e monástica como modelos de partilha e de compromisso com os marginalizados pode inspirar práticas em Igreja locais, ONG's e políticas públicas. Importa ainda manter a tensão entre presente e futuro: não esperar que tudo mude agora, porém agir crendo na esperança transformadora, sustentada pela graça de Deus.

5. Referências

BASÍLIO DE CESAREIA. Homilia sobre Lucas 12. In: BASÍLIO DE CESAREIA. Homilia sobre Lucas 12; Homilias sobre a origem do homem; Tratado sobre o Espírito Santo. São Paulo: Paulus, 1998, p. 14-19.

BENTO XVI. A Vida e o Testemunho de São Basílio Magno pelo Papa Bento XVI (1). 2007. Disponível em: <<https://fasbam.edu.br/2019/04/17/a-vida-e-o-testemunho-de-sao-basilio-magno-pelo-papa-bento-xvi/>>. Acesso em: 26 set. 2025.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 14. impr. São Paulo: Paulus, 2020.

GRÉGOIRE DE NYSSE. Vie de Sainte Macrine. Paris: Cerf, 1971. (Sources chrétiennes, n. 178)

GREGÓRIO DE NISSA. *Oratio 6: De beatitudinibus*. In: PAULO VI. Liturgia das Horas. São Paulo: Paulus, v. III, p. 366-368.

GREGÓRIO DE NISSA. Vivamos segundo Deus – São Gregório de Nissa (c. 335-395), monge, bispo. 2015. Disponível em: <<https://diocesedeblumenau.org.br/vivamos-segundo-deus-sao-gregorio-de-nissa-c-335-395-monge-bispo/>>. Acesso em: 26 set. 2025.

HAVRYLYK, I. Pessimism and Hope in Gregory of Nazianzus' Theological Heritage. *Verbum Vitae*, v. 43, n. 3, p. 771–789, set. 2025. Disponível em: <<https://doi.org/10.31743/vv.18158>>. Acesso em: 26 set. 2025.

MEULENBERG, L. Basílio Magno: Fé e cultura. Petrópolis: Vozes, 1998.

RHEE, H. Philanthropy and Human Flourishing in Patristic Theology. *Religions*, v. 9, n. 362, p. 1-21, nov. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.3390/rel9110362>>. Acesso em: 25 set. 2025.

TOBON, M. The Normativity of Measure in Gregory Nazianzus' and Gregory of Nyssa's Orations on Love for the Destitute Poor. *Vox Patrum*, v. 78, p. 239–268, jun. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.31743/vp.12267>>. Acesso em: 25 set. 2025.

2 - ESPERANÇAR OU DESESPERANÇAR O MUNDO: Paulo e Sêneca dois caminhos dialógicos em reflexão.

Eliseu Fernandes Gonçalves - Doutorando em Teologia Bíblica pela PUC-Rio.

E-mail: eliseuhistoriador@gmail.com

EIXO: ESPERANÇAR COM AS HUMANIDADES

Resumo

A esperança, elemento essencial na superação das adversidades humanas, O Apóstolo Paulo e Sêneca escrevem sobre esse tema, sob óticas distintas, refletindo as suas crenças e contextos históricos. Embora contemporâneos e preocupados com questões éticas, eles divergem de modo profundo em suas concepções sobre a “esperança”. Para Paulo, a esperança está intimamente ligada à fé cristã e à graça divina. Ela não representa apenas uma expectativa futura; entretanto, uma certeza espiritual que transcende o sofrimento terreno. Paulo afirma que “porém a esperança não envergonha” (Rm 5,5), pois o derramar do Espírito Santo é prova do amor de Deus para com os cristãos. Perece que Paulo aponta para uma esperança presente e futura, ora presente por causa do exercício da perseverança, ora futura, porque está em Deus, mediante a Cristo (Rm 5,1.8). Assim, a esperança em Paulo é ativa e funcional, que resulta das tribulações. Contudo, para Sêneca, que era um filósofo estoico romano, ele trata a esperança com ambivalência. Portanto, seria para seu estoicismo, tanto a esperança quanto o medo são ilusões que perturbam a alma. A razão guiaria para evitar expectativas incertas. A esperança, nesse contexto, é vista como uma projeção que pode gerar frustração, embora possa ser útil se moderada pela razão e voltada para o bem viver. Apesar das diferenças na percepção de mundo de Paulo e Sêneca, ambos reconhecem o papel da esperança diante do sofrimento. Paulo a enaltece como força espiritual transformadora; Sêneca encara a esperança com cautela, e que precisa ser disciplinada. Caso contrário, tal esperança propicia uma ilusão sobre o que jamais acontecerá. Enquanto Paulo aponta para um horizonte transcendente e humano, futuro e presente, por sua vez, Sêneca propõe uma libertação interior no presente para evitar a ansiedade. É preciso dialogar com as duas formas de se compreender as tribulações ou angústias humanas, pela razão e pela fé.

Palavras-chave: Rm 3,3-5. Cartas a Lucílio. Esperança.

1. Introdução

O objetivo desta comunicação é analisar como o termo “esperança” ($\epsilon\lambdaπίς/spes$) atua na ótica paulina e de Sêneca. Enfim, confrontá-las pela verificação de sentido existencial aplicado aos seus ouvintes. Em seguida, a convergência e a divergência entre eles, no que se refere à compreensão da esperança. A humanidade sempre precisou da esperança, em qualquer ótica. Percebe-se que há um tema filosófico-teológico que pela comparação temática, e que pode ser analisado. Deste modo, Sêneca (4 a.C. e 65 d. C.), Paulo (4 ou 5 a.C. e 67 d.C.)⁴⁵ escreveram dentro da sua cosmovisão sobre a esperança ($\epsilon\lambdaπίς/spes$). Assim, é oferecido nas cartas paulinas, bem como nas cartas de Sêneca a Lucílio, nas quais, há reflexões sobre a esperança humana. O apóstolo Paulo escreve em Rm 3,3-5 com uma perspectiva do presente e de futuro escatológico. Tal esperança cristã é um resultado de Deus se reconciliar com a humanidade por meio de Jesus (Rm 5,1.8). A esperança é um elemento central na capacidade humana de enfrentar dificuldades. Embora ambos tenham vivido em um período contemporâneo, suas vidas não podem ser comparadas pela teologia, mas pelos temas que expressaram. Ambos se preocupam com questões da vida, e pela ótica de cada um, as suas concepções sobre a esperança divergem. Paul Veyne⁴⁶ diz que a mensagem existencial de Sêneca era comum no seu tempo, pois a vida não deixa de ser breve; senão pelo seu uso. Porquanto dispensar o passado, esse está abolido, o presente é inapreensível e de vãs esperanças acerca do futuro ou das esperanças de um futuro vã. Torna-se necessário, transformar esse presente divino da esperança em um momento de tempo por meio da serenidade e do sentido. O Apóstolo Paulo escreveu:

3 não somente, mas também, exultamos nas tribulações, sabemos, porque a tribulação exercita a perseverança, 4, a perseverança (exercita) a experiência, a experiência (exercita) a esperança. 5 porém a esperança não envergonha, porque o amor de Deus derramado está nos nossos corações, por meio do Espírito Santo que foi nos concedido (3 οὐ μόνον δέ, ἀλλὰ καὶ καυχώμεθα ἐν ταῖς θλίψεσιν, εἰδότες ὅτι ἡ θλῖψις ὑπομονὴν κατεργάζεται, 4 ἡ δὲ ὑπομονὴ δοκιμήν, ἡ δὲ δοκιμὴ ἐλπίδα. 5 ἡ δὲ ἐλπὶς οὐ καταισχύνει,

⁴⁵ MURPHY O'CONNOR, J., Jesus and Paul, p. 8.

⁴⁶ VEYNE, P., Séneca y El Estoicismo, p. 214.

ὅτι ἡ ἀγάπη τοῦ Θεοῦ ἐκκέχυται ἐν ταῖς καρδίαις ἡμῶν διὰ πνεύματος ἀγίου τοῦ δοθέντος ἡμῖν).⁴⁷

Por sua vez, Sêneca, nas Cartas a Lucílio (Ep. Mor.)⁴⁸, sendo o seu amigo, discípulo do filósofo, era possivelmente um procurador romano, então, essas cartas servem para expor a ética estoica, ou seja, é um objeto literário que demonstra acessibilidade e pessoalidade entre os interlocutores. Observa-se que em Ep. Mor. V, 7, Sêneca diz que o que Hecatão lhe ensinou: “Deixarás, temer, se deixar de esperar” (*Desines, inquit, timere, si sperare desieris*).

Mas para que deste também dia pequeno banquete contigo eu compartilhe, junto a nosso Hecatão, encontrei das paixões o fim também para do medo remédios servir. Ele disse: Deixarás, temer, se deixar de esperar. Tu dirás: Como estas coisas tão diferentes igualmente vão? Assim é, meu Lucílio, embora pareçam divergir, unidas são. Da mesma forma como a mesma corrente une a guarda e o soldado, assim estas coisas, que tão diferentes são (*Sed ut huius quoque diei lucellum tecum communicem, apud Hecatonem nostrum inveni cupiditatum finem etiam ad timoris remedia proficere. “Desines,” inquit, “timere, si sperare desieris.” Dices: “Quomodo ista tam diversa pariter eunt?” Ita est, mi Lucili: cum videantur dissidere, coniuncta sunt. Quemadmodum eadem catena et custodiam et militem copulat, sic ista, quae tam dissimilia sunt*).⁴⁹

Mas sobre a esperança Paulo diz: “o qual, pela esperança contra a esperança creu” (ὅς παρ’ ἔλπιδα ἐπ’ ἔλπιδι ἐπίστευσεν). Dando como exemplo Abraão, que acrescentou à esperança à fé, nota-se que a fé é o componente que dá a esperança a força futura, devido o amor divino. Assim a tríade das virtudes teológicas na vida cristã (1Co 13,13; 1Ts 1,3). Por essa razão, a esperança em Paulo está atrelada à fé, já que “...a esperança não envergonha” pois é exercitada pela experiência que cada um vive, por sua vez, pela perseverança oriunda das tribulações.

Segundo Simon Legasse⁵⁰ diz que a vida cristã enquanto aguarda o cumprimento da promessa divina, passará por tribulações, por provações inúmeras de modo inevitável. Contudo, é nas tribulações e até mesmo por meio delas que o cristão encontra motivo de alegria, porquanto tais experiências dolorosas se tornam sinal de que ele participa da etapa final de uma história conduzida por Deus até o seu desfecho iminente. Em Rm 3,3, Paulo

⁴⁷ O texto grego utilizado é da NA²⁸, como se trata de uma comunicação, colocou-se o texto grego na sequência após a tradução. NESTLE, E.; ALAND, K. Novum Testamentum Graece. 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012, p. 490.

⁴⁸ Usaremos a abreviatura usada pela Loab Classical Library para as obras de Sêneca: *Epistulae morales ad Lucilium* (Ep. Mor.) *De Provendentia* (Prov.) *De Vita Beata* (Vit. Bea.).

⁴⁹ Os textos de Sêneca que se utilizou foi de Richard Gummere. SENECA, Lucius Annaeus. *Epistulae morales ad Lucilium*. With an English translation by Richard M. Gummere. (The Loab Classical Library, vol I and II). Cambridge: Harvard University Press, 1917, 1928.

⁵⁰ LEGASSE, S., L'Epistola di Paolo ai Romani, p.258.

afirma que a exultação não ocorre apesar das tribulações, mas precisamente nelas e por causa delas, algo que, à primeira vista, parece paradoxal. Trata-se, portanto, de uma realidade que ultrapassa as expectativas humanas, configurando-se como uma dádiva surpreendente. Em seguida, o apóstolo esclarece a razão dessa postura: os cristãos se alegram nas adversidades porque sabem como Paulo explica que os frutos e benefícios espirituais que brotam dessa experiência de sofrimento. Para Joseph Fitzmyer⁵¹ a experiência da reconciliação e justificação demonstra uma implicação escatológica do tempo presente, para todos os cristãos, sendo ao mesmo tempo, paradoxal, o fundamento da esperança cristã é a morte e a ressurreição de Cristo, tendo o papel do Espírito Santo como uma força dinâmica que garante vitalidade à existência cristã. Deste modo, a manifestação da graça pelo amor de Deus.

Para Sêneca o medo e a esperança estavam entrelaçados, claro que a esperança não era ruim, mas que, dentro do sistema filosófico, a esperança causava dor e sofrimento, pois a mente humana se manteria ansiosa. Então, se em Ep. Mor. 5,7: “Deixarás de temer, se deixares de esperar.” (*Desines timere, si sperare desieris*), a esperança por causa das incertezas e impotência da vida gera o medo. Parece que Sêneca destaca que esperança mantém a mente ansiosa, enquanto a liberdade do sábio exige controle das expectativas. Elizabeth Gloyn⁵² diz que “Sêneca não vê conflito entre a autossuficiência do sábio e o seguimento dos desejos naturais, desde que essas decisões sejam guiadas por seu próprio julgamento plenamente racional (*arbitrium*) e não pelas paixões irracionais dos não-sábios.”. Tal pensamento se reflete também em Prov. 3, 5: “Esperança e medo permanecem juntos; quem espera, teme” (*Spes et timor simul manent; qui sperat, metuit*). Esse segundo conselho de Sêneca a Lucílio, parece reforçar que a esperança e ansiedade são inseparáveis, e a serenidade depende de limitar a esperança que sente. Por essa ótica, a virtude da esperança deve ser presente na virtude em si mesma e não em expectativas futuras, como caminho para a “serenidade” (*άταραξία*)⁵³.

Da mesma forma, em Ep. Mor. 13,4: “Esperar é desejar algo para o futuro” (*Sperare est aliquid in futurum desiderare*). Aqui ele define esperança como desejo projetado para o futuro,

⁵¹ FITZMYER, J. A., *Lettera ai Romani*, p. 470-471.

⁵² GLOYN, E., *My Family Tree Goes Back to the Romans: Seneca's Approach to the Family in the Epistulae Morales*, p. 235.

⁵³ O termo *άταραξία* pode significar: “impassividade”, “frieza”, “calma” ou “serenidade”. BAILLY, A., *άταραξία*, p. 298.

reforçando que sempre envolve antecipação e, portanto, incerteza. Em outra parte, na Ep. Mor. 54,13: “O sábio não espera o futuro, mas suporta com paciência o que acontece” (*Sapiens non sperat futura, sed patientia fert quae accidunt*). Mas na obra Vit. Bea. 7,2: “Aquele que nada espera de si mesmo, é equilibrado quanto a tudo” (*Qui sibi nihil sperat, aequus est ad omnia*).⁵⁴

Logo, o sábio estoico alcança tranquilidade ao não depender de expectativas; a esperança descontrolada pode gerar sofrimento. Por outro lado, Sêneca, filósofo estoico romano, apresenta uma visão mais ambivalente. Para o estoicismo, tanto a esperança quanto o medo podem ser ilusões que perturbam a alma, sendo necessário que a razão discipline as perspectivas diante do incerto. A esperança, nesse contexto, é uma projeção do futuro que pode gerar frustração, embora seja útil se moderada pela razão e orientada para o bem viver. Joseph Dodson⁵⁵ afirma que a depravação humana é enraizada e Sêneca sabe disso, mas ainda mantém uma esperança no progresso moral, esse se dará paulatinamente, não com remédios. Mas pela virtude que ainda é atrapalhada pelo vício (Ep. Mor. 75,16) e com pouco progresso (Ep. Mor. 87,4-5). Assim, os preceitos genuínos por si só não são suficientes, é preciso aprender com a sabedoria dos sábios (Ep. Mor. 59, 9-10).

Para Paulo, a esperança está profundamente vinculada à fé cristã e à graça divina. Outrossim, não se trata apenas de uma perspectivas em relação ao futuro, mas de uma certeza espiritual capaz de superar o sofrimento terreno. Em suas cartas, ele afirma que “a esperança não envergonha” (Rm 5,5), indicando que o Espírito Santo derramado nos crentes é prova do amor de Deus. Assim, a esperança paulina é simultaneamente presente e futura. É presente, porque se manifesta na perseverança diante das tribulações, e futura, porque está firmada em Deus, por meio de Cristo (Rm 5,1.8). Dessa forma, a esperança atua como força ativa, capaz de sustentar e transformar a vida do fiel, pois a fé está ligada à esperança, que está atrelada ao amor (1Cor 13,13). Esse amor gera a esperança da filiação presente e da expectativa futura da ressurreição e da Parousia.⁵⁶

⁵⁴ Sobre os textos de Sêneca em Latim, aconselhamos a leitura. SENECA, Lucius Anneus. *De vita beata*. par MAILLET, Eugè. Paris: Biblioteque Classique Eugène Berlin, 1882; SENECA, Lucius Annaeus. *Moral essas (De Providentia, De Constantia, De Ira, De Clementia)*. With an English translation by John William Basore. London: Heinemann, New York: Princeton University, 1928.

⁵⁵ DODSON, J. R., *Paul and Seneca on the Cross*, p. 253-254.

⁵⁶ DUNN, J. G., *A teologia do apóstolo Paulo*, p. 350-351. RIDDERBOS, H., *A teologia do apóstolo Paulo*, p. 225-226.

Murphy O'Connor⁵⁷ diz que: "A ansiedade inominada que permeia o nosso mundo está enraizada no sentimento sem esperança de que as coisas foram longe demais para serem trazidas de volta ao controle". O cristão e os filósofos estoicos buscam respostas para essa ansiedade que todos em algum momento vive., em maior ou menor grau.

2. Metodologia

Quanto à metodologia, essa comunicação se utiliza de alguns passos do Método Histórico-Crítico, a) Tradução, b) Análise lexicográfica, c) Crítica histórica, pela breve investigação do contexto social. Em seguida, uma análise pela comparação temática: a) Avaliação trechos dentro do tema esperança de Paulo e Sêneca, b) Identificação das dimensões do tema em cada texto, c) Sintetize das convergências e divergências entre Paulo e Sêneca. No que se refere ao Apóstolo Paulo, *a priori*, o uso de Rm 3,3-5 e de Sêneca, as obras de *Epistulae Morales ad Lucilium*, *De Providentia*, de *Vita Beata*. Por fim, uma abordagem homilética-pastoral para que os ouvintes-leitores possam esperançar o mundo com sua própria esperança.

3. Resultados e discussão

Propõe-se pela intertextualidade temática examinar como ambos dialogam, ainda que pressupostos e finalidades diferentes, é claro, pelo contexto de instabilidade no Império Romano e nas perseguições e tribulações que os cristãos sofriam, inclusive Paulo, no tempo de Nero em 64-67 d.C., também Sêneca, a diferença é que um estava na corte e outro no calabouço, as tensões políticas entre 62-65 d.C., que Sêneca padeceu desde exílio até o suicídio forçado (Ball, 2000).

A esperança em Sêneca está enraizada na vida pela razão é não se entregar ao desespero no presente e nem à ansiedade do futuro incerto. De outra forma, o ser humano é escravo das tribulações e não é guiado pela razão. É preciso que as características da esperança em Sêneca sejam demonstradas: a) Ambivalência: se a esperança e medo estão juntos, são ambos que roubam a serenidade da mente humana (Ep. Mor. 5,7), b) Racionalidade para a autossuficiência: para alcançar a serenidade o ser humano deve se libertar desta dependência da esperança por meio da razão, c) Aceitação dos fatos: a esperança não é desejar um futuro melhor, que pode ou não acontecer, é aceitar o que acontece de forma racional.

⁵⁷ MURPHY O'CONNOR, J., A antropologia pastoral de Paulo, p. 94.

Por outro lado, a esperança paulina está ancorada na fé pela promessa da ressurreição corporal, não como otimismo; sendo uma certeza espiritual decorrente do Espírito Santo que mostra o amor divino. É preciso que as características da esperança em Paulo sejam demonstradas: a) Ação ativa no presente: a esperança atua no agora, pois ajuda os cristãos a suportarem as tribulações (Rm 5,3-5), essa ação ativa colabora com o autodomínio na luta contra a vontade humana contrária a Deus (Rm 13,11-12; Gl 5,19-23), b) Base escatológica: mesmo que aponte para o futuro, e atue no presente, Paulo também faz uma conexão com essa verdade de fé, se a criação “gême” esperando a redenção dos cristãos, para também experimentar a renovação futura (Rm 8), c) Virtude teológica: nota-se a esperança como dom de Deus, na ação divina na tríade teologal (1Cor 13,13). Assim, o ponto em comum entre Paulo e Sêneca não está na concepção de destino ou na atitude diante do sofrimento, mas em um modo particular de exercer o cuidado pastoral paulino e no cuidado com o outro por Sêneca.

Apesar das diferenças entre as perspectivas de Paulo e Sêneca, ambos reconhecem o papel da esperança diante do sofrimento humano, e cada um no seu contexto e perspectiva. Enquanto Paulo enfatiza o caráter da esperança como transformador, Sêneca aconselha a disciplina pelo autodomínio ou governo de si mesmo, para tal, alcançando a serenidade (ἀταραξία). O mesmo Espírito que promove o amor que é a força interior em Deus para vencer as tribulações, mediante a perseverança e esperança (Rm 5,5). Paulo, atento a esse valor, coloca a perseverança entre as virtudes essenciais da vida cristã (Rm 2,7; 5,3-4; 8,25; 15,4-5; 2Cor 1,6; 6,4). Na filosofia grega, de fato, o destaque não recaía sobre “esperança” (ἐλπίς) em meio ao sofrimento, mas sobre a ὑπομονή ou a ἀταραξία (serenidade). De modo diferente, Paulo une perseverança e esperança, e em expressões como “a perseverança da esperança” (1Ts 1,3).

4. Conclusão

O apóstolo Paulo, como teólogo cristão, ele a concebe como um dom divino, inseparável da fé e do amor, tal esperança projeta o cristão para a plenitude futura da salvação pela ressurreição. O filósofo Sêneca, em contraste, a entende como afeto ambíguo que deve ser disciplinado pela razão para não para escravizar a alma, Sêneca propõe a serenidade. Por mais que haja todas as desesperanças no mundo, esse caminho por mais que seja dolorido,

Paulo mostra que a esperança que ensina é mais que uma autossuficiência; pois é confiar em Deus, como o “Deus da esperança” (θεὸς τῆς ἐλπίδος).

5. Referências

- BAILLY, Anatole. *Dictionnaire grec-français*. 4e éd. Paris : Hachette, 1935.
- BALL, Charles Ferguson. *A vida e os tempos do apóstolo Paulo: a reconstituição da mais famosa história missionária da Igreja cristã*. 3. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.
- BULTMANN, B.; RENGSTORF, K. H.; PREISKER, H., ἐλπίς. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard (org.). *Grande Lessico del Nuovo Testamento*.(v. III). Brescia: Paideia, 1967, p. 507-550.
- DODSON, Joseph R. *Paul and Seneca on the Cross: The Metaphor of Crucifixion in Galatians and De Vita Beata*. In: DODSON, by Joseph R.; BRIONES, David E. (eds.). *Paul and Seneca in Dialogue (Ancient Philosophy & Religion, 2)*. Boston: Brill Academic, Leiden, 2017, p. 247-266.
- FITZMYER, Joseph A. *Lettera ai Romani*. Bologna: Edizioni Dehoniane, 2010.
- GLOYN, Elizabeth. *My Family Tree Goes Back to the Romans: Seneca’s Approach to the Family in the Epistulae Morales*. In: WILDBERGER, Jula; COLISH, Marcia L. (eds.). *Seneca Philosophus. (Trends in Classics Q Supplementary Volumes, 27)*. Boston, Berlin: De Gruyter GmbH, 2014, p. 229-268.
- HOLLAND, Francis Caldwell; Sêneca, Vida e Filosofia: Introdução, tradução e notas de Alexandre Pires Vieira Montecristo Editora, 2020
- LEGASSE, S., *L’Epistola di Paolo ai Romani*. Brescia: Queriniana, 2004.
- MURPHY O’CONNOR, Jerome. *A antropologia pastoral de Paulo: tornar-se humanos juntos*. (Coleção temas bíblicos). São Paulo: Paulus, 1994.
- MURPHY-O’CONNOR, Jerome. *Jesus and Paul: Parallel Lives*. Collegeville, Minnesota Liturgical Press, 1998.
- NESTLE, E.; ALAND, K. *Novum Testamentum Graece*. 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.
- SENECA, Lucius Annaeus. *Epistulae morales ad Lucilium*. With an English translation by Richard M. Gummere. (The Loab Classical Library, vol. 1). Cambridge: Harvard University Press, 1917.

SENECA, Lucius Annaeus. *Epistulae morales ad Lucilium*. With an English translation by Richard M. Gummere. (The Loab Classical Library, vol, 2). Cambridge: Harvard University Press, 1920.

SENECA, Lucius Annaeus. Moral essas (De *Providentia*, De *Constantia*, De *Ira*, De *Clementia*). With an English translation by John William Basore. London: Heinemann, New York: Princeton University, 1928.

SENECA, Lucius Annaeus. *De vita beata*. Sénèque ; texte latin, d'après l'édition de Koch, précédé d'une notice sur la vie de Sénèque, avec un résumé analytique de l'ouvrage, accompagné de notes... et suivi d'un appendice, par Maillet, Eugène. Paris: Bibliothèque Classique Eugène Berlin, 1882.

VEYNE, P., Séneca y El Estoicismo. México: Fondo de Cultura Económica, S.A. de C.V, 1995.

3 - Inteligência Artificial e Ética Cristã: Limites Humanos e Tecnológicos

Thadeu Cavalcanti Carrera Tavares - Graduando em Engenharia da Computação pela PUC-Rio. E-mail: thadeu.ct@gmail.com.

Eixo: Esperançar com as Tecnologias

Resumo:

A Inteligência Artificial (IA) é uma das transformações mais significativas da atualidade, provocando questões culturais e éticas que vão muito além do avanço técnico. À luz da ética cristã, a IA não é vista como uma ameaça, e sim como uma oportunidade de colaboração entre fé e inovação, desde que orientada por valores que preservem a dignidade humana e o bem comum. Este artigo analisa documentos recentes da Igreja, como a nota *Antiqua et Nova* (2025), o *Rome Call for AI Ethics* e as mensagens do Papa Francisco, além do testemunho de São Carlo Acutis, para propor uma reflexão sobre os riscos e as potencialidades da tecnologia. O estudo argumenta que a espiritualidade cristã oferece critérios para um uso responsável da IA, garantindo que o desenvolvimento seja, ao mesmo tempo, inovador e humanizador. Conclui-se que a revolução digital pode se tornar um caminho para a justiça e a solidariedade, desde que a inovação sirva à humanidade.

Palavras chave: Inteligência Artificial. Tecnologia. Doutrina Social da Igreja. Ética Cristã.

Dignidade Humana.

1. Introdução

O desenvolvimento da Inteligência Artificial (IA) é uma das maiores inovações da nossa era, transformando nosso dia a dia e expandindo horizontes em áreas como saúde, educação, comunicação e pesquisa. Embora essa tecnologia desperte grande entusiasmo, ela também traz à tona questões éticas inevitáveis. Enquanto a IA é destacada como uma tecnologia que pode aprimorar capacidades humanas e criar novas possibilidades, o fascínio por ela é acompanhado de preocupações sobre seus impactos sociais, culturais e espirituais.

Nesse cenário, a ética cristã não se posiciona como um obstáculo, mas como um guia para o diálogo com o mundo. Longe de rejeitar o progresso, a Igreja entende a criatividade humana

como uma colaboração com Deus na construção da história. O Papa Francisco reforça essa visão ao afirmar que a IA deve estar a serviço de um mundo melhor, unida ao bem comum. Essa perspectiva da Igreja, que reconhece os avanços tecnológicos, é também um alerta para os riscos de a tecnologia ser usada para reduzir a dignidade da pessoa. Ao centralizar o ser humano, a fé cristã nos oferece um guia para evitar a exploração e trilhar um caminho que nos torne mais humanos.

Entre os documentos que tratam dessa relação, a nota *Antiqua et Nova* (2025) e as mensagens do Papa Francisco, somadas à Doutrina Social da Igreja, formam um referencial crítico sólido para lidar com os desafios do mundo digital. Nesse contexto, o *Rome Call for AI Ethics*, é um exemplo prático de como a Igreja tem promovido um diálogo aberto para construir uma IA mais ética.

Este artigo pretende refletir de forma crítica e propositiva sobre como a IA pode ser integrada à vida social sem negligenciar a importância do ser humano no centro da construção do futuro. Usando os elementos da pesquisa, o objetivo não é apenas identificar riscos, mas também mostrar que a espiritualidade cristã pode orientar um uso responsável da tecnologia, em que o desenvolvimento seja inovador e humanizador.

2. Metodologia

Este estudo utiliza de uma abordagem qualitativa, centrada em análise de documentos. As principais referências são publicações do magistério da Igreja e iniciativas sobre a ética da tecnologia, tal como a nota *Antiqua et Nova* (2025), as mensagens do Papa Francisco e o documento *Rome Call for AI Ethics*, assinado pela Pontifícia Academia para a Vida em parceria com grandes empresas de tecnologia.

Além desses referenciais, a pesquisa considera a experiência de Santo Carlo Acutis, jovem que fez das tecnologias digitais seu instrumento de evangelização. Seu testemunho mostra que a internet pode ser utilizada como um canal de fé, encontro e promoção do bem.

A metodologia consiste, portanto, em identificar os princípios éticos da tradição cristã, dignidade da pessoa, solidariedade, bem comum e responsabilidade moral, e relacioná-los aos desafios e oportunidades da IA. O objetivo ao utilizar dessas referências teológicas e técnicas não é apenas identificar os riscos, mas também propor critérios para um desenvolvimento tecnológico que favoreça a paz, a justiça social e a promoção integral do ser humano.

3. Resultados e discussão

A Igreja, ao refletir sobre a Inteligência Artificial, revela que o grande desafio não é rejeitar a tecnologia, mas sim guiar seu uso de forma que esteja em sintonia com os valores humanos e espirituais. A IA não deve ser vista como uma ameaça à fé, mas como uma manifestação da inventividade humana que, em acordo com a Doutrina Social da Igreja, cumpre seu propósito de cooperar com Deus na evolução da história e da humanidade. Assim, a tecnologia e a Igreja podem atuar como parceiras para orientar a inovação em favor da vida, da dignidade e do bem comum.

A nota *Antiqua et Nova* (2025) discorre sobre a diferença entre a inteligência humana da artificial. O documento reforça que a IA é apenas um instrumento, e nunca um substituto para a riqueza das relações pessoais. Essa distinção é crucial, pois a inteligência humana se constrói nas relações e é moldada por uma vasta gama de experiências vividas em um corpo. A IA, por outro lado, "não possui a capacidade de evoluir nesse sentido", oferecendo uma visão funcionalista que avalia as pessoas apenas por trabalhos e resultados. Da mesma forma, o documento recorda que a IA nunca poderá substituir a dimensão espiritual da existência humana.

A distinção feita pela Igreja vai além da capacidade técnica de processar dados. A inteligência humana é moldada não só por informações, mas pelas sensações, emoções e interações em um corpo físico, algo que a IA não pode replicar. Além disso, a experiência humana referenciada trás uma perspectiva mais filosófica e teológica, não técnica. Essa experiência é inseparável de uma dimensão espiritual e de uma consciência que a tecnologia não consegue replicar. Portanto, quando a *Antiqua et Nova* afirma que a IA não tem capacidade de evoluir nesse sentido, ela se refere a essa falta de dimensão espiritual e experiencial, que são elementos centrais para a dignidade e a singularidade do ser humano.

Outro aspecto crucial abordado é a privacidade e a gestão de dados. A Igreja alerta para os riscos de vigilância excessiva e manipulação de informações, no entanto, sem condenar a tecnologia em si. O que se pede é um uso ético e que respeite a consciência e a liberdade das pessoas. O documento também reforça que, embora a IA nunca possa substituir a dimensão espiritual da existência, quando usada de forma equilibrada, ela pode até favorecer a evangelização e o uso focado no bem comum da humanidade, como mostram as iniciativas digitais que espalham mensagens de fé, solidariedade e esperança.

Um exemplo concreto dessa integração entre espiritualidade e tecnologia é a vida de São Carlo Acutis. O jovem, santificado em 2025, era apaixonado por informática e soube usar a internet como um meio de evangelização, criando uma exposição virtual sobre os milagres eucarísticos. Seu testemunho mostra que a tecnologia, quando bem orientada, é capaz de aproximar as pessoas de valores profundos e universais, em vez de afastá-las. Mais do que um simples alerta, sua vida é uma demonstração prática de que fé e inovação digital podem, de fato, caminhar juntas.

Essa mesma visão, de que fé e tecnologia podem caminhar juntas, é a base para iniciativas como o Rome Call for AI Ethics(RCAE). O documento mostra como a Igreja busca promover um diálogo aberto e multidisciplinar para o desenvolvimento das inovações, de uma IA mais ética, sem atuar de forma isolada. O RCAE tem como base seis princípios, a transparência, a inclusão, a responsabilidade, a imparcialidade, a segurança e a privacidade. Essas diretrizes foram a forma que encontraram de estruturar uma busca por um desenvolvimento tecnológico que coloque o ser humano e o bem comum no centro, indo além do lucro e do avanço pelo avanço.

A busca por um desenvolvimento ético da IA é um tema central nas mensagens do Papa Francisco, que frequentemente reforça a necessidade de que o progresso tecnológico esteja a serviço de um mundo mais justo. O Papa nos convida a rezar "para que o progresso da robótica e da inteligência artificial esteja sempre a serviço do ser humano, [e] podemos dizer, que seja humano". Ele adverte, ainda, que se a IA "aumentar as desigualdades, não é um progresso real". Essa visão alinha-se aos princípios do RCAE, que busca garantir que a inovação digital respeite a dignidade da pessoa, promova a justiça social e contribua para a paz, evitando a lógica de um paradigma tecnocrático que privilegia apenas a eficiência e o lucro.

Portanto, é perceptível que a Igreja reconhece a IA como um futuro necessário, mas insiste que sua implementação deve se basear em princípios éticos sólidos. O debate não se fundamenta em aceitação ou rejeição da inovação, mas na decisão de como queremos caminhar junto a ela. O discernimento ético, inspirado pela espiritualidade cristã, garante que os avanços não se tornem uma ameaça, e sim um caminho para a justiça, solidariedade e humanização.

4. Conclusão

O avanço da Inteligência Artificial representa uma etapa irreversível da história, e o objetivo não é convertê-la, mas aprender a acompanhá-la. Como visto, a Igreja se empenha em trilhar esse caminho junto à tecnologia, pois a religião não pode ser vista como um atraso para a evolução, mas como uma força que se mantém firme em sua luta para que o mundo não subjugue o ser humano a uma mercadoria, e sim o valorize. Ao insistir na centralidade da pessoa, no bem comum e na responsabilidade moral, a ética cristã ilumina o desenvolvimento da IA, mostrando que fé e tecnologia não são opostas, mas podem e devem caminhar juntas na construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Desde as palavras do Papa Francisco até documentos oficiais, a Igreja se faz presente na vida cotidiana e, por meio de seus fiéis, como São Carlo Acutis, tenta utilizar as novas ferramentas para seguir guiando o mundo em um caminho do bem. Nesse sentido, o desafio está em nossas mãos: decidir que tipo de sociedade queremos construir — se uma em que a IA seja apenas funcional e lucrativa, ou uma em que se torne instrumento de fraternidade, justiça e paz. A ética cristã, com sua sabedoria, pode ser a chave para garantir que a revolução digital seja, também, uma revolução humanizadora.

5. Referências

Papa: progresso da robótica e da inteligência artificial a serviço do ser humano. Portal Vida e Família. 19 dez. 2020. Disponível em: <https://vidaefamilia.org.br/papa-progresso-da-robotica-e-da-inteligencia-artificial-a-servico-do-ser-humano>. Acesso em: 21 set. 2025.

Fé, União e Tolerância: as Frases Emblemáticas do Papa Francisco. Forbes. 21 abr. 2025. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbeslife/2025/04/fe-uniao-e-tolerancia-as-frases-emblematicas-do-papa-francisco>. Acesso em: 21 set. 2025.

Sé, Santa. Vaticano publica nota “Antiqua et Nova” sobre a Inteligência Artificial para quem é chamado a educar e transmitir a fé. CNBB. 28 jan. 2025. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/vaticano-publica-nota-antiqua-et-nova-sobre-a-inteligencia-artificial-para-quem-e-chamado-a-educar-e-transmitir-a-fe>. Acesso em: 21 set. 2025.

Quem é Carlo Acutis?. Vatican News. 26 ago. 2019. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2019-08/veneravel-carlo-acutis.html>. Acesso em: 21 set. 2025.

FOUNDATION, Renaissance. WHAT IS THE MATTER WITH AI ETHICS? Disponível em: <https://www.romecall.org/>. Acesso em: 21 set. 2025.

4 - DIREITO, ÉTICA E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: ESPERANÇAR O FUTURO TECNOLÓGICO

Julia Batista Vilela - Graduanda em Direito pela PUC-Rio.

E-mail: Juliabvilelapuc@gmail.com

Eixo: Esperançar com as Tecnologias

Resumo

O avanço da inteligência artificial (IA) no campo jurídico suscita reflexões éticas, jurídicas e espirituais que não podem ser ignoradas. Do caso Loomis nos Estados Unidos, em que algoritmos influenciaram a fixação de penas sem transparência, ao robô algorítmico Victor no Supremo Tribunal Federal, responsável por economizar milhares de horas de trabalho humano, observa-se um cenário no qual a tecnologia impacta diretamente direitos fundamentais. Este trabalho busca analisar como o Direito pode atuar como instrumento de esperança ativa (esperançar), orientando o uso da IA a partir de valores éticos e espirituais que respeitem a dignidade humana. Metodologicamente, a pesquisa adota revisão bibliográfica interdisciplinar, explorando conceitos técnicos de IA (big data, machine learning, análise preditiva), marcos regulatórios (LGPD, AI Act) e perspectivas ético-religiosas sobre justiça e bem comum. Os resultados indicam que, embora a IA traga ganhos de eficiência processual e democratização do acesso à justiça, também carrega riscos de vieses, violações de privacidade e disseminação de fake news. Conclui-se que o Direito, articulado à ética e à espiritualidade, tem papel essencial na construção de marcos regulatórios que assegurem inovação tecnológica aliada à justiça social, à inclusão e à promoção de sociedades mais humanas e sustentáveis.

Palavras-chave: Direito Digital. Inteligência Artificial. Ética. Espiritualidade. Sociedade.

1. Introdução

A inteligência artificial, inicialmente concebida como experimento matemático por Alan Turing, transformou-se em ferramenta presente no cotidiano jurídico e social. Com o avanço de big data e machine learning, tribunais e escritórios de advocacia passaram a utilizar algoritmos

para classificação de documentos, análise preditiva de teses e até recomendação de sentenças. Esse fenômeno, embora positivo sob o prisma da eficiência, levanta dilemas jurídicos fundamentais. A questão central não é apenas se a IA funciona, mas se ela pode ser utilizada de forma compatível com os princípios constitucionais e com valores éticos e espirituais universais.

O Direito, portanto, é chamado a atuar como mediador entre inovação tecnológica e proteção da dignidade humana.

2. Metodologia

O estudo adota abordagem dedutiva e qualitativa, baseada em pesquisa bibliográfica interdisciplinar. Foram analisados documentos oficiais, como a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) no Brasil e o Tratado 108 do Conselho da Europa, bem como relatórios sobre experiências práticas de IA no Judiciário brasileiro e internacional. A metodologia incluiu ainda a consulta a obras de referência em ética digital, filosofia da tecnologia e teorias de espiritualidade aplicadas ao direito. Essa abordagem permitiu identificar pontos de convergência entre eficiência tecnológica, regulação jurídica e valores de dignidade humana. Também foram considerados artigos acadêmicos que discutem vieses algorítmicos, casos judiciais emblemáticos e relatórios técnicos de organismos internacionais como a União Europeia e a UNESCO.

3. Resultados e discussão

O uso da IA trouxe ganhos inegáveis de eficiência. O Victor, no STF, reduziu em 22 mil horas por ano o tempo de servidores, com economia de mais de 3 milhões de reais. Sua taxa de acerto de 91% demonstra a capacidade de lidar com grandes volumes de processos, auxiliando na repercussão geral. No Brasil, outros tribunais também inovaram: o Radar, em Minas Gerais, faz triagem automatizada por similaridade; o Elis, em Pernambuco, agiliza execuções fiscais; e o Poti, no Rio Grande do Norte, realiza penhoras automáticas em contas bancárias. Esses exemplos mostram que a IA pode ampliar o acesso à justiça, reduzir a morosidade processual e melhorar a gestão do Judiciário. Além disso, escritórios de advocacia vêm utilizando IA para análise de contratos, predição de litígios e revisão de documentos, ampliando a produtividade e permitindo maior foco em atividades estratégicas. Apesar dos avanços, os riscos são significativos. O caso Loomis nos EUA evidenciou a opacidade dos algoritmos. O réu foi condenado com base em um software cujos critérios eram

secretos, violando princípios como contraditório e proporcionalidade. Os vieses algorítmicos são outro problema. Pesquisas demonstram que sistemas de IA podem reforçar preconceitos raciais ou sociais ao utilizar dados históricos enviesados. Isso revela que a tecnologia carrega as marcas culturais e ideológicas de seus programadores. No campo processual, surge a dúvida: até que ponto é legítimo que um juiz se apoie em recomendações de um robô? Seria admissível um juiz-robô como já se discute na Estônia? Além disso, a crescente dependência tecnológica levanta preocupações sobre a autonomia decisória dos magistrados e sobre a soberania dos tribunais em relação a sistemas desenvolvidos por empresas privadas.

A utilização massiva de big data exige proteção rigorosa. A LGPD, inspirada no modelo europeu (GDPR), representa um marco no Brasil. Ela garante princípios como transparência, finalidade e segurança no tratamento de dados pessoais. Contudo, a realidade mostra que ainda há fragilidades. O uso indevido de dados para manipulação política, como no escândalo da Cambridge Analytica, evidencia como a ausência de regulação efetiva pode afetar democracias inteiras. A espiritualidade reforça aqui um ponto essencial: a proteção de dados não é apenas um direito formal, mas uma condição para a liberdade e a dignidade humana. Nesse sentido, a criptografia, os sistemas de anonimização e os mecanismos de governança de dados ganham relevância, pois permitem maior controle do indivíduo sobre suas informações.

Outro campo em que IA e Direito se cruzam é o combate às fake news. Robôs algorítmicos têm sido usados tanto para espalhar desinformação quanto para tentar contê-la. O desafio é equilibrar liberdade de expressão e proteção da democracia. A blockchain surge como possibilidade de garantir integridade de dados, especialmente em contratos inteligentes. No Direito, pode simplificar registros cartoriais e reduzir fraudes. Mas levanta questões jurídicas sobre validade, autenticidade e responsabilidade em caso de falhas. O fenômeno da desinformação é agravado pela capacidade da IA de criar deepfakes, que colocam em xeque a confiança pública em imagens e vídeos. Isso demanda respostas jurídicas que vão desde a regulação de plataformas até o fortalecimento de políticas de educação midiática.

A tecnologia não é neutra. Seu impacto depende da forma como é regulada e utilizada. Nesse ponto, a ética jurídica e a espiritualidade oferecem parâmetros. A ética orienta que a IA deve ser transparente, justa e auditável. A espiritualidade traz valores como solidariedade, compaixão e justiça social para orientar o desenvolvimento tecnológico. Paulo Freire já

afirmava que esperançar é transformar a realidade por meio da ação consciente. Aplicado às tecnologias, significa garantir que a IA não seja instrumento de opressão, mas de emancipação. O diálogo inter-religioso e intercultural reforça essa perspectiva, ao colocar no centro do debate não apenas a eficiência da máquina, mas a vida humana em sua integralidade. Essa abordagem amplia o horizonte de análise, permitindo que marcos regulatórios sejam inspirados por valores universais de dignidade e bem comum.

Em nível global, diversos países vêm estruturando regulações específicas para a inteligência artificial. A União Europeia avança com o AI Act, legislação que estabelece parâmetros para usos de alto risco da IA, exigindo auditorias, transparência e responsabilidade clara dos desenvolvedores. Nos Estados Unidos, ainda predomina um modelo mais setorial, com orientações da Federal Trade Commission e do NIST, mas sem uma lei federal abrangente. Na China, a IA é vista como eixo estratégico de desenvolvimento econômico e geopolítico, o que levanta preocupações em relação ao equilíbrio entre inovação e direitos fundamentais. Comparar esses modelos oferece ao Brasil a oportunidade de construir uma regulação que une inovação e justiça social, valorizando a proteção constitucional da dignidade da pessoa humana.

A inteligência artificial não impacta apenas processos jurídicos, mas reconfigura a forma como os indivíduos se percebem na sociedade. Ao delegar funções antes exclusivas da cognição humana para algoritmos, surge a necessidade de refletir sobre a essência do ser humano e sua singularidade. A espiritualidade contribui para esse debate ao lembrar que a tecnologia deve estar a serviço da vida e não o contrário. Religiões e tradições filosóficas convergem na defesa da compaixão, da justiça e da solidariedade, valores que podem e devem orientar a regulação jurídica da IA. Assim, o Direito não pode se limitar a responder pragmaticamente às demandas técnicas, mas deve ser permeado por valores que transcendam a dimensão material e alcancem a integridade da pessoa.

Diante desse panorama, percebe-se que a construção de marcos regulatórios para a inteligência artificial exige diálogo constante entre ciência, Direito e espiritualidade. Apenas com esse tripé será possível enfrentar dilemas como a manipulação de dados em larga escala, a discriminação algorítmica e a concentração de poder tecnológico nas mãos de poucos atores globais. A experiência brasileira, ancorada na Constituição de 1988 e em princípios de

solidariedade e justiça social, pode servir como referência para um modelo regulatório que não copie modelos estrangeiros, mas que seja inovador e atento às necessidades locais.

4. Conclusão

A inteligência artificial representa um dos maiores desafios contemporâneos para o Direito. Seus benefícios, como celeridade, eficiência e acesso à justiça, não podem ser dissociados dos riscos, como vieses, opacidade e violações de direitos fundamentais. O Direito, aliado à ética e à espiritualidade, deve ser o pilar que sustenta a esperança em um futuro tecnológico humano e justo. A regulação da IA não pode se limitar à técnica, mas deve incorporar valores universais de dignidade, liberdade e solidariedade. Conclui-se que o uso responsável da IA no campo jurídico pode ser um exemplo paradigmático de como esperançar com as tecnologias: transformar inovação em instrumento de justiça social, inclusão e promoção da vida em todas as suas dimensões. Somente assim será possível assegurar que a tecnologia não seja fator de exclusão, mas de emancipação, contribuindo para sociedades mais inclusivas, democráticas e sustentáveis.

5. Referências

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. Curso a distância: Aplicação da Inteligência Artificial ao Direito. Brasília: STF, 2020–2025.

BARROSO, Luís Roberto. Vinte anos da Constituição de 1988: a reconstrução democrática do Brasil. Revista de Informação Legislativa, n. 179, jul./set. 2008.

CALISKAN-ISLAM, A.; BRYSON, J.J.; NARAYAAN, A. Semantics derived automatically from language corpora necessarily contain human biases. Princeton, 2016.

BERWICK, R.; CHOMSKY, N. Why only us: language and evolution. Cambridge: MIT Press, 2017.

BRASIL. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (Lei n. 13.709/2018). Brasília, DF: Presidência da República.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. “Robô Victor”. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/>.

STATE v. LOOMIS, 881 N.W.2d 749 (Wis. 2016). Wisconsin Supreme Court, 2016.

UNESCO. Global report: freedom of expression and media development. Paris: UNESCO, 2021.

CONSELHO DA EUROPA. Tratado 108: Convenção para a proteção das pessoas no que diz respeito ao tratamento automatizado de dados pessoais. Estrasburgo, 1981.

5 - A ESTÉTICA DA ESPERANÇA: CAMINHOS PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Kristoforus Muit - Doutorando em Teologia pela PUC-Rio.

E-mail: itomuit2000@gmail.com

Eixo: Esperançar na Transformação Social.

Resumo

A estética da esperança é uma força transformadora que vai além da simples apreciação da beleza. Ela nos inspira a imaginar e a construir um futuro mais justo e solidário. Quando a experiência estética se une à esperança, ela nos mostra que a realidade pode ser diferente, impulsionando a busca por soluções para as desigualdades e a exclusão social. Nesse contexto, a arte se torna uma ferramenta de conscientização e mobilização, convidando as pessoas a reconhecerem a dignidade humana. A prática dessa esperança estética envolve valorizar a diversidade e dar voz aos marginalizados. Ao transformar o sofrimento em narrativas de possibilidade, a arte gera uma energia criativa que leva a ações concretas em prol da equidade e da inclusão. A verdadeira mudança social depende do cultivo de uma sensibilidade que une ética, imaginação e ação coletiva. A arte, agindo como uma ponte entre o presente e um futuro melhor, se estabelece como mediadora dessa esperança. A estética da esperança, portanto, é um compromisso ético e social com a construção de um mundo mais humano.

Palavras-chave: Estética, Esperança, transformação social, arte

1. Introdução

O presente estudo busca explorar a relação entre estética, esperança e transformação social, evidenciando como a arte e as sensibilidades estéticas podem contribuir para processos de mudança social. Parte-se da premissa de que a experiência estética não se limita à contemplação da beleza, mas atua como vetor de empatia, engajamento e reflexão crítica. O objetivo central é investigar como práticas culturais e artísticas podem gerar inspiração e fomentar iniciativas sociais que promovam justiça, solidariedade e inclusão. A relevância do estudo se encontra na necessidade de compreender instrumentos culturais e espirituais que potencializem a transformação social em contextos contemporâneos.

A partir de uma perspectiva teológica, a relação entre beleza, esperança e ação social encontra ressonância em diversos pensadores. O teólogo luterano Søren Kierkegaard via a estética como a primeira etapa na jornada da vida, mas a considerava insuficiente por si só. Para ele, a beleza sem o compromisso ético e o salto de fé levaria a uma vida de desespero e superficialidade. No entanto, a experiência estética pode ser um prelúdio para a descoberta do sentido mais profundo, um despertar para a necessidade de algo maior. A este respeito, Kierkegaard (1987) argumenta que "o desespero é a doença mortal" e que a estética, por si só, não pode curá-la, mas pode ser um ponto de partida para a busca de uma existência mais autêntica e engajada.

O teólogo alemão Paul Tillich argumentava que a arte, em suas diversas formas, é capaz de expressar o "ultimatum religioso" ou o "sentido do sagrado". Para ele, a beleza pode ser uma "teofania", uma manifestação do divino, que nos desafia e nos move a transcender o mero realismo. A arte, nesse sentido, não apenas reflete a realidade, mas também a questiona e aponta para as possibilidades de um futuro mais justo e redimido. A experiência estética nos conecta com a "esperança escatológica", a esperança na plena realização do reino de Deus, que nos motiva a agir no presente para transformar a realidade. Tillich (1959) afirma que a arte "é uma forma de questionar e de responder às questões últimas da existência humana". Em um contexto mais contemporâneo, a teologia latino-americana da libertação, com pensadores como Gustavo Gutiérrez, ressalta a importância de uma "estética da libertação". Para Gutiérrez, a beleza não é algo distante e idealizado, mas se manifesta na solidariedade, na justiça e na dignidade dos mais pobres. A arte, a música e a poesia podem ser ferramentas poderosas para expressar o sofrimento do povo, mas também para celebrar sua resistência e sua esperança. A beleza, nesse caso, é inseparável da luta por um mundo mais humano e fraternal, e a experiência estética se torna um ato de fé e de compromisso. Como destaca Gutiérrez (1973), a teologia deve ser "uma crítica da sociedade e uma celebração da esperança".

A teóloga feminista Sallie McFague também contribui para essa discussão, ao propor uma "teologia da beleza encarnada". Para ela, a beleza não está apenas nas grandes obras de arte, mas na simplicidade da natureza, no cuidado com o próximo e na construção de comunidades de acolhimento. A beleza é, portanto, um convite à ação, um lembrete de nossa responsabilidade de cuidar da criação e de uns dos outros. Nesse sentido, a esperança não

é uma espera passiva, mas uma força ativa que nos impulsiona a criar beleza e a promover a vida em todas as suas manifestações. McFague (1993) sugere que a beleza se encontra "na teologia da beleza encarnada, onde a beleza é uma manifestação de Deus no mundo".

2. Metodologia

O Olhar dos Teólogos sobre a Relação entre Arte, Esperança e Transformação Social.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com caráter exploratório e bibliográfico. Foram analisadas obras de referência sobre estética, filosofia da arte, espiritualidade e transformação social, aprofundando o diálogo com teólogos que veem na beleza e na arte um caminho para a esperança e a mudança.

A inclusão do teólogo suíço Hans Urs von Balthasar se justifica pela sua monumental obra *Estética Teológica*. Para Balthasar, a beleza é a primeira e mais evidente manifestação de Deus, um "esplendor" que precede a verdade e o bem. Ele argumenta que a estética teológica não é apenas um estudo sobre a arte sacra, mas uma forma de contemplar o mistério divino revelado em Cristo. A beleza de Cristo, em sua plenitude, é a fonte da esperança cristã, pois a cruz, embora feia em sua dor, é a manifestação máxima da beleza do amor que redime e transforma. A experiência estética, portanto, nos conecta com essa beleza divina, inspirando-nos a refletir e agir para que a beleza do amor se manifeste no mundo. Balthasar (1982) afirma que "o belo é o esplendor da verdade".

A contribuição do teólogo brasileiro Leonardo Boff é essencial, pois ele traz para o centro da discussão a "estética da libertação" e a beleza da solidariedade. Boff argumenta que a estética não pode ser separada da ética e da política. A verdadeira beleza se manifesta na dignidade dos oprimidos, na luta por justiça e na construção de um mundo mais humano. A arte, a música e a poesia se tornam instrumentos de denúncia e de anúncio: denunciam as estruturas de opressão e anunciam a possibilidade de um mundo novo, forjado pela esperança. Para Boff (1999), a esperança não é uma espera passiva, mas uma força que nos impulsiona a cuidar da Terra e a construir uma "Casa Comum" justa e sustentável para todos. Ele enfatiza que "a estética e a ética andam de mãos dadas, pois a beleza se manifesta na luta por um mundo mais justo".

A Contribuição de Maximino Cerezo Barredo para a Estética da Esperança

A inclusão do missionário claretiano e artista plástico Maximino Cerezo Barredo é fundamental para entender a relação entre teologia, arte e engajamento social. Com seus vibrantes murais

e pinturas em igrejas e comunidades por toda a América Latina, Barredo (2005) traduziu a Teologia da Libertação para uma linguagem visual e acessível. Suas obras não são meras ilustrações de narrativas bíblicas; são interpretações profundas que dialogam diretamente com a realidade de pobreza, opressão e resistência dos povos.

A arte de Barredo se distingue por sua capacidade de dar voz aos oprimidos. Em seus murais, os rostos e as histórias das pessoas comuns — camponeses, operários, indígenas — tornam-se protagonistas. Ele inverte a perspectiva tradicional da arte sacra, que muitas vezes retrata figuras idealizadas, e coloca no centro da cena aqueles que a sociedade marginaliza. Essa escolha estética é um ato de solidariedade, uma "opção preferencial pelos pobres" expressa visualmente.

A beleza nas obras de Barredo não é uma abstração distante, mas sim um instrumento de conscientização e empoderamento. Ao verem suas próprias realidades representadas de forma digna e esperançosa, as comunidades são inspiradas a se reconhecerem como agentes de sua própria história. A arte se torna uma forma de evangelização que vai além da palavra, fortalecendo a fé, a solidariedade e a esperança em um futuro de dignidade. A beleza, para Barredo, não é um fim em si mesma, mas um meio para mobilizar e inspirar a ação concreta em prol da justiça social.

A sua obra é um testemunho visual de que a esperança não é uma espera passiva, mas uma força ativa que impulsiona a transformação. Para ele, a arte é um ato profético, capaz de denunciar as injustiças e, ao mesmo tempo, anunciar a possibilidade de um mundo novo, mais humano e fraterno. As obras de Barredo são um poderoso exemplo de como a estética pode se unir à ética para promover uma mudança social profunda e significativa.

A análise busca identificar elementos comuns que associem a experiência estética à promoção de esperança e mudança social, não apenas em teoria, mas também na prática. Ao examinar experiências práticas de arte engajada em comunidades, como oficinas culturais, projetos de arte urbana e ações educativas, a pesquisa espera demonstrar como a beleza, em suas múltiplas formas, pode ser uma força motriz para a transformação, unindo a contemplação à ação.

3. Resultados e discussão

A Estética como Catalisadora de Esperança na Teologia - Os resultados da pesquisa indicam que a estética, quando articulada à ética e à espiritualidade, funciona como catalisador de

esperança e engajamento social. Observou-se que experiências artísticas promovem empatia, fortalecem vínculos comunitários e estimulam a consciência crítica sobre desigualdades sociais. A discussão evidencia que a beleza e a expressão artística não são apenas recursos sensoriais, mas mediadores de transformação, capazes de gerar imaginários de futuro mais justos e inclusivos. Além disso, a integração da espiritualidade à prática estética reforça a dimensão ética da ação social, sugerindo caminhos de engajamento que unem sensibilidade, criatividade e responsabilidade social.

A teologia, ao longo da história, reforça essa constatação. O teólogo Paul Tillich, em sua obra *Teologia da Cultura*, argumenta que a arte é capaz de penetrar nas camadas mais profundas do ser humano, revelando o sagrado e o transcendental em meio ao profano. A experiência da beleza, para Tillich, é um momento de "choque ontológico", um encontro com o ser que nos move para além da nossa existência limitada. Esse encontro gera uma esperança não meramente psicológica, mas ontológica, que nos dá a força para enfrentar as injustiças e trabalhar por um mundo melhor. Tillich (1959) ressalta que "a arte é uma forma de 'ultimatum religioso' porque nos confronta com o sentido do sagrado".

A Teologia da Libertação, em especial, celebra a arte como um ato de resistência e profecia. A beleza, nesse contexto, não é um ideal abstrato, mas uma realidade que se manifesta na dignidade dos pobres, na solidariedade comunitária e na luta por justiça. O teólogo Leonardo Boff destaca que a "esperança encarnada" se expressa na capacidade do povo de se reinventar, de criar arte e cultura a partir de suas próprias dores e alegrias. A estética, assim, se torna um instrumento de denúncia da opressão e de anúncio de um futuro libertador. A arte dos oprimidos não apenas reflete sua realidade, mas a transforma, nutrindo a esperança de que um outro mundo é possível. Boff (1999) argumenta que "a arte do povo é uma forma de expressão da esperança, de sua luta e de sua fé".

A integração da espiritualidade à prática estética, como sugerido nos resultados, é um ponto crucial. O teólogo Hans Urs von Balthasar em sua *Estética Teológica* defende que a beleza de Deus, manifestada em Cristo, é o fundamento de toda a beleza criada. A contemplação dessa beleza divina nos inspira a agir com amor e a buscar a justiça. A prática artística, quando imbuída de espiritualidade, transcende a mera expressão estética e se torna um ato de fé e de serviço. A beleza criada pelo ser humano, assim, ecoa a beleza do Criador,

convidando-nos a uma vida de responsabilidade e cuidado com o próximo e com a criação.

Von Balthasar (1982) destaca que "o belo é o que torna o bem e a verdade visíveis".

Em suma, os resultados da pesquisa ressoam com a visão teológica de que a arte e a beleza não são supérfluas, mas essenciais para a experiência humana e para a transformação social. Elas servem como mediadoras entre o ser humano, o sagrado e a realidade, abrindo caminhos para a esperança e o engajamento ético.

4. Conclusão

A Estética da Esperança como Força de Transformação Social

Conclui-se que a estética da esperança constitui uma ferramenta potente para a transformação social, ao integrar a experiência sensível, a reflexão ética e a ação comunitária. A arte engajada e a vivência da esperança oferecem oportunidades concretas de mudança, inspirando indivíduos e coletivos a promoverem práticas de solidariedade, justiça e cuidado com o próximo.

A partir do diálogo com a teologia, esta conclusão ganha ainda mais profundidade. O teólogo Jürgen Moltmann, em sua obra *Teologia da Esperança*, argumenta que a esperança cristã não é uma atitude passiva, mas uma força que antecipa o futuro de Deus no presente. A arte, nesse sentido, pode ser uma "imagem profética" que torna visível aquilo que ainda não existe, mas que se espera. A beleza, ao nos tocar, nos move a agir para que a realidade se assemelhe a essa imagem de um futuro redimido. A esperança se torna, então, uma força criativa que impulsiona a transformação social. Moltmann (1967) afirma que "a esperança cristã não se contenta em esperar, mas atua para que o futuro de Deus se torne presente".

Para Paul Tillich, a arte, ao revelar o sagrado, nos impulsiona a transcender o mero realismo e a enxergar as possibilidades de um futuro mais justo. A beleza, quando percebida como manifestação do divino, nos dá a coragem de lutar contra o que é feio e desumano no mundo. A estética da esperança, nesse contexto, é um convite a construir um mundo que reflita a beleza e a bondade de Deus. Tillich (1959) destaca que "o sagrado nos chama para uma transcendência ativa, não passiva".

A Teologia da Libertação, por sua vez, reforça a ideia de que a beleza está na luta e na solidariedade. Para teólogos como Gustavo Gutiérrez, a beleza se encontra na dignidade resgatada dos pobres e na construção de comunidades onde todos são valorizados. A arte, nesse sentido, é um meio para que os oprimidos expressem sua voz, celebrem sua resistência

e fortaleçam a esperança em um futuro de libertação. A estética da esperança é, portanto, a beleza que nasce da dor e se traduz em ação concreta. Gutiérrez (1973) reforça a ideia de que "a estética da libertação se manifesta na beleza da luta por justiça e na dignidade do oprimido".

Recomenda-se a ampliação de estudos interdisciplinares e projetos experimentais que consolidem a relação entre estética, espiritualidade e transformação social, consolidando uma visão de sociedade mais humana e inclusiva. A arte, a ética e a fé se unem para criar um futuro de esperança, demonstrando que a beleza não é um luxo, mas uma necessidade fundamental para a vida em plenitude.

5. Referências

- Balthasar, Hans Urs von. (1982). *Estética Teológica: A Glória do Senhor*. São Paulo: Paulus.
- Boff, Leonardo. (1999). *Saber Cuidar: Ética do Humano, Compaixão pela Terra*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Cerezo Barredo, Maximino. (2005). *Maximino Cerezo Barredo: Vida e Obra*. São Paulo: Paulinas.
- Gutiérrez, Gustavo. (1973). *Teologia da Libertação: Perspectivas*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Kierkegaard, Søren. (1987). *O Desespero Humano*. Rio de Janeiro: Editora do Autor.
- McFague, Sallie. (1993). *Modelos de Deus: Teologia para uma Era Ecológica e Nuclear*. São Paulo: Editora Paulinas.
- Moltmann, Jürgen. (1967). *Teologia da Esperança*. São Paulo: Vozes.
- Tillich, Paul. (1959). *Teologia da Cultura*. São Paulo: Perspectiva.

Sessão de encerramento:
Celebração Ecumênica

Padre Abimar de Moraes (Presidente)
Pastor Henrique Vieira
Rabino Sergio Margulies
Alexandre Pereira (Espiritismo)
Renata Souza (Religiões Afro-brasileiras)

10 de outubro, às 12:30h | RDC PUC-Rio



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO (PUC-Rio). XVI
Semana da Cultura Religiosa – Sessão de Comunicações. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2025. Disponível em: <https://youtu.be/bypHNcV16Cc>. Acesso em: 24 out. 2025.